SINCERA DEFEZA DA VERDADE

EM

DESAFFRONTA DO CLERO,

OU

ANTIDOTO ANALYTICO

CONTRA AS INTITULADAS

CONSIDERAÇÕES PACIFICAS

SOBRE O OPUSCULO

EU E O CLERO,

CARTA AO REDACTOR DO PERIODICO — A NAÇÃO,

POR

A. HERCULANO.

SEU AUTHOR

FRANCISCO RECREIO.

Tu ne cede malis: sed contra audentior ito.
Virg.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.
Rua dos Capellistas n.º 62.
1850.

PREAMBULO.

Outra vez entramos no campo da lide para continuar a rebater, e debellar o attentado atroz e iniquo, commettido contra o Clero. Vimos que após o escripto audacissimo — Eu e o Clero — viera logo, como no alcance, á luz publica uma Carta dirigida ao Redactor do Periodico — A Nação — debaixo do chamado, e inculcado titulo *Considerações Pacificas* sobre o monstruoso Opusculo — Eu e o Clero. —

Pensei eu, e muita gente deveria pensar comigo, a julgar pela inscripção do novo impresso, que o Author do escandalo execrando publicára; que a tragedia inepta de feroz guerra contra o Clero se teria convertido em um drama de caracter pacifico a respeito de uma Classe tão vil e indignamente ultrajada. Julguei que a brutalidade arrependida da affronta atroz, mais bem aconselhada e advertida, viria humilde confessar o seu erro, e delle retractar-se, não só perante o Sacerdocio, que aggredíra; porém até mesmo ante as aras da philosophia,

e da civilização, a cujos dictames faltára. Pensei que o accésso da febre cerebral que tivera atacado o furioso contra o Clero houvera já decorrido o seu termo; que a sezão tivera já declinado, e até de todo desvanecido-se; que em fim os rugidos do leão furibundo seriam succedidos pelos meigos balidos de mansa ovelha. — Não foi porém, ainda mal, nem aconteceu assim. O titulo tinha o brilho loução de ouro falso, que bem depressa maréára. Não foi preciso ler mais do que uma folha, e talvez nem tanto, para logo se conhecer perfeitamente que o seu metal era do mais caracteristico, e estremado *pechisbeque*. — Era o mesmo infatuado individuo, que sem alguma conversão, nem emenda, continuava a gravar pelos bicos da penna no desgraçado papel novos testemunhos publicos de desprezo e asco contra o innocente Clero. — Fez-se logo sem o menor embuço conhecer aos olhos do mundo critico, ainda os mais peticégos e myopes, que o elixir ou droga alambicada que vendia era sem tirar nem pôr da mesma natureza, embora o vendilhão a quizesse inculcar com seductor pregão; que era mesmissima a fazenda, não obstante que o charlatanismo tivesse inculcado a especiaria da sua fabrica em um rotulo com bem abertas e enxergadas lettras — *Considerações Pacificas*. — Era o mesmo heroe empertigado, que com bravatas de Roldão, sem deixar os mesmos habitos e tendencias já havidas, viera representar na segunda parte do inepto romance, que, para ter adequado nome, lhe chamaremos — o grande insulto contra o Clero. — E' o mesmo anti-Clerical espadachim que contradictorio com a propria lettra do titulo do seu escripto, vem fazer ao Clero dura guerra. — Mas de que servem os golpes fanfarronicos de uma já embotada durindana contra o escudo impenetravel da verdade, que forte e immovel lhes resiste? Que valem e podem as fetidas e nauseantes fumaças da presumpção personalizada, que disputa o monopolio da sciencia, sem saber o que tal seja, contra as evoluções certas e firmissimas das armas de uma bem manejada dialectica, que as destroem e anniquilam? Nada, e só nada.

Que figura vem pois fazer no Orbe litterario um papel, que por alcunha dizem ser — *Considerações Pa-*

cificas? Uma só, e unica póde fazer. E' e vem a ser o dar a conhecer, e confirmar, com mais um exemplo miseravel, perante o mundo das cathegorias dos intelligentes, a certeza do proverbio nacional que expressamente nos ensina, e se enuncia a cada passo por estas formaes palavras: *E' peior a emenda que o Soneto.* — Tal é o que passamos a fazer ver na refutação do supra mencionado Opusculo — *Considerações Pacificas.* — Para este fim chamaremos no intentado bosquejo analytico ou *Sincera Defeza da Verdade* ao tribunal de uma severa e imparcial critica aquellas passagens ou asserções que pela sua estranheza, absurdo, e ainda frivolidade e altiveza o merecerem, para as confutar e destruir, e, se de tanto forem dignas, atirar até com ellas para as raias do ridiculo.

Comprehenderemos pois as asserções ou passagens reprehensiveis debaixo de tantos Artigos geraes, quantos constituiram as censuras que o Jornal — *A Nação* — fizera á sua primeira Carta — Eu e o Clero — : ás quaes o Author respondera, evadindo-se, como dizem, *per transennam.*

Artigo 1.º

A antithese contida no titulo — Eu e o Clero.

Nota com estranheza o Jornal — *A Nação* — a generalidade de antagonismo que o escriptor com tão arrogante titulo ostenta contra o Clero. Qualifica o *sbaglio* como improprio da honra e credito do antagonista, e até para elle arriscado pelo seu resultado. — São motivos verdadeiros; e que respiram até justa e sã moralidade, para que um similhante titulo não apparecesse á frente do insultante Opusculo, nem de algum outro.

Eu considero porém ainda o titulo inaudito pelo lado litterario. E' por este lado que eu acho nelle uma arrogancia burlesca, uma rodamontada, digna de um retornello de apupos. Um dos defeitos que os litteratos tem achado mais imperdoaveis na censura, é o *egoismo* descomedido e insolente que o escriptor deixa apparecer em suas obras. Por egoismo litterario entendem todos elles um excessivo amor e presumpção de si proprio, um orgulho, ou bazofia de sciencia superlativa, que trascala em tudo quanto a penna do genio enfatuado escreve. — Se este fartum, ou bafio do escriptor se torna insupportavel, quando se encontra espalhado pelo decurso da Obra, quanto mais o não é quando se agrupa e destaca logo em o titulo e sobrescripto della. — E' a modestia o iman, o visco, para assim dizer, com que, segundo todas as leis da ethologia litteraria, o escriptor deve attrahir, e penhorar a affeição dos leitores. E' até o verniz, o polimento com que póde de certo modo disfarçar

os defeitos, as pechas do seu artefacto. Se porém o escriptor apparece logo no topo da empreza com o estandarte brigão da altivez, e insolencia; a recommendação ethologica que apresenta, mesmo litterariamente fallando, é a mais repugnante e reprehensivel. E na verdade quem ha de pacientemente aturar que o author de qualquer producção litteraria, por mais importante que seja, venha logo no frontispicio tocando á generala com um titulo de arrufo marcial que importe o equivalente dizer deste distico audaz e bravateiro:

J'ai moi seul plus d'esprit que n'en ont tous les autres;
Respectez des talens qui foudroiront les votres.

Porém vamos já ás passagens, ou asserções, com que o Author das *Considerações Pacificas* sahiu a campo por occasião da defeza do seu atroz titulo — *Eu e o Clero* — para conjunctamente lhe applicarmos o balsamo sanativo e cicatrizante da competente refutação.

1.ª PASSAGEM.

O antagonismo não o creei eu: resultou de factos praticados pelo Clero, que eu tolerei com paciencia durante annos, e que toleraria talvez sempre em silencio, se não receasse que no progresso da aggressão chegassem a levantar-me um pulpito diante da porta, para d'ahi me fazerem um sermão sobre a sanctidade dos papas da idade media, ou sobre os milagres referidos por S. Bernardo. (1)

Vamos já, sem etiqueta de exordio, nem preambulo algum, entrar no territorio da analyse. — *O antagonismo não o creei eu.* — E' falso. Contestarei eu, e contestará todo o mundo, que se prezar de amante da verdade. Sim; se examinarmos o principio, o motivo, o fundamento de tal antagonismo, havemos certissimamente de achar que todo o agente motor e creador delle se coaduna e centraliza n'aquelle que o nega ter sido. Qual era, examinemos, a disposição do Clero para com o individuo em questão, antes que apparecesse no theatro

(1) Considerações Pacificas, pag. 5.

da luz publica o novo pomo de discordia com o letreiro — *Historia de Portugal?* — Alguns delle não saberiam que existia tal homem, nem tal escriptor, e para estes seria elle uma perfeita entidade nulla, nem digna de amor, nem merecedora de odio. Outros talvez tiveram noticia pelo Panorama do zumbido religioso que apparecia em alguns trechos de composição do Artiguista; e parecendo lhe que tudo o que luz é ouro, começaram com velha sinceridade monastica a prodigalizar-lhe louvores pela boa e rara prenda, segundo confessa o proprio Antagonista. (1) — Haveria muitos mais espertos e entendidos, que não deixariam alguma vez de torcer o nariz á inculcada religiosidade. Esta desapprovação porém não passava de uma innocente mimica narigal, que não sahia fóra do individuo. E se por acaso conjunctamente mascavam e davam á lingua, a taramelice ficava só *inter parietes*, e quando muito *inter amicos*. Em summa, quaesquer que fossem as anomalias que a sempre varia e inconstante fama bem ou mal se arrogasse fazer; a embocadura que fazia soar a sua trombeta entre a Classe do Clero era geralmente favoravel ao Artiguista do Panorama, pelo lado da opinião religiosa, em que elle pretendia, ao que parece, ser bem reputado.

Que motivo pois houve de mudança da parte do Clero a respeito do seu apregoado Defensor religioso? Donde procedera essa origem de opposição, de antagonismo contra elle? Foi por ventura effeito de mero acaso, versatilidade, ou inconstancia, que produzira, que déra logar a similhante metamorphose? Oh! quem tal poderia avançar que não ficasse para logo desmentido! Que golpe foi pois esse de camartello ou picareta que com a repentina valentia de um raio despedaçou a cadêa do annel da concordia e affeição entre o Clero, e o Collaborador do Panorama? Se este por vergonha, falta de sinceridade, ou dobreza, o que não supponho, o não quer dizer; que o não diga. Não é preciso. Todo o mundo o sabe, ninguem o ignora. Essa cratéra, esse estilhaço de escandalo, que veiu constituir o afigurado muro de bronze de antagonismo entre o Clero, e o que se di-

(1) No — *Eu e o Clero* —, pag. 19.

zia seu amigo, e alcunhava defensor; é sem controversia o tal *monstrum horrendum*, que sómente por ironia é que se poderá chamar — *Historia de Portugal*. E' sim essa chrismada historia de Portugal, que a dever ter nome proprio, mais depressa se houvera de chamar — Pasquinada acintosa contra o Clero, e mais particularmente contra os Pontifices Romanos — redigida em loução estillo de romance. E' em fim esse cutello, esse alfange afiado que a golpes mortaes decapita e esquarteja tudo quanto cheira a tradicções theocraticas e successos maravilhosos do paiz, que os mais sabios do Clero, e outrosim muitos protentos de sciencia que delle não eram, sempre defenderam e acataram, que accendera o facho triste da discordia. Foi esse arrojo de escrevinhadora audacia, que ultrapassando as leis mais communs, e triviaes da arte historica; veiu contra objectos de natureza bem diversa, n'uma parte derramar a heresia, n'outra parte a mais vil e repugnante calumnia. Ah! que me neguem que não é heresia o escrever-se que S. Francisco de Assis *fôra convertido ao misticismo pelos sonhos febris de uma enfermidade quasi mortal*, como escrevera o Author da Historia de Portugal (1); e eu lhes farei ver que Pelagio, esse heresiarca do 5.º seculo, que nega a necessidade da graça, combatido pelos dois grandes Doutores da Igreja, Agostinho e Jeronymo, não fallára tão atrevida e despejadamente. Que me digam que não é calumnia atrocissima, o escrever o mesmo Author ácerca de S. Domingos estas tão ineptas, como affrontosas palavras: *O gemido do herege no patibulo é para elle um hymno ao manso cordeiro do Calvario: para elle o algoz exerce um sacerdocio*; (2) e eu solemnemente lhes mostrarei o gravissimo, e irreligiosissimo ataque feito aos caracteres evangelicos reconhecidos no Santo pela Bulla Apostolica da sua Canonisação. — Se pois o embeleco da tal mofina Historia de Portugal foi o objecto que viera excitar, como era de prever, os animos do Clero contra o innovador; como é que elle póde dizer, sem peri-

(1) Veja se: Historia de Portugal por A. Herculano, tom. 2.º pag. 234.
(2) Historia de Portugal etc. no logar já citado.

go de faltar á verdade, que não creára o antagonismo contra o Clero? Acaso ainda lhe parece pouco o que fizera para juntamente ser qualificado por creador da tal antipathia? Começa já miseravelmente a patinhar!

Resultou, continúa elle, *de factos praticados pelo Clero, que tolerára com paciencia*. Concedamos agora por hypothese, que o seu antagonismo contra o Clero, provenha desses factos. Porém quem foi a causa e origem d'elles existirem? Qual foi o instrumento efficaz, e immediato, que primeiro os provocára? Acaso o Clero obraria sem causal, sem razão sufficiente? Seria elle uma excepção desse principio de ontologia universal *nada ha sem causa?* Aonde se poderia encontrar um inepto que tal affirmasse! Houve uma causa reconhecida, e publica que produziu o rompimento; pára que é repeti-lo? Houve um facto insignemente provocador, que legitimamente o fez existir. Os factos, a que alludís, não são causa como imaginaes, são meros effeitos dessa verdadeira e provocadora causa — a monstruosidade de extravagancia intellectual que concebestes e déstes á luz com o carimbo: *Historia de Portugal.* Não tomeis pois ignorante, ou sofisticamente os resultados como principios, os fins como meios. — Se houve portanto provocação, vós fostes o primeiro que provocastes. Se houve culpa, ou crime; vós fostes o primeiro culpado, o primeiro criminoso. Ha porém uma differença que vos condemna. O facto com que provocastes o Clero é evidente, é de todos muito conhecido. Os factos, de que vos queixaes contra o Clero, ainda os não provastes, nem o podereis já agora fazer sem suspeita.

Porém o que é que profere em seguida o Author da asserção? Ouça-se e registre-se como uma das mais desossadas, e descascadas frioleiras. Diz elle: *que toleraria talvez sempre em silencio* (os taes factos), *se não receasse que no progresso da aggressão chegassem a levantar-lhe um pulpito diante da porta, para d'ahi lhe fazerem um sermão sobre a santidade dos Papas da idade media, ou sobre os milagres referidos por S. Bernardo.* Ora digamme sinceramente todos os que tiverem algum bestunto, ou onça de miôlo, se este arrazoado é de homem litterato; e não antes de um verdadeiro e cathegorico cabo

de esquadra? Digam-me por quem são se é cousa que se imagine, profira, e escreva em papel, para desculpa da horrenda catilinaria — *Eu e o Clero* — que elle publicou? Digam-me, sim, se é e póde ter o nome de motivo verdadeiro para desembestar em tão furibunda ziribanda contra o Clero; o puro, e succinto receio que tivera *de que no progresso da aggressão lhe chegassem a levantar um pulpito diante da porta, para d'ahi lhe fazerem um sermão sobre a santidade dos Papas da idade media ou sobre os milagres referidos por S. Bernardo?* Na verdade quem ainda o mais indifferente á questão não ha de qualificar o tal romantico *receio da levantadura do pulpito diante da porta*, considerada, como razão d'aquelle audaz desforço, por uma perfeita puerilidade, uma burla, e achincalhação insulsa, com que o Author longe de se desculpar do criminoso excesso, que commettera, vem novamente ultrajar o Clero, perante o publico?

Que desconcerto porém!... Que disparate de idéas!... Na Carta — Eu e o Clero — diz o Author que *o intuito*, que tivera em se dirigir a S. Em.ª e mais Prelados, fôra *para que obstando a novas provocações da parte do Clero, o poupassem a dar-lhe uma dura lição.* (1) Na Carta — *Considerações Pacificas*, como é visivel, declara que é o *receio* da tal levantadura do pulpito *diante da porta* para lhe *prégar santidades dos Papas da idade media, e milagres referidos por S. Bernardo!* E' palpavel pois que o intuito, fim, ou motivo do Antagonismo nas *Considerações Pacificas* é um, e o que apparece na sua caracteristica expressão ou explosão, que é a Carta — Eu e o Clero — é outro! Ha ou não ha enigma? Ha ou não ha mixordia, e argamaça inintelligivel? Quem o poderá duvidar? Ali apparece o antagonismo zurzindo o Clero com a ferrea vara dos insultos para que não torne a desacatar o *nume inviolavel* da tal historia de Portugal. Aqui, mudando as vistas á scena, mas sem largar o vergalho, vem dizer-nos o mesmo histrião do antagonismo; que é por um receio de cousas mui diversas, que rebentou aquella explosão do volcão insultador. De cousas sim mui diversas e alheias da historia de Portugal;

(1) Pag. 3.

como na verdade são aquellas que elle receiava ouvir fallar do imaginado *pulpito*!

Mas a que proposito vem a exotica lembrança da tal grotesca levantadura do *pulpito diante da porta?* Senão é para dar a conhecer o chocho e franduleiro raciocinar de quem a escreveu, não sei para que sirva. Quando o Clero lhe houvesse de levantar alguma cousa que merecesse a pena diante da porta, seria antes o signal augusto do Christão, a arvore da Santa Cruz, esse symbolo venerando, e espantador de satanaz. E logo após ella um prestito edificante de Ministros do Evangelho cada qual com seu hyssope enristado na mão, para de concomitancia com as preces exorcismaes, lhe irem descarregando a competente chapada. E com que vontade lha não descarregariam esses taes *cirzidores de farrapos de sermões velhos* (1), que o Antagonista do Clero tomou á sua conta; quando elles, fazendo de enxota-diabos, ao varejar o instrumento aspergente, pespegassem ao tal *Anjo da espada flammejante* que o não deixa *entrar no templo* (2) o costumado versiculo: *Ecce crucem Domini, fugite partes adversae!...* Haveria tal que affigurando-se-lhe ver flammejar ao despedir do jacto aspersorio a espada do Beelzebub atiraria logo á primeira, sem mais ceremonia, com o hyssope em cheio á tóla do energumeno. Pois se se achasse na comitiva o *egresso fanatico e ignorante de Braga!* (3) Me melem se elle não tomava logo a capa de Capitulante, e o hyssope na mão não andasse, dito e feito, rebolindo n'uma dobadoira! — Porém se só o receio do tal pulpito levantado fez dar tão grande volta ao miolo do receoso altivo; que faria se lhe viesse á imaginação que havia de ter o *vis-à-vis* de duas alas de exorcizantes, armados de barbudos e bem provídos hyssopes, com o olho á mira, para á primeira voz lhe refrescarem as bochechas, e reduzirem o toutiço a estado de uma perfeita cascata, e todo elle a um pinto? Mas prendamos os vôos á imaginação, em que tanto luxuría o Antagonista do Clero; e vamos ao que é serio e de valia.

(1) Na Carta — Eu e o Clero — pag. 6.
(2) Na Carta — Eu e o Clero — pag. 7.
(3) No — Eu e o Clero — pag. 5.

Porque razão se lembraria o fustigador do Clero que os prégadores que subissem ao tal imaginario pulpito lhe haviam logo fazer com preferencia *um sermão sobre a santidade dos Papas da idade media, ou sobre os milagres referidos por S. Bernardo?* A que proposito virá aqui encaixado um similhante despróposito? Para algum fim devia elle vir, embora seja tal. Qual será pois este fim? Será por ventura elle indigena, e natural de algum dos tres amplissimos dominios do mestre Quintiliano, que são: *mover*, *ensinar*, *e deleitar?* Aos dois primeiros dominios por certo não pertence. Ninguem dirá que um tal desproposito mova ou ensine. Póde só pertencer ao terceiro dominio. E neste sentido em que cathegoria o devemos classificar? Se a hermeneutica me não engana, a pêcca e insulsa lembrança por força que ha de ter o seu unico, e proprio logar entre a ironia, e a irrisão. — Trouxe a imaginação aquellas expressões ao bico da penna do Author para dar uma vaia na *santidade dos Papas da idade media*, e nos *milagres referidos por S. Bernardo*. Será porém admissivel, e toleravel uma vaia ou ironia contra taes objectos; embora seja de relance, e disfarçada? Tal não diremos. Reclamaremos antes contra o insulto, por não dizer irreligiosidade, e melhor ainda, protestantismo.

Abro os Annaes da Igreja, e particularmente os Pontificios, e encontro durante os dez seculos da idade media, que começou com a invasão dos barbaros do Norte no principio do seculo 5.º, e terminou no 15.º, nada menos que acima de 30 Papas canonizados, e inscriptos no Catalogo dos Santos, de quem reza a Igreja Catholica e Apostolica de Roma. — Ha pois ou não Papas, que viveram durante a idade media, de cuja santidade se possa sem escrupulo algum fazer um Sermão, não digo já n'um pulpito burlesco imaginado pelo Antagonista do Clero; mas sim em todos os pulpitos dos templos da Christandade? Quem o poderá duvidar, que não offenda a orthodoxia do Catholicismo! E não é pois aquelle modo de fallar achincalhador um insulto manifesto contra ella? — Vós pelo vosso modo de dizer generico bem mostraes que não daes credito á santidade dos Papas canonizados da idade media. Separaes-vos pois da linha da

crença, e veneração, em que a Santa Igreja quer que os seus Fieis estejam para com elles. Ides fazer causa commum, e não sei se o diga mui amplamente com o Protestantismo! Sim, quem não sabe que os Protestantes não reconhecem santidade alguma no Chefe da Igreja Catholica Romana n'aquelles seculos. Tiveram elles, como testifica Bossuet, antigamente, depois de S. Gregorio, e tem ao presente, desde S. Leão, ao Pontifice Romano, pelo *homem máo*, *o homem de peccado*, *o Antichristo*. (1) Se pensaveis por tanto que a tão grande precipicio vos não levava a *risadinha sardonica* contra os Papas d'aquella era; reconhecei o grave erro por miserrima, e lamentavel ignorancia commettido!

Porém o chasco desenxabido tem igualmente tambem por alvo o sermão que lhe viesse contando *milagres referidos por S. Bernardo!* — Quem diria, ou pensaria que até esse mesmo Santo, que na toza contra a Curia anda sempre no tópe e vanguarda, haveria de receber este remoque por não lhe chamar apupo da parte do seu fiel devoto? Mas que ha de ser! Se o *inimitavel* Author do *Monge de Cister* (Obra a que esperamos ainda talvez fazer os nossos rasgados comprimentos analyticos; e que se trouxe, por signal, para typo — *non plus ultra* —, em uma regateiral descompostura contra o Author da — *Justa Desaffronta* — moldada, se não escripta, pelas frazes do productor do *Eu e o Clero*) em apenas lhe cheirando a milagre salta nelle com mais gana que chaveco de Mouro em navio christão! E é tal a caimbra que o domina contra o mundo sobrenatural dos prodigios, que até o Santo do dia por elle invocado e angariado contra a Curia, quando se trata de milagres é por elle chacoteado! — Mas por que recondito, e abstruso motivo scientifico, ou não scientifico, será que o Antagonista do Clero eleve ao pincaro do credito a authoridade do grande Abbade de Claraval n'aquelle caso, e o deprima em est'outro? Acaso o Santo deve ser mais acreditado quando censura defeitos, do que quando historía milagres? A questão porém é outra.

(1) Histoire des Variations, Tom. 3.° pag. 4.

O antagonista do Clero dá chasco em geral, e indefinidamente aos milagres referidos por S. Bernardo. Será porém esta enunciação sustentavel seja critica, ou catholicamente considerada? Omnimodamente o negâmos. Em que Obra do Santo Doutor viu o Author das *Considerações Pacificas*, que elle fizesse o officio privativo de Historiador de milagres? Diga-o. Não o ha de poder dizer. Ha de necessariamente ficar reconhecido por um solemne fantasiador. Folheio e torno a folhear as obras de S. Bernardo. Não acho uma só em que o Santo appareça e figure como meramente relator de milagres.— Se se refere a todos e quaesquer milagres narrados pelo Santo em alguma de suas Obras, como pelo menos se deprehende da generalidade da asserção; que ignorancia, que temeridade atrevida por certo não é vir chasquear de taes milagres, sem prova, nem fundamento algum que o tolere? Vir menoscabar o Santo achincalhando-o por um motivo que ninguem ainda produziu? Que indignidade em um escriptor catholico! Todos os que fallam deste Thaumaturgo do seculo 12.º, ainda os mais criticos, reconhecem os seus insignes, e innumeros milagres; milagres sim por elle praticados, e não falsa, ou credulamente referidos, como affirma o Author. Não ha um só, nem sequer o proprio *Bayle*, que note pelo menos em o Santo Abbade uma certa propensão, ou tendencia para nimia credulidade sobre taes objectos, que, ainda quando elle os referisse, o expozesse a menoscabo — Outro motivo é este que aggrava ainda mais aquella falsissima asserção.

2.ª PASSAGEM.

E' pelo opusculo, e não pelo titulo, que se ha de avaliar até onde esse antagonismo vae, e se elle é legitimo. Não apparece uma unica passagem da minha Carta em que eu me refira com phrazes hostis a todo o Clero portuguez. (1)

Que lei, ou usança ha em critica, ou em qualquer outro ramo de litteratura que mande avaliar o antago-

(1) Considerações Pacificas pag. 5 e 6.

nismo, que inspira qualquer escripto, só pelo contheudo da obra, e não pelo titulo? Nenhuma ha: e se a houvesse seria uma inepcia, e um inepto mór quem a pretendesse introduzir. O titulo de qualquer obra deve indicar syntheticamente o contheudo della. Se o não indica, o titulo não é bem feito; e é uma chapada impostura, ou burla. Se o titulo de Opusculo do Author está neste caso; então logo por elle se torna reprehensivel pela illusão que fez ao publico. Se está bem feito, e adequado, não ha motivo algum para por elle se não poder julgar do resto. Se não quer que o titulo do seu Opusculo — Eu e o Clero — valha tanto quanto sôa; desde já lhe dizemos que veio com elle fazer o papel de fanfarrão bravateiro, ou de charlatão superfino. — Em todo o caso o tal titulo do Opusculo, a que, se podessemos usar dos termos de Catullo, com mais razão chamariamos outro mais proprio nome; é o sobrescripto, o rotulo da insolencia, da embofia mais descomedida e orgulhosa, que no mundo litterario (se é que a elle deve pertencer, e não ao das enfatuações abjectas e parvoas) tem abortivamente apparecido. O erudito *Menckenio* tão fatuo e estolido o acharia, que não se atreveria a admittil-o no seu curioso livro — *De charlataneria eruditorum!* — Se o Author pensou que todos ao pronunciar, ou gaguejar o superlativamente empertigado, e mais que tudo insupportavel pronome pessoal, o monosyllabo — Eu — mudos olhariam para o Idodolo, como para a pavorosa bicha, ou besta do Apocalypse, ante quem todos os entes do Clero, como fosseis e vís reptís, se curvariam atordoados das suas baforadas ultrajantes, clamando submissos — Amen — a todas as suas enormes e lazarentas asserções; quanto se não enganou! Creia que ha de ver uma bruxa e mais alguma cousa com elle! — Vamos já ao outro ponto.

Diz: *Que não apparece uma unica passagem da sua Carta, em que elle se refira com frazes hostís a todo o Clero portuguez.* Este refugado, ou temperilho de palavras que se emboneca, e arvora em desculpa, é de uma leveza, e insignificancia tal, que mal se poderia tolerar se sahisse da guela de um bípede tarimbal, quanto mais proferida pela boca d'essa divindade scientifica de turbante, que desabrochou em Portugal nestes nossos dias

para ventura da historia do paiz, que quer que toda a gente alto e malo lhe consagre o salamalek de sapientissimo *assoluto*; sob pena dos seus eunuchos (ou elle pegando-lhes na mão) apodarem oque contra elle resingar de *vil mosquito* que seu Grão-Senhor ha de *esmagar de um talho*, como não houve pejo de escrever-se em certo Jornal (1). — Porém diga-me qualquer buffone-caricato presumido de sciencia, se para offender uma classe é preciso offender todos os membros della, ou basta só offender e desacatar algum ou alguns della? Quem não sabe que desde que no mundo ha familias, ha classes, ha sociedades, a offensa de um só membro é reputada como offensa commum de todos? Os corpos moraes, os corpos collectivos seguem quanto é possivel, segundo as leis da similhança, a mesma natureza dos corpos physicos, especialmente quando se trata da lei suprema da sua conservação, ou reputação moral. O resentimento de toda uma corporação pelo máo tratamento, quer physico, quer moral de alguem que lhe pertença, é um instincto, é uma necessidade, é um dever, sem o qual não podia dar-se esse elemento conservador, que se diz e appellida espirito de corporação, ou patriotismo; se nos referimos ás sociedades politicas. Sem este espirito, que é como a alma das grandes e pequenas sociedades, o torpor narcotico, e anti-social do egoismo para logo as viria destruir. E quem póde duvidar que aquelle espirito é o mesmo que proclama o direito natural, o direito das gentes; o mesmo que veio sanccionar e desenvolver a civilização christã? Que este espirito é o que praticamente se vê em pleno vigor em toda a sociedade do mundo que sabe sêl-o? Ficaria pois inerte, sem força, nem vigor esse fogo abrazador da confraternidade, tão recommendado pelo grande Apostolo e civilizador das gentes, o immortal Paulo, quando se tratasse de defender o Clero? Seria um sonho ideal; quando algum escriptor audaz offendesse um só dos seus membros, e ainda mais quando, embora por excepção, declarasse que só se *contrapunha ás turbas tonsuradas* (2)? Acaso não é esta mes-

(1) A Revolução de Septembro.
(2) Considerações Pacificas, pag. 6.

ma declaração um insulto solemne contra todo o Clero? Quem o negará, a não ser o proprio insolente que o insulta.

Sendo isto assim, como é que o antagonista furibundo do Clero, sem piovocar a mais estrepitosa pateada de todo o mundo que sabe o que seja recto pensar; póde desaffrontadamente pronunciar que não offendera toda a Classe, por não se referir na sua Carta em *uma unica passagem com frazes hostís a todo o Clero portuguez?* E' por ventura só offendendo os individuos um a um mathematicamente que se offende uma classe inteira? A affirmativa é um absurdo transcendente. Se assim fôra nunca haveria offensas, nem injurias sociaes.

Agora, particularizando a questão, direi que o Author da asserção falta visivelmente á verdade. Préga, sem respeito ao publico para quem escreve, por me servir do seu proprio vocabulo, uma *mentira* (1): sim, uma espalmada e refinada mentira. — Assevera que na sua Carta *não apparece uma só passagem que se refira com frazes hostís a todo o Clero portuguez.* Como é isto? Não é o proprio titulo da Obra, esse repimpado e repetenado — Eu e o Clero — um epigramma insolito, e de altiveza sem medida, nem exemplo contra todo o Clero indistinctamente? Não é por ventura um pasquim, um cartel de desafio, uma bravata, um brado de revoltante insolencia contra todo elle? A voz publica da gente sensata por toda a parte o proclama, o qualifica contra o celiberrimo egotista. — Como é isto! Não atacaes todo o Clero portuguez?... Não sabeis o que dizeis, ou antes dizeis o que não sentís. Um corpo moral ou collectivo, quando é bem constituido, quando zela, como deve, a sua fama, a sua honra, o seu interesse, resente-se como se fôra um só individuo, quando é ferido em alguma das suas partes, ou membros que o compõe: é indivisivel, é compacto. O Clero não póde deixar de nutrir em si este sentimento que lhe é tão social, como confraternal. Exclama unanime quando vê maltratado qualquer dos

(1) Na pagina 14 do — *Eu e o Clero* — lê-se a expressão em lettras maiusculas — *E' mentira* — empregada pelo Author contra o respeitavel Bispo de Beja D. Fr. Manoel do Cenaculo.

seus membros com o grande luminar do Apostolado: — *Quis infirmatur et ego non infirmor?* — E' o seu dever. Atacastes, dir-vos-hei com franqueza, sem respeito, sem piedade, vivos e mortos do Clero da Igreja portugueza; e depois de os terdes tisnado com o facho da calumnia, fostes, como levado em triumpho pelo genio da impudencia, arvorar o pendão escandaloso da blasfemia contra a capital do mundo catholico, contra o Pontifice Romano e o seu Alto Clero! E não é isto fallar de mais, e muito de mais, do que de todo o Clero portuguez?

Mas se fosse mesmo necessario convencer-vos pelo material das vossas proprias expressões, eu folhearia a vossa fatal Carta — Eu e o Clero — e na pagina 3.ª leria as palavras — *ignorancia perversa e hypocrisia insensata*, sem restricção alguma. Leria tambem — *novas provocações da parte do Clero*; sem que se declare que sejam só da parte de alguns. Corro os olhos pela pagina 5.ª e dou com um parenthesis, em que se falla de *centenares de Sacerdotes no meio do nosso Clero*, apodados de *fanaticos* e *ignorantes*; e por ventura esta expressão não será *hostil* a todo o Clero? Examino a pag. 12.ª, e ahi, como quem atira para o monte, uma boa parte do nosso Clero se diz *viver n'um ambiente de ignorancia e rudeza*. Mas para que é isto? Não está a cada passo a lettra e espirito da doutrina do vosso escripto escandalizando altamente todo o Clero? Humilhae-vos pois diante das forças fulminantes da verdade, que estão pulverizando a mentira.

3.ª PASSAGEM.

Se V. S.ª (falla com o redactor do Jornal — *A Nação*) *viu naquella fatal antithese um peccado de orgulho, talvez o seja; mas eu vi nella apenas um acto de humildade. Pois em consciencia, eu não valerei mais, litteraria e moralmente fallando, do que um clerigo máo ou insipiente? Mas cem, mas mil, mas dez mil clerigos máos ou insipientes, ainda que os fundam e os acrisolem, chegarão acaso a produzir o equivalente de homem de alguma intelligencia e de alguma honestidade? Não. O resultado de todas essas operações será sempre, a meu ver, um* substractum *de parvoice e de corrupção. Peccado de soberba não*

creio, por tanto, têl-o commettido. Por este lado mal posso ser condemnado. (1)

Ora eis-aqui tendes, respeitaveis leitores, em poucas, mas *boas* palavras uma proficua lição, ou prelecção espiritual sobre a virtude sublime e essencialmente christã, que pelo seu nome tambem christão se chama *humildade*, que ficou no tinteiro aos *Kempis*, aos *Croazets*, aos *Alonsos Rodriguez!* E' um achado, um bocadinho d'ouro tirado da California, ou Potosi d'esse pensar alcantilado do Author das *Considerações Pacificas*, pelo qual o Antagonista do Clero ha de querer ancho e crespo como um pavão ter assento entre os *Bernardes*, os *Chagas*, e os *Granadas!* Porém como elle se engana! Se estes luminares da Theologia Mystica por um momento se transplantassem a esta patria de mortaes viventes, e vissem uma tal prosapia scientifica a apregoar humildade por tal preço; parece-me que por mais mansarrões e pacientes que fossem, não reputariam por obra de mãos perdidas o desancal-o; dando cada um ao seu bacamarte de crespo pergaminho, com o indispensavel alti-sonante *abrenuntio*, pelo *sim*, pelo *não*, na dianteira! E pois quem ha que possa, ou deva tolerar, que alguem contrapondo-se a tudo quanto ha de principios de philosophia, de moral, de theologia contemplativa, ouse dar o nome de *acto de humildade* ao titulo de um Opusculo, que na lettra e no espirito não é outra cousa mais, que o brado fanfarronico e jactancioso de um pertendido Golias da Historia de Portugal; que, como aquelle Philistheo que outr'ora dizia impudente e orgulhoso aos filhos de Israel: *Ego exprobravi agminibus Isräel hodie:* Eu desafiei hoje a todo o exercito de Israel (2); agora profere com o mesmo arreganho goliatico, e em igual tom de desafio, em desprezo insolentissimo dos Ungidos do Senhor: — *Eu e o Clero?* — Que insulto pois não é contra a virtude, e aquelles que a praticam, o dizer-se que na chamada *fatal antithese* se vê *apenas um acto de humildade?* Vós bem mostraes, pela vossa maneira absurda de fallar, que per-

(1) Considerações Pacificas, pag. 6 e 7.
(2) Reis Liv. 1. cap. 17, v. 10.

feitamente ignoraes o que ensinam os primeiros luminares dos Padres da Igreja ácerca de uma virtude, que é tão caracteristica do Author da Religião Christã; fallo dos Agostinhos, dos Ambrosios, dos Jeronymos, dos Chrysostomos. Ignoraes até, por não dizer escarneceis, a doutrina elementar do Christianismo a similhante respeito!

Porém que motivo se dará para se reconhecer naquelle titulo arrogante *apenas um acto de humildade?* Ouça-se o paradoxo, nunca talvez ouvido, nem escripto no Orbe litterario. — *Pois em consciencia, eu não valerei mais, litteraria e moralmente, do que um clerigo máo ou insipiente?* — Pergunto agora, e perguntarei a todas as mediocres e não mediocres intelligencias, se já ouviram, se já leram, se em fim já imaginaram, um modo de discorrer mais pueril, mais inepto e inconcludente? Perguntarei, sim, se um caloiro, se um novato do pateo da Universidade; se finalmente o cabula mais aparvalhado e zangão da mais reles escola de Logica, o bedel, o porteiro mais boçal e broncasso, para provar que *naquella antithese* — Eu e o Clero — havia *um acto de humildade*; viria por ventura á balha com a admiranda pergunta: *Pois em consciencia, eu não valerei mais, litteraria e moralmente, do que um clerigo máo ou insipiente?* Creio que não havia de apparecer similhante inepcia. E se apparecesse que desfructe não seria para os espectadores!... Sim, meu Senhor! Pois não vale? Oh lé! se vale!... Vale, e mais que vale!... Responderia toda a rapaziada do bicho estudante com uma vozeria de estoiro, e mistura concomitante de assobio, e mais estrepitosa risada, e calcanhada que pancada de chuva de pedra em tempo de trovoada! E que outra plausivel recepção mereceria um disparate de tal magnitude? Como tal o archivo e o remetto ao desprezo da mais remota posteridade. — Porém eu não approvaria a diabrura, se bem que assás merecida, contra a tal *humildade* burlesca de nova estofa; e só sustentando que a tal pergunta estrambotica prova o vicio contrario á referida virtude; proporia o seguinte problema: — Se um *Clerigo máo* ou *insipiente* pela proposição comparativa da pergunta deve valer alguma cousa; o Antagonista do Clero que quer valer mais, quanto ha de a outros respeitos, se houver descontos, valer de menos?

Porém que digo? Terminará elle aqui já a meada choruda dos destemperos? Oxalá que assim fôra! Os tres dedos que empunham e movem a mal fadada penna folgariam com a trégua. Não é todavia assim. Vem aquelles presos e emmaranhados uns com os outros como as cerejas. Continúa ainda a trabalhar a fabrica. Attenção! que o artefacto della, que se apresenta á exposição, é para se alugar palanques! Oculos á mira, que o caso não é para menos: *Mas um, mas mil, mas dez mil clerigos máos, ou insipientes, ainda que os fundam e os acrisolem, chegarão acaso a produzir o equivalente de homem de alguma intelligencia, e de alguma honestidade? Não. O resultado de todas essas operações será sempre, a meu ver, um* substractum *de parvoice e corrupção.* — Ora digam-me, por quem são, os espectadores curiosos que tem olho vivo, e a quem, como diz o vulgo, que é sempre expressivo em seu metaphorismo, não escapa talo de alface, que acham, ou que encontram nesta camera-optica palavrosa? Não acham, não encontram acaso todos uma fabrica romantica de novo invento com toda a engenhoca e bateria de utensilios, não digo de algum mestre Pedro para trabalhar em cabelleiras, e muito menos de qualquer Mestre distillador d'agoa çuja para emboldrear bigodes; porém de um certo — *Noli me tangere* — em historia, o — Mas — Mas — Mas — que por sobrenome não perca, todo azafamado, e atarefado no laboratorio do *Eu e o Clero*, a fundir e a acrisolar Clerigos *máos e insipientes*; gritando de quando em quando aos Operarios do alambique — *mil... dez mil* — para dentro do panelão da *parvoice* e *corrupção*... para tirar o tal *caput mortuum*, ou famoso *substractum*, que é a moeda corrente e sonante porque eu avalio, compro e vendo na minha loja litteraria todo o Clero do universo?... Talvez mesmo alguem pense que lá no fundo do seu anti clerical coração lhe estivesse latejando certo desejosinho de Diderot!

Porém deixemos por ora o jocoserio, com que em graça do Author, que em resposta á Justa Desaffronta em defeza do Clero nos escreveu a abjectissima Carta chula, fingindo-se *moribundo*, como todos sabem, (1) devida-

(1) **Esta Carta dirigida por A. Herculano ao Author da — *Justa***

mente retribuimos. E deitemos-lhe o gancho (expressão delle) para o trazer, ainda que elle estrabuche já nos ultimos arrancos, para o estadio da dialectica. Mettamos-lhe a véla benta na mão, e demos-lhe já sem demora quatro hyssopadas de agoa benta logica, para ver se lhe podemos fazer sahir de escantilhão o tal Anjo, ou diabolico marmanjo da espada flammejante, que não queria nada com Sermões, nem consta ainda que o queira; ainda que seja *a parte retro.* — Dize-me cá sim tu, ó homem, que te constituiste em tyrannico e herodiano esquartejador da fama do Clero; como queres que á vista de um tal painel de inepcias, de frioleiras, que parecem articuladas por um podengo rapazal, que arrematara por sua conta as tundas da férula, como queres, repito, que te gabem pelo *supra-summum* da argumentação? E sobre tudo que tenham guela de pato para de um trago engulir que no titulo *Eu e o Clero* se encerra *apenas um acto de humildade?* Acaso escreves para os barbaros da Tartaria?

Mas tu novamente offendes o Clero; insultas-lo por extremo, quando imaginas essa fundição ridicula de Clerigos *máos e ignorantes.* — Que Clerigos são esses máos e ignorantes, que para vos exaltar, quereis *fundir* e *acrisolar?* Respondei. São esses, não podeis negar, que não fizeram zumbaias á vossa historia heretica (1), e cheia de proposições as mais escandalosas, absurdas e anti-re-

Desaffronta em Defeza do Clero — é do genero mais inepto, grutesco e garotal que se conhece. E á vista della terão ainda motivo para me virem, ora grasnar, ora carpir, e fazer somnorenta choradeira sobre a fórma de estillo, os seus sectarios? Que se calem por honra da firma! Porém que digo? Como tem elles apparecido na scena do publico? Com todo o genero de petulancias, vaias, e sarcasmos; e até personalidades e caricaturas contra o escriptor da — Justa Desaffronta. — E' assim que elles pretendem defender o seu Pythagoras? Éstão bem enganados! Não é deste modo que se destroem argumentos inconcussos. O expediente que tomaram é o mais vil e abjecto.

(1) Póde um livro conter heresia sem o seu Author ser herege. Esta heresia é material e filha da ignorancia. Para dar-se heresia formal e theologica é preciso haver cabal conhecimento do que se diz, e tenacidade em sustentar o erro. Para ter o nome de herege neste sentido, é necessario canonicamente ser julgado como tal. E' bem de ver que é só no primeiro sentido em que fallamos.

ligiosas. São esses que declamaram do pulpito, com denodado zelo, contra uma Obra, que insultava as nossas mais gloriosas tradições; que bradaram contra uma penna, a primeira que infelizmente ousou conspurcar as paginas da historia de Portugal com o pestifero bafo da doutrina heterodoxa. E quereis vós valer mais que esses Clerigos? Ninguem ainda que seja o eunucho mais servil que vos adule, vos ha de tolerar o absurdo, ou como dizeis, o *substractum de parvoice e corrupção*.

4.ª PASSAGEM.

A maioria do Clero catholico não constitue por si igreja de Deos. (1)

Este enunciado é d'aquelles que parecem fundidos, e batidos nas officinas de Raymundo Lullo, Jeronymo Cardan, ou mais depressa na forja, ou furna do obscurantismo transcendental de Kant. — Poderá pois a mencionada proposição ser pronunciada livre de toda a censura theologica? Tal não affirmaremos. De duas maneiras se apresenta a Igreja Catholica, como orgão de infallibilidade, fallando aos Fiéis, em materia de fé, e de costumes. A primeira é reunida em Concilio representada pelos Bispos de todo o Orbe Catholico. A segunda é dispersa, e fallando pela voz unanime de todos os Chefes das Igrejas particulares do Universo, legitimamente constituidos nas respectivas Sédes episcopaes. — De que natureza é este consenso unanime? E' physico, ou moral? E' moral, como ensinam e provam todos os Theologos. E poderá dar-se este consenso moralmente universal, e unanime, sem se conceber essencialmente reunida e incluida nelle a maioria do Clero? Por fórma alguma. O consenso moralmente unanime, no sentido em que fallamos, é mesmo a maioria do Clero cumulativamente representado pelos seus Chefes, os Bispos nos Concilios, elevada á sua maior perfeição.— Igualmente não se póde conceber a maioria das Igrejas particulares de accordo sobre a fé de qualquer ponto dogmatico, sem conjun-

(1) Considerações Pacificas, pag. 7.

ctamente se admittir a maioria do Clero. A maioría do Clero catholico involve tão inseparadamente a maioria dos Bispos, como os membros do corpo inteiro comprehendem collectivamente a cabeça. Se a unanimidade moral dos Bispos pois representa a Igreja catholica quando define com materias de dogma; a maioria do Clero elevada ao gráo de unanimidade moral, involvendo-os simultaneamente, como seus chefes, tambem a representa. Como se póde logo enunciar de um modo absoluto sem absurdo, sem crassissimo erro theologico; que a maioria do Clero catholico não constitua por si a Igreja de Deos? — Ninguem dirá que a palavra — Clero — quando se toma de um modo absoluto, e indiscriminado não comprehenda collectivamente os Bispos; e a maioria do Clero, tomada na mesma accepção, a maioria delles. Neste sentido dizemos: Clero de Portugal, Clero de Hespanha, Clero Catholico, etc. Maioria do Clero de Portugal, maioria do Clero Catholico etc. — E não é o consenso moral do Clero uma verdadeira maioria? Sem duvida alguma.

Estatuida portanto a asserção negativa, que o Author das *Considerações Pacificas* avançára, aonde iriamos collocar a infalibilidade da Igreja? Na minoria do Clero? Muito menos. Aonde estaria pois um juiz infallivel que deve haver na Igreja Catholica em materia de dogma e moral, se absolutamente se affirmar que a *maioria do Clero não constitue por si a Igreja de Deos?* Em parte nenhuma. E teriamos uma doutrina que se encaminha a negar o dogma da infalibilidade da Igreja. Ficaria o espirito privado de cada um interpretando a seu modo as Escripturas; o que é manifesto protestantismo. E' o illuminismo interior de *Claude*, e *Jurieu*. — A unanimidade moral dos primeiros Pastores, ou a sua mais perfeita maioria, quer reunidos em Concilio, quer dispersos por todo o Orbe catholico é que constitue o Juiz infallivel da Igreja. E poderá theologicamente dar se aquella unanimidade sem que o Clero, de que elles são Chefes, os acompanhem? Por fórma alguma. — Antigamente os Bispos nada faziam que não fosse de accordo com o seu Clero. E quando se tractava da celebração de algum Concilio geral procuravam saber qual era o seu voto por

meio de Synodos particulares, ou por uma maneira equivalente, para ser presente por elles áquelle mesmo Concilio. As cartas do Papa Agathon, dirigidas ao Imperador por occasião do 8.º Synodo geral, dão testemunho desta pratica. Tanto os Bispos faziam causa commum e um só corpo com o Clero! Isto novamente prova que o mesmo era — *Maioria* dos Bispos que — *Maioria* do Clero, e reciprocamente. — Que o unanime consenso moral dos Bispos era reciproco com o unanime consenso moral do seu Clero, e pelo inverso.

Folheai, lêde uma a uma todas as paginas dos Annaes da Religião Catholica; não podereis encontrar nellas um só facto que possa authorizar o vosso mal soante, e não sei se anti-catholico absurdo. » Quando todos, » ou *o maior numero dos Bispos* (diz um theologo, e philosopho de mão cheia) testificavam nos Concilios que » tal era a crença que elles tinham achado estabelecida » em suas Igrejas, nunca houve hesitação em julgar que » essa era a verdadeira doutrina de Jesus Christo, e a » opinião contraria era heretica. » (1) Acaso aquelle *maior numero* não é uma verdadeira maioria do Clero catholico, representado pelos seus Chefes? Ninguem o poderá negar. — Romantizar em materia de theologia é o mesmo que redondamente patinhar! — Porém que? Imaginará alguem que o escriptor portuguez pretenderá collocar aquelle tribunal infallivel no *povo dos Fiéis?* Não o admitto. Teriamos visivelmente o erro dos pretendidos Reformados, que destruindo o Sacerdocio e a Jerarchia ecclesiastica estabelecida por Jesus Christo, radicalmente derivam de um tal principio toda a jurisdicção sagrada. Igreja na bôca de taes novadores não significa mais que uma sociedade composta de seculares, ou de leigos.

(1) Bergier, Dicc. Theolog. art. *Catholicisme*.

5.ª PASSAGEM.

As phrazes da minha carta são de suprema doçura comparadas com as que o celebre cluniacense S. Bernardo empregava para qualificar a corrupção, não do Clero de um paiz, não da maioria desse Clero, mas em geral do Sacerdocio do seu tempo. (1)

Quem solta e deixa sair pela bôca fóra uma lufada similhante de palavras, em que se deixa ver núa e crúa uma tão dessorada e desconchavada comparação, ou não sabe o que pensa, e o que diz, ou está no ideal toucador da mais risivel e irrisoria fantasia, enfeitando algum enxalmo ou espantalho de romance com o rosicler ou aranhiço no topete — *suprema doçura!* — Porém que? Não é ainda ahi que talvez vá parar a gargantilha ou testeira caricata. Haverá talvez mais depressa quem impinja de bom grado o adereço a algum saguim ou manequim de improvisada litteratura; se o não quizer, pelo mais seguro, antes pôr á venda como pingente superfino na taboleta atrevida das çurriadas, com o correctivo letreiro; mas só escripto pela mão contrita de certo agonizante; — gorda e pançuda bernardice! — Eu se soubera que o famoso moribundo, são como um pêro, não estava mal comigo (e creio que não tem de que!); havia de lhe mandar de presente para trazer ao pescoço, depois de bem benzido e aspergido pelo egresso ignorante e fanatico de Braga, (que por signal havia de mexer o hyssope que nem uma ventoinha) um exemplar do sanhudo — *Eu e o Clero* — com um raboleva com letras maiores que as de chamariz de baiuca nova, aberta em tempo de S. Martinho, ou pelo menos que as de lenda em quartola de jeropiga, que diria — *Suprema doçura* — hoc est — *Bacchanal Insulto!*

Ora digam-me essas pennas assucaradas e pacificas que sem se lembrarem do seu, acham virulento o meu estillo, e querem que o Clero de chapéo na mão, e fazendo rasgadas cortezias e mesuras, responda submisso e tartamudo ás bravatas do estillo de cutello decepante, com que o seu antagonista o fere, e mata; digam-me,

(1) Considerações Pacificas, pag. 7.

sim, se ao soar aos seus honestos, pios, e não parciaes ouvidos uma tal apupada ao Clero, e ao Santo Doutor, se haviam de conter de modo, que logo não aspergissem a sandice com o desinfectante anti-septico do mais superlativo ridiculo? E na verdade quem ha que tenha lido o Opusculo ferino e insolentissimo — Eu e o Clero — que não tenha por uma burla, um acinte chocarreiro, o juizo que delle fórma o seu Author, tendo-o por uma *suprema doçura*, em comparação das frases de que usou em geral S. Bernardo contra a relaxação do Clero do seu tempo? Mas vejamos e analysemos as palavras de S. Bernardo; e depois logo em seguida quem é, e que valor tem este novo Doutor mellifluo, que está trasbordando em *suprema doçura* a respeito do Clero na sua arrogantissima Carta contra elle, por tal guisa e fórma, que pôz a um canto o grande Abbade de Claraval!

As palavras de S. Bernardo por elle produzidas em linguagem são as seguintes: *Manou a iniquidade dos Anciãos, dos Juizes, dos teus Vigarios, oh! Deus; daquelles que parecem governar o teu povo! Já não é licito dizer — tal o povo, tal o sacerdocio; porque este é peior. Oh meu Deus, meu Deus! Os teus maiores perseguidores são os que mais ambicionam a primazia, e exercer na igreja o mando supremo.* (1) Quem ler esta passagem destacada sem consultar a Obra do Doutor Mellifluo ha de pensar que o Santo estava só de mão armada contra a relaxação do Sacerdocio do seu tempo; e que nada declamara contra a devassidão dos seculares da mesma era, por serem uns *Anjinhos!* Porém engana-se em toda a extensão da palavra. E aquelle que de assalto em qualquer Opusculo lho quizer persuadir, não póde ser escriptor de boa fé. Saiba-se pois para triunfo da verdade, e para que a reputação e imparcialidade do Santo não fique denegrida e menoscabada, que o virtuoso e intrepido Doutor da Igreja antes de censurar o estado corrompido do Sacerdocio, censurou primeiramente com a vehemencia de um profeta a relaxação geral do universo christão. Ouçâmol-o já para testemunho publico e sincero do que a verdade deve á virtude. *Parcce* (ó Deos)

(1) Considerações Pacificas, pag. 7.

que a universidade do povo christão desde o mais pequeno até o maior tem conjurado contra ti: desde a planta do pé até á cabeça não ha um só logar que são esteja. Conjurasse videtur contra te universitas populi Christiani à minimo usque ad maximum: à planta pedis usque ad verticem non est sanitas ulla. E' depois desta censura geral que elle se enviou em especial contra a relaxação do estado Sacerdotal do seu tempo nestes termos: *Egressa est iniquitas à senibus, judicibus, vicariis tuis, qui videntur regere populum tuum: non est jam dicere. Ut populus, sic sacerdos; quia nec sic populus, ut sacerdos. Heu, heu Domine Deus, quia ipsi sunt in persecutione tua primi, qui videntur in Ecclesia tua primatum deligere, gerere principatum* (1). Esta segunda parte foi só a que traduziu o Author das Considerações Pacificas; por signal que ali — Heu, heu Domine Deus — quer dizer, segundo elle verteu: *Oh meu Deos, meu Deos!* — Haja pois mais sinceridade; e declare-se que se S. Bernardo se mostrou zeloso contra o proceder do Clero; primeiro se mostrou possuido do mesmo impulso, do mesmo affecto contra aquelles que não lhes pertenciam. — Diga-se que o traductor omittindo a primeira parte da passagem (falsete que é muito commum entre os Protestantes) para dar mais realce á segunda que citava contra o Clero, não foi franco, não foi sincero.

Porém que diremos ainda nós? Póde-se jámais tolerar que o Author do — *Eu e o Clero* — para justificar o seu modo de fallar contra o mesmo Clero, fosse buscar e ageitar a seu modo a passagem do grande Abbade de Claraval? E' por ventura o modo evangelico e cheio de virtude, que apparece nas palavras do Santo para se comparar com a linguagem sevandija e insultante, de que o *Egotista* usara contra os Ministros do Altar, que sem prova dissera que o offenderam? E' acaso essa linguagem nascida toda ella da *impressão de um vivo desgosto*, e *impulsos de uma indignação*, que o queixoso burlescamente chama *justa* (2), para poder entrar em parallelo com a-

(1) In Conversione S. Pauli, Sermo 1. Operum tom. 2. pag. 47. col. 1.
(2) Eu e o Clero, pag. 3.

quella que é toda nascida de um coração todo elle profundamente abrazado pela reforma do Clero? Oh! que até receio que uma tal pergunta seja excesssivamente offensiva do Portento Apostolico de Claraval! — Nas palavras do Santo refulgem a innocencia e a santidade exclamando com vehemencia contra os abusos do Clero em geral, e não precisamente contra o Clero do seu paiz. E' o bem geral da Igreja que o movia, e não algum motivo de interesse, ou vingança pessoal que a isso o impellisse. Na diatribe — Eu e o Clero — é o *Egotismo* ou *Personalismo* de uma audacia e insolencia desmedida, que com os epithetos mais ferozes de que tem usado os inimigos do Clero Catholico, vem sem respeito algum religioso ultrajar os Ministros Evangelicos da sua patria. E' um motivo que em sua romantica imaginação a seu sabor legalizou, que o levou a produzir o mais ridiculo e desprezivel parto do furor e da vingança. Que profanação por tanto não é invocar o Santo para patrono de taes desvarios! Clamemos antes que é fatuidade risivel, audacia inaudita querer achar no tal invocador e na passagem invocada sequer vislumbre de similhança.

O arrojo e impudencia porém do anti-clerical escriptor, que o levou a justificar a *severidade* da sua linguagem, (que aliàs chama *justa e legitima* (1)) servindo-se da authoridade do Santo Doutor; não foi só uma vez que appareceu em scena. O celebre *cluniacence* apparece agora nella em caracter *de terrivel benedictino* que *desfecha n'uma carta dirigida não a algum prelado metropolitano, mas ao proprio Innocencio II na seguinte diatribe: A insolencia do Clero*, a qual nasce da indulgencia dos bispos, *turba o mundo e afflige a Igreja. Entregam as cousas santas* a cães, *e as pedras preciosas* a porcos, *e elles em paga mettem-nos debaixo dos pés. Assim o quizeram, assim o tenham.* (2) Notamos 1.º que o epitheto *terrivel* applicado a S. Bernardo, além de insultante, é improprio e até contradictorio com o epitheto — *mellifluo* — que lhe dá a theologia orthodoxa. 2.º Que a qualificação *benedictino*, attendendo ao tempo em que o

(1) Considerações Pacificas, pag. 7.
(2) Epistola 152.

Santo escrevia ao Papa Innocencio II, compete-lhe tanto, como o de *cluniacense*, acima transcripto. — Agora chamaremos ao tribunal da intergiversavel raciocinação ao invocador emphatico do *terrivel benedictino*. — A que proposito, a que fim vem essa authoridade de S. Bernardo que traduzistes? Longe de em alguma cousa vos favorecer, vem ainda para mais vos condemnar. Reprehende o Santo a *insolencia* do Clero do seu tempo; e daria elle este nome ao procedimento do Clero que intrepido condemnasse do pulpito uma historia, que por mais de uma vez, pela sua maneira de fallar, se póde chamar a mesma insolencia? Que digo eu? Uma historia em que se nega e trata de fabula essa gloriosa tradição theocratica a respeito do primeiro Monarcha Portuguez, amigo do Santo, e com quem elle, segundo dizem, se correspondia? (1) Uma historia em que esses dois Modellos de Santidade, que o Christianismo venera, e venerará sempre triumfante em seus Altares, instituidores de duas Ordens, a quem tanto devem a mesma sciencia, a civilização, a humanidade; em que, digo, esses dois Modellos de Santidade, Francisco e Domingos, são tratados, um, como o mais burlesco fanatico, outro, como o mais deshumano sanguinario, o mais feroz Ca-

(*) Na edição *novissima* das Obras de S. Bernardo, *studio et labore Jacobi Merloni Horstii, SS. Theologiae Licenciati* etc. *Lugduni*, 1687, em o tomo 1.º, que contém as Epistolas, vem as duas de que fallam os nossos Historiadores, dirigidas pelo Santo a D. Affonso Henriques. São a CCCVIII e CCCLXVII. Nesta vem a celebre e bem conhecida profecia de S. Bernardo, que ligava a duração e integridade do reino á duração e integridade dos bens do Mosteiro de Alcobaça: *indelebile habebitis elogium Regni vestri et in divisione redituum, dividetur à vobis corona vestra.* Esta profecia diz o Annotador da Carta, referindo se a outros Authores, que se verificara depois da morte d'El-Rei D. Sebastião, tendo o Cardeal Rei, que lhe succedera, applicado parte das rendas do Mosteiro d'Alcobaça para um certo cortezão. Pouco tempo durou na qualidade de Rei, como todos sabem, D. Henrique; e os Philippes vieram herdar a corôa de Portugal. — Note se porém que a renda que desmembrou o Cardeal Rei não foi para nenhum aulico ou cortezão, como diz o Annotador, e sim para applicar ao officio de Capellão Mór pelos annos de 1580, como diz Fr. Angel Manrique na Laura Evangelica, Liv. 3.º tom. 3.º pag. 568; que é um dos Authores que elle proprio Annotador citou. São, ou não apocryphas as Cartas? Os que se prezam de paleographos que respondam. Vej. Memor. de Litteratura Portugueza, tom. 5.º pag 319, etc.

nibal, um homem de coração perverso? Uma historia em fim, na qual se não directa, pelo menos indirectamente se insinua e inspira a desconsideração, e o desprezo pela dignidade Pontificia; vista a maneira systematica que o escriptor segue em caracterizar varios d'aquelles que a tem exercido? Daria pois o Santo Doutor o nome de *insolencia*, repito, ao acto justo e legitimo dos Prégadores evangelicos que fulminassem no templo, na assembléa dos fieis as doutrinas de um livro tão cheio de malignidade? Chamaria por ventura *entregar as cousas santas a cães*, *as pedras preciosas a porcos*, ao esforço d'essa voz Apostolica que bradasse sem cessar contra o erro, a essa exhalação, a essa explosão de zelo sincero, que com a arma da convicção exterminasse o mesmo erro? Oh! que se o grande protento do seculo 12.º, que combatera e fizera condemnar os erros de um *Abailard*, que rebateu as heresias de um *Pedro de Bruys*, os absurdos de um *Gilberto*; víra quer garabulhado no codice, quer estampado no livro seductor, e de má doutrina, o desvario; com a mesma eloquencia viva e fulminante o estigmatizaria! O baculo abbacial se converteria até em uma austera e infatigavel penna! Proclamaria a condemnação authentica de uma Obra, inficionada de heresia, em que os effeitos de uma graça essencial, e eminentemente divina, que só póde converter o peccador, segundo a doutrina da Igreja Catholica, tem a respeito de um Heroe da religião a qualificação abominavel de *sonhos febrís de uma enfermidade* (1).

Se eu me servisse (termina elle o parrafo) *de similhante linguagem* (allude ás transcriptas expressões do Santo) *imagine-se que matinada se alevantaria contra mim!* (2) — Póde dar-se maior desconcerto, maior desconchavo da razão, maior apupo feito pela ignorancia ao estillo nobre, sublime, cheio de uncção, ternura, e força, como o caracterisa um distincto author! (3) Não vos lembrais pois já que arguistes o Clero no vosso audacissimo Opusculo — Eu e o Clero — de *ignorancia perversa*, de *hypocrisia*

(1) Hist. de Portug. tom. 2.º pag. 234.
(2) Considerações Pacificas, pag 8.
(3) Mr. Du-Pin, Histoire de l'Eglise.

insensata; que chamastes aos prégadores evangelicos *corsarios da palavra de Deos*; á tribuna sagrada *chapileu de junco malaio*; que proclamastes *mentirosos* e *falsarios* varões dos mais benemeritos da religião, e das lettras na Igreja Lusitana? Ainda não digo tudo: nem julgo, pois é sabido, já necessario dize-lo. — E eram taes expressões de uma natureza toleravel para se poderem comparar com o estillo de algum dos Padres da Igreja por mais forte, e vehemente que seja, e particularmente com a maneira de dizer do grande Doutor Mellifluo, a ponto de se proferir que aquellas e quejandas expressões sejam, como dissestes, uma *suprema doçura* em comparação com as do Santo? Uma negativa fulminante, pronunciada na maior unanimidade pela bôca dos verdadeiros intelligentes, vos deverá perpetuamente estrugir os ouvidos. Antes vos direi que se o Santo Doutor assim arguia a ralaxação do Clero do seu tempo; com quanta mais vehemencia e fortaleza não reprehenderia aquelle que tão audazmente como vós enxovalhasse o Clero? Talvez a eloquencia do grande Bernardo não teria a menor duvida em classificar o antagonista do Sacerdocio no lazarento numero da matilha desses *Cães*, que desprezam *as cousas santas*, em a manada immunda desses *porcos*, que rejeitam as *pedras preciosas!* — E' pena que não existissse em nossos dias o illustre Abbade de Claraval, que na verdade vos havia de dar os devidos agradecimentos pelo primor de sciencia e de religião, o façanhudo — Eu e o Clero — que em contraposição ao seu estillo não vos pejastes de appellidar — suprema doçura! Sem a *tremenda*, segundo a costumeira da Ordem, por certo que não havia de ficar o Author do tal papelucho! — Se eu fosse impertinente havia agora de perguntar a razão porque o traductor da passagem ultima de S. Bernardo trasladou para a nossa lingua a expressão — *negligentia Episcoporum* — como se lê no original, dizendo — *indulgencia dos Bispos!* — Se *negligencia*, e *indulgencia* é uma e a mesma cousa; que o discutam os litteratissimos *Tafues*, hoje, *Janotas*, que tanto *cavaqueiam* e debicam em logomachias; pois que eu tenho obra mais fina!

E na verdade o zurzidor do baixo, e alto Clero quer nada menos, do que entrar em parallelo pessoal com o

immortal Doutor da Igreja S. Bernardo! Quer por bons termos, e maneiras que o Clero *pro talibus ausis* se vá preparando para um dia, em logar de lhe entoar o *libera me*, lhe dirigir um repinicado *ora pro nobis!* Oxalá que assim.... que assim seja!... Mas não ha de ser pelos serviços, que até aqui lhe tem feito, que ha de merecer a bulla da canonização! E' preciso por certo que trilhe e marche por outro terreno; e para isso é-lhe mister comer, como dizem, muito sal, e não d'aquelle com que elle tem salpicado os Santos, os Papas, e o Clero. E'-lhe preciso.... porém que digo eu? O Romancismo, se estiver de maré, é capaz de canonizar ainda que seja um Iscariotes. Não hyperbolizemos porém tanto. — O *Savant* compôz o *Monge de Cister*, que é uma das suas peças de bater, e com este bacamarte romantico na mão, e o polvorinho do — Eu e o Clero — no talim; apregoando á boca cheia a montureira das — *Considerações Pacificas* —; julgou poder inculcar-se *urbi et orbi* pelo ancho nome de seguidor de *S. Bernardo*, por alcunha o *non passibus aequis!* (1) Mas deixemos já de pôr na espinha pelo que é, e pelo que póde ser nesta scena, pelo lado do ridiculo, o escriptor de *nome europeu!* Fique-se lá muito embora com o flato e vertigem de querer, ao que parece, que todo o mundo o tenha por S. Bernardo — o *Pequenito!* — E vejamol-o só pelo que é na realidade scientifica, quanto á parte que vem a proposito.

Dir-se-ha (diz elle) *que S Bernardo foi um Sancto e padre da Igreja, e eu não passo de um peccador e obscuro christão? Assim é. Por isso o segui de longe, non passibus aequis.* (2) — Ora digam-me se este bocadinho não é capaz de provocar a mais tremenda gargalhada ainda aos *Bonzos* mais idolatras do *peccador* e *obscuro christão?* E na verdade! Como é isto?... Ainda ha poucas linhas apparece o *santarrão* excedendo a S. Bernardo nada menos que em um gráo de *suprema doçura*; e agora confessa que o seguira de longe com *passos desiguaes*, *non passibus aequis?* Similhante contradicção é digna das vaias e

(1) E' expressão delle, como adiante veremos, emprestada de Virgilio.
(2) Considerações Pacificas, pag. 8.

corrimaças de todas as humanas intelligencias! — Além d'isto, como se póde dizer que aquella lingoagem insultante contra os Ministros do Evangelho, proferida no — Eu e o Clero — pela boca do *peccador* e *obscuro christão*, seja de um escriptór, que de *longe*, nem ainda por um oculo, siga o Santo? Tal avançar é antes fazer um grave insulto á Santidade do Heroe da Religião, que ninguem ainda lhe fez. — Agora perguntar-lhe-hemos o que quer significar — *obscuro christão?* — Significará aquelle, cuja fé seja duvidosa, ou pouco conhecida pela sua profissão orthodoxa? Não o sabemos. O proprietario do epitheto que o explique. Só sei que é um qualificativo indigno e improprio do que quer dizer e denotar o nome — christão —; e por isso digno de levar em cima um tremendo borrão de tinta!

Com tudo não se deixará (continúa elle) *de advertir em que quando elle escrevia essas palavras violentas, era um pobre monge, humilde, simples, sem pretenções orgulhosas, sem presciencia de que* tinha de ser um sancto, *e um luminar da igreja.* (1) — Perguntaremos sem mais preambulo, em que se parecem estes caracteres pessoaes do Santo com os caracteres que manifesta no — Eu e o Clero — o *peccador* e *obscuro christão*, que de *longe*, diz, o *seguiu?* Acaso parece-se essa humildade, essa simplicidade que reverberavam no homem de Deos, no Modello de Santidade, com a philaucia, com a arrogancia impetuosa com que o Epistolographo se dirigira directamente a um dos mais dignos Chefes da Igreja de Portugal, e indirectamente aos demais Prelados? Póde, sequer ter vislumbre de similhança o respeito com que o Santo tratava os Chefes da Igreja, com essa altiveza ameaçadora, com que o genio vingativo vem vociferar perante as authoridades Episcopaes — que tinha na sua mão o desaggravar-se de *um modo que servisse de escarmento á ignorancia perversa e á hypocrisia insensata* do Clero? (2) O Santo nunca teve, nem talvez terá em tempo algum um devoto que mais o injuriasse! — Pois quem ha de aturar, critica e historicamente fallando, que

(1) Considerações Pacificas, pag. 8.
(2) Eu e o Clero, pag. 3.

S. Bernardo seja qualificado pela tapinosis ou extenuação de — *pobre monge?* — Um homem respeitado, e tão conhecido em toda a Europa pela sua tocante eloquencia e eximia santidade; que dirigira com os seus conselhos todos os Monarchas Catholicos e Pontifices do seu tempo, e tanto influira nos destinos europeus assim religiosos como politicos? Ninguem por certo.

Por onde lhe consta, demais, ao antagonista do Clero, que S. Bernardo não tivera a *presciencia de que havia de ser um Santo*, um *luminar da Igreja?* Em que Codice authentico, e sem pecha diplomatica o víra? Não ha de tornar palavra. Ha de ficar mudo, e com uma cara de palmo e meio de insipiencia, peior e mais feia que a de um muito meu conhecido escriptor, que elle, por desforra, dizem, fizera figurar no *immoralissimo Burlesco!* A sua perspicacia porém é tal que até não lhe escapou o que lá se passara no interior do Santo ha sete seculos! Que tal é o seu retroactivo telescopio!

As expressões *phrases violentas* são novas e inauditas na qualificação do estillo do Santo Doutor; além de injuriosas ao seu caracter. Póda tambem com ellas!

E que lhe importava? (termina elle) *O espectaculo do procedimento do clero arrancou da sua boca esses brados d'indignação, como loucas provocações arrancaram da minha penna palavras muito menos violentas.*

E que lhe importava? O que quer dizer essa interrogação tão disparatada, como enigmatica? Explicai-a. Precisa pois de um Commentario grammatical para ser entendida! Porém que escriptor é esse que nos brinda com uma interrogação de embrulho, em que o sujeito do verbo anda lá por esse mundo das adivinhações ellipticas? E' aquelle mesmo, responderei eu, e responderá comigo todo o mundo que o souber; que no — Eu e o Clero — apodou os prégadores Evangelicos de *inimigos figadaes da lingua, da grammatica e do senso commum!* (1) E terá alguma destas tres cousas, olhadas pelo lado positivo, a tal interrogação? Quem lhas achar merecerá alviçaras!

O espectaculo do procedimento. Dizei só — *o proce-*

(1) Pag. 8.

dimento, que é quanto basta, sem mais franja, nem estofo pleonastico! — Mas foi só o procedimento do Clero que excitou os brados de indignação do Santo? Já vos fiz ver o contrario. A classe secular foi a primeira que, incluida na *universalidade do povo Christão*, levou logo no acto da partilha o principal quinhão. — Demos porém que o Santo fallára só do Clero. Que se tira d'ahi? Collige-se por ventura que todo e qualquer *Janistroques* á sombra da sua authoridade está habilitado para vomitar toda a casta de cobras e lagartos contra o Clero? Fóra com tal e tão impudente dialectica! — Mesmo as palavras do Santo não se devem tomar tanto ao pé da lettra, que não se admittam no Clero do seu tempo excepções as mais illustres; começando logo por S. Bernardo. — Emendai só agora a palavra *indignação*, e chamai-lhe *zelo*, que foi justamente o affecto que dominou o Santo, quando proferiu as já transcriptas palavras. — O Author transfere para o Santo o máu humor de que está possuido para com o Clero; o que o torna gravemente ridiculo!

Que *loucas provocações* são essas de que fallaes? Examinai imparcialmente as cousas, e achareis que a realidade da expressão toda vos compete, e não ao Clero. Essas *provocações loucas* estão na vossa Historia de Portugal. Lêde esse Opusculo que vos deitou abaixo a prôa de *chapiteu de junco malaio*, (o Eu e o Clero) que tem por titulo: — *Justa Desaffronta em defeza do Clero* — e achareis tudo em pratos limpos. — Mas porque teimaes em dizer que as vossas palavras contra o Clero são *muito menos violentas* que as de S Bernardo? Acaso quereis que vos repeniquem uma tremenda pateada? E' o que talvez provocaes!

Porém que metamorphose, ou phantasmagorica conversão, ou inversão foi esta? Ainda ha pouco o escriptor nos acaba de dizer que as *frazes da sua Carta* — Eu e o Clero — *eram de suprema doçura comparadas com as de S. Bernardo* (1), e agora na pagina seguinte só nos diz que as suas palavras *são muito menos violentas que as do Santo!* (2)

(1) Considerações Pacificas, pag. 7.
(2) Considerações Pacificas, pag. 8.

Porque magia desappareceu tão depressa a tal *suprema doçura?* E em seu logar ficou fazendo as vezes uma cousa que o não é, nem para lá vai? Se isto não é uma galhardissima evolução, ou contradicção romantica; outra cousa não sei o que seja!

E que me dizem ás taes *loucas provocações*, que tivéram a habilidade de *arrancar palavras* da sua penna, que elle qualifica de *muito menos violentas*; se olharmos a que a accusação é feita especialmente aos Ministros do Evangelho? Aonde está a *loucura* d'essas provocações, que vós ainda não provastes documentalmente que existiram? E quando existissem, sois vós o juiz competente para as caracterizardes de *loucas?* — E assim trataes os pregoeiros da palavra divina em um Opusculo a que chamaes — *Considerações Pacificas?* — Pareceis estar de galhofa! O objecto porém é serio.

6.ª PASSAGEM.

» Consinta-se-me que cite ainda um veneravel pre-
» lado portuguez quasi do nosso tempo, a quem tam-
» bem tive occasião de alludir na minha carta; que re-
» corde as palavras geraes de D. Fr. Caetano Brandão
» ácerca do clero portuguez no principio deste seculo.
» O metropolitano explicava n'uma carta a certo minis-
» tro d'estado, quem era que fazia recahir a descousi-
» deração sobre o poder pontificio. » *São aquelles* — di-
» zia o arcebispo de Braga — *que á força de supplicas*
» *importunas*, *de respeitos humanos*, *e outros motivos* ain-
» da mais vergonhosos, *costumam extorquir da curia ro-*
» *mana provisões beneficiaes*, que mais parecem titulos
» de contractos de predios rusticos, do que de beneficios
» ecclesiasticos; *provisões a favor das quaes tem infesta-*
» *do as parochias e córos* (collegiadas e cabidos) de todo
» o reino *uma tropa confusa de sujeitos indignos* etc. (1)
» Que se lêa inteira a passagem impressa daquella car-
» ta, e ver-se-ha se foi o arcebispo, se eu, quem usou
» de mais desabrida linguagem. — Apezar d'isso, suas
» reverencias hão de tolerar-me a crença de que não es-

(1) Mem. de D. Fr. Caet. Brandão, tom. 2.º, pag. 411.

» tão no inferno, nem a alma de D. Fr. Caetano Bran-
» dão, nem a de S. Bernardo. » (1)

Peço e imploro aqui, em nome da verdade, a attenção do publico em geral, e especialmente do Clero, para que venha ver o verdadeiro sentido, em que devem ser tomadas as palavras do immortal Arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão, que o seu inexoravel Antagonista produzira. — Que miseria! Que ignorancia! Ainda é pouco. — Que grave insulto feito á memoria de tão grande e virtuoso Metropolita! — E' falso e mais que falso que as expressões de D. Fr. Caetano Brandão se possam tomar como termos ou *palavras geraes ácerca do Clero portuguez no principio deste seculo*, como altamente se acaba de pronunciar. Historiemos primeiro, para depois devidamente concluirmos.

Lê-se em as Memorias do Arcebispo Primaz, que tendo elle *por uma Ordem circular* para *todo o Arcebispado* mandado prohibir, *debaixo da pena de excommunhão immediatamente reservada* á sua pessoa, *todas as vendas, e contractos feitos nos Domingos e Dias Santos não dispensados*, *declarando que desta excommunhão nenhum Sacerdote poderia absolver os Fieis, nem ainda pela Bulla da Santa Cruzada, sem sua especial licença*; o Ministerio d'aquelle tempo significou por um Aviso ao Metropolita Primaz, que Sua Magestade não tinha por conveniente sem o seu Regio Beneplacito que se alterasse a Disciplina e pratica universal recebida em toda a Igreja Lusitana, no que dizia respeito á *Bulla da Santa Cruzada*. — Um dos motivos que o Ministro lhe ponderou para não ter logar aquella alteração, era o ser alheia *das circumstancias criticas do tempo*, em que o fazer innovações podia dar motivo aos inimigos da Igreja para *abaterem o respeito e dignidade da Santa Sé*. (2) — Respondeu o Arcebispo com a eloquencia e energia digna de um Chrysostomo. — » Que fiz eu, diz elle, com a-
» quella Ordem? Nada mais do que pôr em praxe um
» direito, que Jesus Christo me concedeu, e affiançam

(1) Considerações Pacificas, pag. 8 e 9.
(2) Memor. de D. Fr. Caetano Brandão, tom 2.°, pag 404 e 405.

» os Canones inspirados pelo Espirito Santo, e reveren-
» ciados por todo o mundo. Mas se isto é favorecer o ne-
» gro designio dos impios; se é espraiar-lhes o caminho
» para abaterem o respeito devido ao Chefe da Igreja;
» que deveremos então dizer do empenho de um S. Luiz
» Rei de França etc. (Allega a Pragmatica Sancção;
» os Concilios de Constança e Basiléa; os esforços fei-
» tos a este respeito do poder dos Bispos no Concilio
» Tridentino); e continúa: Tudo isto ācaso deverá con-
» demnar-se só porque parece a alguem que a impieda-
» de tira d'ahi pretexto para as suas invectivas contra
» Roma? Ah! Póde V. Ex.ª socegar o espirito de Sua
» Magestade; que não são estes os principios de que or-
» dinariamente abusam os impios blasfemadores: outros
» ha, que lhes parecem mais proprios, por isso mesmo
» que tem uma relação intima com o desgraçado fim
» que se hão proposto. Quer V. Ex.ª saber quaes são os
» que influem infallivelmente para os desprezos do Su-
» premo Pastor? Eu o digo. (1) *São aquelles que á for-*
» *ça*, etc. » E' o logar da passagem que fica transcrip-
ta, em que o antagonista do Clero fundamenta a sua
risivel pretenção que se segue. — E aonde se encontra-
rão nelle *essas palavras geraes de D. Fr. Caetano Bran-*
dão ácerca do Clero portuguez? Em parte alguma. Dirá
logo aquelle que o ler com attenção, e o comparar, e
referir á passagem precedente do Metropolita; que copiá-
mos. Pelo contrario o Arcebispo, longe de fallar na ge-
neralidade do Clero portuguez, restringiu-se precisamen-
te só áquelles da classe Sacerdotal, que tornando-se com-
plices de simonia, pelas maneiras que enumera, *influiam*
infallivelmente para os desprezos do Supremo Pastor. —
Mas que ha de ser? Vós mesmo, ó Escriptor, vos con-
tradizeis! Sim; escreveis que *o metropolita explicara n'u-*
ma carta a certo ministro d'Estado quem era que fazia
recahir a desconsideração sobre o poder pontificio!... Fallar
porém deste modo não é pronunciar *palavras geraes ácer-*
ca do Clero portuguez! — E' assim que levantaes agora um
falso testemunho ao immortal Arcebispo de Braga D. Fr.
Caetano Brandão, como já tambem por fórma diversa

(1) Memor. de D. Fr. Caetano Brandão, tom. 2.º, pag. 410 e 411.

levantastes outro ao grande Arcebispo de Evora, D. Fr. Manoel do Cenaculo (1); ambos religiosos da mesma Ordem!

Porém concedamos que o Arcebispo Primaz empregasse toda a vehemencia de estillo contra a relaxação do Clero portuguez; que direito vos dá seu procedimento para, á sua imitação, reprehenderdes o mesmo Clero? Sois vós acaso a competente authoridade para exercerdes esse poder? Donde vos viria essa missão especial? Do braço civil, ou do ecclesiastico? De nenhum delles, como o sabe todo o mundo. Porque motivo pois vos veiu á cabeça essa caricatura burlesca de quererdes hombrear com os Bernardos e Brandões; quando se trata de justificardes a tósa indigna e feroz que descarregastes sobre o Clero? A lembrança é d'aquellas que provocam a mais escancarada e retumbante cachinada de espontaneo despreso! — E na verdade em que se parece a lingoagem eminentemente Apostolica do mui virtuoso Primaz das Hespanhas, com esse estillo ferino com que atassalhastes o Clero? Será por ventura em lhe chamardes — *ignorante* — *fanatico* — *hypocrita* — com outros mais adubos deste viperino jaez? Em apupardes os prégadores da divina palavra, ora de *cirzidores de farrapos de Sermões velhos, inimigos figadaes da lingua, da grammatica e do senso commum*; ora de *declamadores* e *carpidores* de *traducções detestaveis de fragmentos de sermonarios francezes*; cognominando os seus sermões *partos de uma oratoria que por irrisão sacrilega se denomina sagrada?* (2) Ah! que se uma similhante mania vos domina, vós na verdade offereceis ao mundo intelligente o espectaculo da mais triste irrisão! — Será em fim em chegardes á animosidade inaudita de escreverdes que — *Roma parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do Catholicismo*; (3) e isto (se ha aqui toda a verdade (4)) por

(1) No — Eu e o Clero — pag. 15.
(2) Vej. — *Eu e o Clero* — pag. 6 e 7.
(3) Vej. — Eu e o Clero — pag 20.
(4) Por certo que a não ha; segundo informações que, posteriormente ao que fica escripto, obtivemos de pessoa fidedigna, e assás instruida, empregada na Nunciatura. Por ella soubemos que não vem no *Index* o nome de *Chateaubriand*; como falsamente affirmára,

ter ella collocado no Indice dos Livros prohibidos os nomes de quatro Authores? Oh! que as suas expressões de respeito e veneração para com a Santa Sé Apostolica vos devem de todo confundir! Ouvi-as pois: » Agora, » Senhor, (respondia, concluindo, o Arcebispo ao Ministro da sua Soberana, e sobre o negocio já mencionado) » o que eu não posso, nem devo ouvir com indiffe- » rença é o que se ajunta ao Regio Aviso: — *que com » este procedimento dou occasião aos inimigos da Igreja » para abaterem o respeito devido á Santa Sé, e pôr em » menos cabo a authoridade do primeiro Bispo do Chris- » tianismo.* — A quem não assustará lance tão temeroso! » Um Bispo arguido pela sua Soberana de facilitar meios » á impiedade para se revoltar contra o Chefe da Igreja! » Porém eu não desanimo: a minha consciencia, e a » justiça da causa me sustentam. Disse: — a minha cons- » ciencia. Bispo de uma Sé antiga, e respeitavel, as- » sento de tantos Prelados insignes, que se tem distin- » guido pelo seu amor, e respeito filial para com a Sé » Apostolica; não permitta o Ceo que estas felizes dis- » posições enfraqueçam no ultimo, e mais indigno dos » seus Successores. Ah! Não, não ha de ser assim. » Santa Igreja Romana, Mãi das Igrejas, e Mãi de » todos os Fiéis, Igreja escolhida de Deos para unir os » seus filhos na mesma Fé, e na mesma Caridade, sem- » pre estarei unido comtigo do fundo das minhas entra- » nhas: Se eu tenho de me esquecer de Ti, antes me » esqueça de mim mesmo! A minha lingua se pegue » immovel ao paladar, se Tu não és a primeira em mi-

que vinha; o escriptor do — Eu e o Clero. — As Obras de Lamartine que se acham no *Index* — segundo pelo mesmo canal nos foi transmittido, são: *As Memorias de uma viagem no Oriente* — *O Jocelyn, ou Conto achado em casa de um Cura* — *A Quéda d'um Anjo.* — Das Obras de Gioberti constou-nos serem prohibidas — *O Jesuita Moderno*, e *Os Prolegomenos ao Primado da Italia.* Do *Jesuita Moderno* lemos em um Extracto algumas proposições, cuja impiedade e heterodoxia sobejamente justificam a condemnação da Obra. — O Escripto de Ventura, que é prohibido, é a *Oração funebre pelos que morreram na revolução de Vienna.* O insigne Orador reconheceu a justiça da prohibição delle, por meio de uma Carta, publicada em quasi todos os Jornaes da Europa. — Tudo isto faz ver quão diverso é o facto, em que se fundou o Author do — *Eu e o Clero* — para vociferar tão enormemente contra Roma!

» nha lembrança, e a que colhes a flôr dos meus canti-
» cos — *Adhaereat lingua mea faucibus meis, si non me-
» minero tui; si non proposuero Hierusalem in principio
» laetitiae meae* « (1).

Porém dêmos mesmo que o estillo dessa carta infernal, chamada *Eu e o Clero*, com que alanhastes o credito da Classe Sacerdotal, era não por ironia, mas por antonomasia a — *Suprema doçura* — como lhe chamastes; olhada a questão só debaixo de idéas eminentemente theologicas; de que fonte primitiva vos veiu a legitima authoridade para reprehender o Clero? Não é por ventura esta authoridade, no sentido em que fallamos, só dos Bispos; a qual por direito divino fundado na Escriptura, e Tradicção, como superiores aos Presbyteros, lhes compete? Ninguem poderá dizer o contrario; a não ser algum Calvinista. — Vós pois usurpando uma authoridade que por fórma alguma vos pertencia, commettestes um gravissimo defeito, um tremendo lapso theologico aos olhos do Christianismo! Pelo contrario é ao Clero (comprehendo só os membros habilitados delle) que já pelo caracter essencialmente doutrinante de Ministros do Evangelho, já pela natureza da jurisdicção que os Bispos lhes conferem; a quem compete e tem direito de corrigir os erros publicos dos Fiéis, oppostos á sãa theologia, ou circulem oralmente, ou corram por escripto. Foi o que fizeram aquelles prégadores que declamaram contra a vossa innovadora historia. Cumpriram um dever, não praticaram um excesso. Vós é que reprehendendo-os, e insultando-os, o praticastes!

Mas a que proposito vem o chasco insulso, e audaz que fazeis ao Clero, terminando pelas palavras: *suas reverencias hão de tolerar-me a crença de que não estão no inferno, nem a alma de D. Fr. Caetano Brandão, nem a de S. Bernardo?* — E' isto alguma razão que colha a favor da vossa contenda? Qual razão!... E' um destempero, e conjunctamente um novo insulto feito ao Clero, que deve ir para a asquerosa sorveteira dos mais despresiveis! — Sabei que nenhum Clero do mun-

(1) Mem. de D. Fr. Caetano Brandão Tom. 2.º pag. 409 e 410.

do vos ha de permittir se lhe dirijam tão escandalosas expressões a respeito do virtuosissimo Arcebispo Primaz, e muito menos a respeito de um Santo já canonizado como S. Bernardo! — O insulto é maior do que inculca aquillo que á primeira vista exprimem as palavras. — Vós sim no vosso dizer suppondes que o Clero crê, ou pelo menos que é capaz de crer, estarem no inferno as almas desses varões Santos que tem declamado contra a relaxação do Sacerdocio! Ah! que as vossas achincalhações contra o Clero sobem de ponto, tanto pela grandeza da irrisão, como pela originalidade! — Esta, além, de sobremaneira offensiva, é summamente escandalosa!

7.ª PASSAGEM.

Ainda algumas palavras sobre o antagonismo, em que de nenhum modo V. S.ª (1) me quer ver collocado, em relação á maioria do clero. Foram apenas alguns que me provocaram do pulpito, e eu chamo á autoria o grande numero. E' verdade. (2)

Não me admira já que o Antagonista da Classe Sacerdotal, depois de ter chamado á autoria pelo titulo impudentissimo — Eu e o Clero — a todos os entes passados, presentes e futuros do mundo clerical; agora contradictoriamente só queira mostrar o seu antagonismo com o *grande numero*, ou a maior parte do mesmo Clero! Não me admira, digo, esta inconstancia, e leveza de pensar, molestia tão inherente ao romancismo, (talento de formar *castellos*, como dizem, *em Hespanha*) que é o escorbuto da intelligencia, e a esta tão prejudicial, como já a seu modo notou Condillac. — O que sim me fizera admirar são essas artes de *birliques* e *berloques*, pelas quaes elle obrou sobre esses *apenas alguns* do Clero, que do pulpito, diz, o *provocaram*, a maravilha protentosa do *crescite et multiplicamini*; convertendo-os por graça do chamamento *á autoria*, que elle se dignou fazer-lhes, em um *grande numero!* Vamos pois a ver o prodigio.

(1) Dirige-se ao Redactor da — Nação.
(1) Considerações Pacificas, pag. 9.

Não sei com certeza, diz elle, *senão de alguns factos de aggressão*, *mas a noticia de parte d'esses factos obtive-a casualmente.* (1) — A que proposito vem aqui nesta geringonça de palavras a circumstancia restrictiva — *mas a noticia de parte d'esses factos obtive-a casualmente?* Acaso dá ella mais força á certeza d'elles, que o Author confessa não tivera? Não reconhecemos que uma tal circumstancia tenha esse poder, essa natureza. Pelo contrario factos d'este caracter tem todos os visos de terem uma origem incerta, de não serem apurados por um severo exame; e por isso longe de fazerem vulto em qualquer accusação, previnem o juiz imparcial contra elles. Giram no tropico incircumscripto das *roletas*, ou noticias *barbeiraes!* — Mas não é aqui que está a habilidade do romancismo. Quereis saber, meus Senhores, como se arranja uma caravana, uma enfueirada de factos para fazer odiar o Clero. Peço-vos que attendaes.

Alguns (factos), continúa o escriptor, *constaram-me apenas*, *porque um jornal a elles alludiu de passagem*, *dizendo que se praticavam por diversos logares de Entre-Douro e Minho.* (2) — Eis-aqui tendes um principio, um fundamento historico d'aquelles que em fraseologia familiar se chamam *de arromba*; para compaginar do pé para a mão uma turba multa de Clerigos, que andassem prégando pelas duas provincias de Portugal, segundo a divisão moderna, uma cruzada contra a *invulneravel* divindade litteraria, chamada *Historia de Portugal por A Herculano!* E não é isto um aleijão, um tuberculo mental, aos olhos da Arte de cogitar? Quem o duvida? E' de tal natureza que até se me figura que toda a besourada da escola de Aristoteles, se em outro tempo tal ouvisse, lhe cahiria em chusma com movimento de compasso andante, para a golpes de postilla esmecharem a tal geba irracional! Pois é possivel que um *quejando milagre de sciencia*, um *super omnes de litteratura*, a quem os seus satellites por ahi apregoam com toda a guizalhada das suas vozes pelo *heroe da argumentação irresistivel:* E' possivel, sim, que esse genio de guin-

(1) Considerações Pacificas, pag. 9.
(1) Considerações Pacificas, pag. 9.

dado *raciocionalismo*, diante de cuja presença tremeriam como varas verdes um Platão, um Aristoteles, um Condillac, um Tracy; esse genio de empapuçado galhardete, que quer que todos o olhem e reconheçam como *Dogmatista de marca infallivel*; assim... assim discorra, por não dizer, desvarie? Se não estivesse escripto em indelevel typo; não se poderia acreditar! E na verdade, quem ha que esteja em seu perfeito e normal estado de raciocinio, que só por lhe constar por *um jornal que alludiu a alguns factos de passagem em certos logares de Entre Douro e Minho*; acredite e dê como provados, para fazer corpo de delicto de accusação contra o Clero, os taes passageiramente alludidos factos? Não haverá um só homem por certo de alguma critica, que dê tanto credito aos artigos, que chamam de *chouriço*, insertos nos Jornaes! E é este o criticão que não acredita nos milagres referidos por S. Bernardo, nem tão pouco na santidade dos Papas da idade media, e menos ainda na apparição de Christo a D. Affonso Henriques, de que parece arrenegar mais que o Satanaz da Cruz? Quem o diria! E' porém incontestavelmente uma verdade. A allusão de um Jornal, (cujo nome de mais a mais não declara) foi para elle um documento authentico para logo dar por indubitavelmente existentes aquelles factos dos prégadores, praticados contra elle. Que tal é a critica!

Mas ainda não está aqui toda a belleza da maravilha. Continúa pelo seguinte theor: *E' acaso provavel que se não repetissem por outras dioceses? Em Lisboa, onde resido; onde os sacerdotes podem ter mais illustração; onde até o fanatismo deve ser mais raro, porque a propria fé é mais tibia; onde, em fim, os prégadores mais devem recear que o seu auditorio se ria delles, houve dois exemplos. Não me será licito inferir que, não tendo eu uma policia ás minhas ordens, ignoro muitos successos analogos* (1)? — Se em uma assembléa de julgadores, por mais parciaes que fossem, se perguntasse ao accusado, que outras mais provas produzis para mostrar que houve attentado da parte do Clero em combater, e condemnar do pulpito a vossa historia? E elle respondesse em addi-

(1) **Considerações Pacificas, pag. 9.**

tamento ou reforço aos factos da allusão, ou illusão, praticados por diversos logares de Entre-Douro e Minho, com esta inesperada e embasbacante interrogação: *E' acaso provavel que se não repetissem por outras dioceses?* Que idéa ficariam fazendo os juizes e espectadores? Ficariam pensando que era algum litterato do gremio e raça dos escarranchados nas azas da fama, que fallava sériamente, ou que era algum buffão insulso que se apresentava alli para dizer chocarrices? E' bem de presumir que os sabios e sisudos juizes lançariam nos Autos o judiciosissimo despacho — *remettido á Faculdade competente para se lhe fazer o devido exame phrenologico do miolo! E não volte a juizo sem trazer certidão authentica de que está melhor da cachimonia!* — E quanto não accordariam elles mais sobre o despacho lançado, quando logo mais abaixo encontrassem a outra divinal interrogação, alludindo a Lisboa: *Não me será licito inferir que não tendo eu uma policia ás minhas ordens, ignoro muitos successos analogos?...* Nós porém não subscreveriamos ao despacho de taes julgadores.—Temos que o Author estava no perfeito uso das suas faculdades mentaes; e no mais pleno gozo de todos os seus adminiculos scientificos, quando similhantes cousas transmittira ao papel! Neste unico sentido argumentemos agora. Póde dar-se cousa mais ridicula, e ainda mais affrontosa á razão humana a mais infima e vulgar que seja, do que em uma accusação (além de se não provar documentalmente um só facto) pretender-se augmentar o numero delles só com uma aerea e abstracta fórmula interrogativa — *E' acaso provavel que se não repetissem por outras dioceses? Não me será licito inferir que não tendo eu uma policia ás minhas ordens, ignoro muitos successos analogos?* — Dão por ventura taes, e tão gratuitas generalidades motivo, e fundamento algum para se fazer alguma arguição? No mundo da razão e da jurisprudencia serão sempre ellas tidas, como uma burla quixotesca, uma pueril ninharia. Accusar individuos com enunciados genericos, é, além de uma degradação em materia de sciencia, um signal o mais pronunciado de mal querença, e parcialidade desprezivel.

Agora, antes de me retirar deste terreno, altamen-

te clamarei contra a asserção incidente, que se lê no logar já transcripto: *o fanatismo deve ser mais raro, porque a propria fé é mais tibia.* — Póde acaso tolerar-se esta expressão? De nenhuma sorte. Se o *fanatismo é mais raro, quando a fé é mais tibia*; então devemos concluir que quando a *fé* é mais *forte* o *fanatismo* é mais *vulgar*. E que absurdo, que attentado não é esta asserção contra a virtude theologal da fé! E' suppôr que o fervor, a viveza da fé é a causa do augmento do fanatismo, e que quando aquella affrouxa, diminue este. E' capitular a vulgaridade do fanatismo, como uma entidade inherente, e correlata do fervor da fé. Que doutrina tão falsa, tão escandalosa! Pelo contrario a superstição ou fanatismo é aos olhos da verdadeira e universal theologia uma aberração da verdadeira crença, da verdadeira e pura fé. Quando a fé é viva decahe e desapparece o fanatismo; quando ella é tibia, é então que elle mais vigora. A fé é uma tocha luminosa que preside á intelligencia do homem Christão, diante de cujo brilho o fanatismo desapparece e morre. Como é por tanto que se deduz, sem grave erro, da tibieza da fé a raridade do fanatismo? Deveria-se deduzir o contrario. — E que abominaveis consequencias se não tirariam ainda d'aquella falsissima doutrina! Dir-se-hia que quanto mais forte fosse a fé, mais se propagaria o fanatismo; que quanto o Christão fosse mais firme na fé, tanto era mais fanatico. — Quanto ás allusões desairosas que faz aos habitantes de Lisboa religiosamente fallando; a devoção sensata ás cousas sagradas, e o respeito ao Sacerdocio da parte mais geral da capital que lhe respondam.

Porém ainda não tenho dito tudo. O Antagonista do Clero disse em sua primeira Carta (que dirigiu ao Em.^mo Cardeal Patriarcha) que as aggressões contra elle da parte do Clero em Lisboa tinham sido tres. Eisaqui as suas palavras: *O primeiro commettimento foi tentado n'uma solemnidade notavel, e n'um dos templos mais frequentados de Lisboa. — Na minha propria parochia, e dois dias depois n'outra igreja da capital, fui de novo arrastado perante as turbas na torrente da eloquencia clerical.* (1) Agora no Opusculo, que refutamos, diz em o pe-

(1) Eu e o Clero, pag. 6.

daço que deixamos copiado: *Em Lisboa, onde eu resido, houve dois exemplos.* Quando é, ó escriptor, que fallaste a verdade? Foi então ou é agora? Eis-aqui a certeza, que tinha o celebre Antagonista, dos factos de que arguia o Clero, e a segurança com que delles fallava! E ha de se-nos levar a mal que o cognominemos um accusador burlesco? Acreditamos ser ainda pouco. Dá motivo para o appellidarmos de má fé!

8.ª PASSAGEM.

Para que servem os vigarios da vara, os arcediagos, os representantes ou delegados do poder episcopal? Como informam os respectivos prelados do que se passa entre o clero diocesano? Não tenho eu direito a suppôr que elles tambem entendem que a santidade dos papas da idade media ou o apparecimento de Ourique são partes integrantes da crença catholica, e que se trepassem ao pulpito, e lhes viesse a talho, me chamariam do mesmo modo impio ou herege? (1)

Chamarei aqui a attenção das intelligencias mais conspicuas, dos caracteres mais despidos de affeições; e pedir-lhes-hei que me digam se leram em alguma parte bocado algum, por este gosto, escripto por Author portuguez, mais offensivo e achincalhador das Authoridades delegadas da jurisdicção dos Bispos? Hão de me responder, por certo, que não. — Que resposta pois deveriam dar a estas increpações insultantes e indignas as Authoridades ecclesiasticas offendidas? A mesma que deram: o silencio, e o mais completo desprezo. E' muitas vezes este prudente procedimento do superior para com o subdito, uma resposta mais frizante, que a mais positiva correcção canonica. E que outra cousa merecia um *verme* que *passa á sombra do seu nada* (2); como elle contradictorio comsigo mesmo já se inculcára? Mas que tal é o verme que préga tão tremendas ferroadas! — Eu vou pois responder ao increpador injusto, não em nome das Authoridades, que achincalhára; que não precisam de

(1) Considerações Pacificas, pag 9.
(2) Eu e o Clero, pag. 20.

tão fraco orgam para as defender; porém sim em nome da verdade e da justiça.

Quem vos deu authoridade para fallardes d'aquella maneira affrontosa dos delegados do poder episcopal? Ninguem. Nem é possivel que o espirito de sujeição e de respeito, que o Christianismo inspira a todos os Fieis para com os representantes de qualquer Chefe diocesano, vos levasse a similhante excesso. Ereis subdito e constituistes-vos superior indiscreto, arguindo de um modo desdenhoso e intoleravel, aquelles mesmos, que por direito divino vos podiam severamente reprehender. Infringistes um dever, que como Catholico devieis cumprir!

Para que servem os vigarios da vara, os arcediagos, os representantes ou delegados do poder episcopal? Gritaes sim ou antes bravateaes, como se estivesseis tratando com alguns escravos, alguns eunuchos. E não vos envergonhaes vós do papel caricato que fazeis? — Querieis vós que elles como vossos ignobeis e automaticos servos estivessem á mira; tivessem até uma espionagem *ad hoc* para saber o que se passava entre o Clero a respeito da vossa *veneravel* historia de Portugal, para darem parte do sacrilegio aos *respectivos prelados*, logo que elle *infelizmente* acontecesse? Pretenderieis acaso que por seu mandado os parochos e curas de toda a casta de villas, logares e aldêas do Orbe Lusitano intimassem a todo e qualquer bicho careta, que tivesse geitos de prégador, que ahi fosse, e pretendesse subir ao pulpito, ainda que fosse só para dizer duas palavras aos freguezes sobre o valor dos suffragios pelas almas dos Fieis defunctos; (que é artigo de que os Protestantes motejam, e o mais improprio para episodios historicos) lhe intimassem, digo, em fórma cathegorica, a nova rolha? Que lhes estrugissem os ouvidos com o berro: » Cautela, meu Padre, » com a *intangivel* do A. Herculano! Olhe não se metta, » nem nos metta em trabalhos; por causa do mofino Alco» rão historico! » Se tal flato se vos metteu na cabeça ou não sei aonde, a caricatura ganhou o ultimo arrebique do ridiculo. Uma ordem desta estofa, se por entremezada se publicasse, faria estourar a mais furibunda gargalhada, não digo já ao prégador, mas ao laponio mais boçal da Irmandade, que alli se achasse, e a ou-

4 *

visse. — Cahiria lhe até das algibeiras com a força da rinchavelhada a brôa e a podôa!

Para que servem os Vigarios da Vara, os Arcediagos, e mais delegados Episcopaes? Clamaes vós. Eu vol-o digo; se o não sabeis. Servem para cumprir e dar á execução aquelles actos de jurisdicção ordinaria ou extraordinaria em que os Bispos os constituiram seus vice-gerentes. — E entre as instrucções poderia jámais contar-se aquella em que os Bispos lhes impozessem a obrigação de vigiar, e insinuar aos prégadores para que não denunciassem aos Fieis o veneno dos máos livros, e sobre tudo o de uma Historia do paiz, em que não só se avilta uma tradição theocratica nacional, até agora sempre respeitada e defendida pelos mais distinctos sabios portuguezes, tanto do Clero, como fóra d'elle; mas até se maltratam memorias de Pontifices respeitaveis, entrando especialmente neste numero a de um, a quem a Santa Igreja venera em seus altares? Que digo eu? Se desprega, com desdouro profundo da santidade de um outro Heroe canonizado, (repetil-o-hei outra vez) a bandeira da heresia pelagiana? — Não se pudera fazer maior insulto ao dever e ao bom senso da Dignidade Episcopal, do que imaginar-se uma tão absurda, e iniqua disposição!

Porém a injuria feita pelo escriptor aos Vigarios da Vara, aos Arcediagos e mais Delegados dos Bispos, ainda é de mais agigantada marca. Que diz pois elle? Escutem-se attentamente as suas palavras memorandas; se é que ellas não são antes para se taparem os ouvidos: — *Não tenho eu direito a suppôr que elles tambem entendem que a santidade dos papas da idade media, ou o apparecimento de Ourique são partes integrantes da crença catholica?* Póde dar-se audacia, despejo similhante? Não sei que se possa dar. — Porém que discorrer tão frivolo, tão nauseante se não está mostrando visivelmente na mencionada increpação? Sim: Que homem de senso, de illustração, de critica, ainda do menor e mais inferior quilate, poderá tirar por conclusão legitima, que pelo unico facto de os *Vigarios da Vara*, e quaesquer outros *representantes do poder episcopal* não tolherem que os prégadores declamassem contra a tal historia do Antagonis-

ta do Clero; (no que bem mereceram da religião e da patria) ficassem logo elles réos de terem, como partes *integrantes da crença catholica*, *a santidade dos papas da idade media*, *ou o apparecimento de Ourique?* E muito menos que o Historiador queixoso ganhasse o direito de assim o suppôr? Ninguem sem duvida ha de tal dizer. Todo o mundo dirá que a conclusão do enthimema é uma burla, é um disparate, que mal se compararia com os desvarios extravagantes de um romance. — Porém os Vigarios da Vara, e todos os Delegados da jurisdicção episcopal, quaesquer que elles sejam, tem toda a sciencia para distinguir o que são *partes integrantes da crença catholica*, d'aquillo que o não é. Não os injurieis tão negra e affrontosamente!.... Vós é que pelo vosso modo inconcludente e risivel de discorrer bem mostraes que o ignoraes!.... O insulto, que se encerra em vossas palavras vai ainda mais longe! Ataca os proprios Bispos!.... Por ellas daes a entender que os Prelados Diocesanos delegam a sua authoridade em membros do Clero, que não sabem conhecer o que são *partes integrantes da crença catholica!* A injuria sóbe de ponto! — Agora advertiremos que a expressão *partes integrantes da crença catholica* é inteiramente desconhecida na theologia orthodoxa. A Igreja Catholica é essencialmente compacta e homogenea em todos os seus elementos; quaesquer que sejam os pontos dogmaticos da sua crença. Em artigos de fé tudo é de essencia, não ha partes integrantes. Tudo é nelles homogeneo ou de natureza identica, já se considere tanto em sua intensão como extensão. A exotica expressão, de que o Author se serviu, cheira-me pois a não sei que parecença com a famosa distincção dos artigos da Fé em *fundamentaes* e *não fundamentaes*, que inventara o Calvinista *Jurieu*. — Os tiros todavia do desdenhador dirigem-se ainda a outro alvo. Vamos a repellil-os.

Falla-se ainda outra vez por chacota na *santidade dos papas da idade media*. E póde duvidar-se que este modo de fallar é um insulto do protestantismo contra a Igreja Catholica? Se houvesse alguem que hesitasse sobre esta asserção, eu lhe faria ver a verdade della pelas proprias palavras de seus sectarios! — Tenho aqui (embora seja imperfeito exemplo) presentes as expressões de um

delles (Sir James Macintosh's) que fallando dos Papas que succederam no nono e decimo seculo, teve o nefando atrevimento de dizer que — *eram ou farçantes ou monstros que ordinariamente deviam a sua elevação ou quéda aos crimes* — » the succession of popes in the ninth and » tenth centuries, either pageants or monsters who com- » monly owed their rise or downfall to crimes. » (1) Foi demonstrada e rebatida esta falsidade todavia pela habil penna de *Mr. Stebbing* (escriptor que, em razão de Protestante, não é apologista parcial da Santa Sé) na sua *Historia da Igreja Christã* (2).

Olhemos agora a questão pelo lado dogmatico. E neste sentido poder-se-ha pronunciar em geral, sem manifesto resaibo de heresia e visivel incredulidade, que a santidade dos Papas da idade media não entra em o numero dos objectos da crença Catholica? Ninguem se atreverá a proferir um tão insustentavel absurdo. — Figura entre os artigos da fé, dos dogmas de universal adopção em toda a Igreja Catholica, o respeito e veneração aos Santos. O Concilio de Trento, renovando a doutrina constante da Igreja Catholica sobre este objecto, condemna expressamente, além de outros, todos aquelles *que negam que os Santos, que gozam da eterna felicidade no ceo, hajam ou devam de ser invocados:* » illos vero, » qui negant Sanctos, æterna felicitate in cœlo fruen- » tes, invocandos.... omnino damnandos esse, prout » jam pridem eos damnavit, et nunc etiam damnat Ec- » clesia » (3) Sendo isto assim, como se póde livrar de contravir este decreto, e de incorrer pela sua contravenção na pena por elle comminada, aquelle escriptor que ostentar mofadora incredulidade a respeito da santidade dos Papas da idade media, achincalhando indistinctamente a crença que a Igreja Catholica tem da santidade de muitos d'essa era, a quem pelas suas eminentes e indisputaveis virtudes condecorara com o laurel da cano-

(1) The Dublin Review. Vol. VIII. Published in February et May, 1840, pag. 89.

(2) History of the Christian Church, by the Rev. H. Stebbing. 2 vols.

(3) Concilium Tridentinum, Ses. 25, Dec. *De invocatione et veneratione et reliquiis Sanctorum*, etc.

nização? Sim, por aquella achincalhação abominavel é votada ao desprezo a santidade de um Innocencio 1.º, e Bonifacio 1.º, com quem se correspondia e tinha estreita amizade o grande Agostinho; de um Celestino 1.º, um Leão Magno, um Gelasio 1.º, um Gregorio Magno, um Benedicto 2.º, por quem o Imperador Constantino Pogonato, pela estima que fazia de suas virtudes, concedeu ao Clero a regalia de eleger os Pontifices, sem que d'ahi em diante fosse precisa authorização do Imperador. Omitto outros Pontifices da idade media, todos collocados no numero dos Santos, em cuja santidade crê a Santa Igreja, e quer e manda que todos os seus filhos tenham pia e louvavelmente esta mesma crença. Execração pois perpetua de todo o Christianismo áquella contraria doutrina!

Ainda porém não está bem analyzada toda a dimensão da injuria feita aos Vigarios da Vara e mais Delegados dos Bispos. O Antagonista do Clero jactancia-se do *direito de pensar*, que elles *entendem* ser igualmente o Apparecimento de Ourique uma parte *integrante da crença catholica!* Póde imaginar-se maior ultrage, mais acintosa investida feita a uma porção da mais illustrada do Clero! Pois ignoram elles que o *Apparecimento de Ourique* nada tem de objecto de fé catholica? Ou sois antes vós que tendes a puerilidade de, em seu desabono, tal vos persuadirdes; de pronunciardes um tão irracional desconchavo? Em nome da justiça commum, em nome do universal direito que assiste aos offendidos de exigirem uma reparação condigna, eu sim vos conjuro para que declareis quem são esses Delegados Episcopaes complices do defeito enorme, de que os presumís capazes! Nem um só sequer podereis indigitar. A vossa hypothese é de uma insubsistencia tal, que não teria logar ainda sequer no mais estrambotico e chocarreiro vôo romantico. E' de uma impudencia nunca imaginada! — Vós dais a entender no que proferís que a ignorancia dos Vigarios da Vara, dos Delegados dos Bispos, é de uma crassitude tão desmedida, que não sabem distinguir o que é artigo de *crença* catholica d'aquillo que o não é. Que calumnia! Que maligna torpeza de pensar para menoscabar caracteres dignos de respeito! Se isto não é

vomitar virulencia contra o Clero, não sei o que seja. O desprezo, e o opprobrio é o justo castigo d'aquelle triste insensato que tal pratica!

Porém que maneira de fazer lançar o odioso sobre os *Delegados, os Representantes do poder dos Bispos*, pelo lado da ignorancia, mais futil e ridicula! Porque se presume crerem elles, como portuguezes patrioticos, nessas tradicções theocraticas da historia do seu paiz, que as maiores illustrações tem acreditado e defendido; segue-se logo que as tenham e reputem como *partes integrantes da crença catholica?* Que paralogismo tão desprezivel, e nauseante não é uma tão despotica asserção! Quem assim discorre e conclue mui bem parece que aspira ao predicamento e privilegio indisputavelmente fantasmagorico de tirar consequencias de principios que não existem. Similhante syllogistica em romance póde fazer rir, com quaesquer outros escriptos é para indignar! — Mas quem dest'arte pensa ou antes sonha, é que mostra não saber differençar o caracter dogmatico das verdades catholicas (que tem o seu unico fundamento na Escriptura, ou Tradicção divina) do caracter d'aquellas que provém de origem e fonte meramente humana. — Que admira todavia que, para remoquear de ignorancia os Delegados do poder episcopal, assim se dê por páos e por pedras fallando da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques; se é aquelle mesmo escriptor que sem nada provar vozeára com horrenda hydrophobia contra ella; injuriando-a de *fabula — conto de velhas — historieta — farça de Ourique — tradicção absurda — ninharia — milagre absurdo e inutil* e até de *embuste.* (1)

Porém nós não estamos nos espaços incircumscriptos do romancismo, aonde a livre fantazia rincha e pinotêa á redea solta. Estamos no campo da philosophia e da critica, aonde nada deve admittir-se que não passe rigorosamente pela fieira da analyse. E' pois em nome de uma e outra, que desde já convidamos ao proprietario de tão ultrajantes epithetos contra a mais respeita-

(1) Na — *Justa Desaffronta em Defeza do Clero* — indicámos os logares do — Eu e o Clero — aonde se encontram taes achincalhações.

vel, e antiga de todas as crenças theocratico-nacionaes; para que nos diga primeiro: 1.º Quem foram essas graciosas *velhas* que inventaram e contaram a seus netos a *ninharia*, a *fabula*, a *historieta*, a *farça de Ourique*. 2.º Em que consiste o absurdo da tradição e do milagre inutil. 3.º Como se póde proclamar de *embuste* o Apparecimento de Christo a D. Affonso Henriques, sem qualificar o primeiro Rei de Portugal pelo primeiro *embusteiro*, e Rei de embusteiros. — A tudo isto vos pedem lhes respondaes (não com chufas de chocarreiro chulo e insulso, como fizestes ao Author da *Justa Desaffronta em defeza do Clero*) os *Vigarios da vara*, os *Arciprestes* e mais Delegados episcopaes, firmes na crença universal da nação ácerca da Apparição do Deos dos exercitos ao Fundador da Monarchia; não como se fosse uma verdade de *crença catholica* (absurdo que só poderia dar-se em uma cabeça romantica e destituida dos mais elementares principios theologicos); porém sim como uma verdade de fé humana, assás testificada.

9.ª PASSAGEM.

» Se não estão de accordo com os prégadores, como » se esquecem de que os padres de Trento prohibiram » aos bispos que consentissem aos oradores sagrados *di-* » *vulgar ou tractar factos incertos ou que tenham cara-* » *cteres de falsidade* (1), e de que os do Concilio 1.º de » Colonia ordenam aos mesmos oradores que *não fallem* » *impudentemente de milagres, limitando-se aos que refe-* » *re a Biblia, ou aos que forem narrados por escriptores* » *de pezo, estribados em solidos fundamentos historicos?* » (2) Como se quer pois que eu não increpe o maior nu- » mero; que não o supponha alistado contra mim nesta » vergonhosa cruzada d'ignorancia? » (3)

Eis-aqui temos em scena o antagonista do Clero lançando mão das armas dos Concilios para continuar a fustigar os *Vigarios da Vara*, os *Arcediagos*, os *represen-*

(1) Concil. Trident. Ses. 25. Decr. de Purgatorio.
(2) Concil. Col. 1. tit. 6. cap. 23.
(3) Considerações Pacificas, pag. 9 e 10.

tantes ou delegados do poder episcopal. Podem porém acaso elles ser arguidos de infractores das leis dos mencionados Concilios? Seria improcedente e absurdissima uma similhante accusação. Vamos levar este enunciado á ultima raia da evidencia.

Fallamos primeiramente da passagem transcripta do Concilio de Trento, que no original diz: *Incerta item vel quae specie falsi laborant, evulgari ac tractari non permittant.* — Como se entendem estas palavras do Concilio? Acaso entendem-se na genuinidade em que o Antagonista do Clero as entendeu? De modo algum. O Concilio só prohibe o se *divulgarem e tractarem cousas incertas ou com visos de falsidade* (sem declarar se são só factos, como a seu arbitrio traduziu o Author, ou doutrinas) relativamente ao dogma catholico da crença do Purgatorio. E' falso logo dizer-se em geral *que os padres de Trento prohibiram aos bispos que consentissem aos oradores sagrados divulgar ou tratar factos incertos, ou que tenham caracteres de falsidade.* O increpador por tanto nada fez ao seu intento, produzindo o mencionado testemunho, e só mostrou que não soubera entender o genuino sentido da authoridade do Concilio.

Passemos á authoridade do 1.º Concilio Provincial de Colonia, celebrado pelo Arcebispo Herman, que por signal cahira depois em heresia (1). Na parte 6.ª Cap. 23 (e não tit. 6.º, como erradamente se cita) lê-se o seguinte: » Quod si fabulosa videbitur historia (Sanctorum), ne attingat quidem: si verisimilis, leviter, » eaque decerpat, quæ imitando videantur. *Miracula » quoque ne impudentius jactentur, nisi quae scripturis » prodita, aut à non levibus scriptoribus summa cum historiae fide tradita fuerint.* O Concilio depois de recommendar ao Orador que nem sequer levemente toque historia alguma de Santo que pareça fabulosa: e só ligeiramente a que fôr verosimil, colhendo desta o que lhe parecer proprio para se imitar; trata da critica, segundo a qual o prégador se deve regular a respeito de milagres. E' o logar que o arguidor do Clero indicou, traduzido em linguagem; e que corresponde ao ultimo pe-

(1) Labbei Coll. Concil. tom. XIV, pag. 484.

riodo do texto do Concilio em latim, que fica transcripto. Vamos agora ao ponto da questão. — E' admissivel, é por alguma fórma toleravel, que o facto da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques deva ser inscripto em o numero d'aquelles milagres, dos quaes o mencionado Concilio prohibe aos prégadores fallar? Nada menos. E aquelle que avançar a affirmativa mal se poderá eximir de ser olhado como sustentador desconceituado do mais indesculpavel absurdo. Sim, não foi por ventura considerada em Portugal aquella Apparição, em todos os tempos, como um milagre *narrado por escriptores de pezo*, *e estribado em solidos fundamentos?* Quem o poderá duvidar? A que fim ou proposito pois veio a allegação do logar do Concilio de Colonia? Foi só, não duvidamos dizel-o, para deixar em espectaculo de perpetua irrisão aquelle que o produziu!

E quèm poderá entrar em duvida de que sejam escriptores de pezo: Um *Duarte Galvão*, um *Christovão Rodriguez Acenheiro*, um *Lucio André de Rezende*, um *Damião de Goes*, um *Antonio Brandão*, um *Jeronymo Ozorio*, um *Pedro de Mariz*, um *Manoel de Faria e Sousa*, um *Manoel Severim de Faria*, um *D. Fr. Amador Arraes*, um *D. Antonio de Sousa de Macedo*, um *D. Antonio Caetano de Sousa*, um *D. Fr. Manoel do Cenaculo*, um *Antonio Pereira de Figueiredo?* Para que é necessario fazer menção de tantos outros Authores quer nacionaes, quer estrangeiros, que narram, acreditam e defendem a milagrosa Apparição de Christo a D. Affonso Henriques? Esta columna cerrada de varões tão conspicuos em erudição e sciencia é bastante para contrastar qualquer opinião adversa.

A' vista disto não será por ventura materia predicavel, segundo a lettra, e espirito do mesmo Concilio de Colonia a Apparição de Christo a D. Affonso Henriques? E' o Author das *Considerações Pacificas* o primeiro escriptor que tem o descôco de dizer o contrario. Não é porém uma asserção de tal estôfa um tema, um mote o mais tentador para o mais toleravel e merecido apódo, a mais burlesca parodia? Não haverá ninguem que sinceramente o não confesse. E na verdade quem não pasma de vêr, ou de ouvir que um individuo da

classe secular, e pelo que tem emittido hospede jubilado em materias theologicas, se deixasse dominar do travesso quichotismo de vir impôr silencio ao Clero para não fallar no pulpito da Apparição de D. Affonso Henriques; por ser contra o que ordena o Concilio de Trento e de Colonia! E' crivel que tantas notabilidades insignes em sciencia da Classe Ecclesiastica, que no pulpito desde seculos trataram desta maravilha não soubessem das determinações dos Concilios; e que a gloria desta sem par descoberta estivesse reservada para o anti-tradiccional Escriptor da historia de Portugal? Acaso tantos Oradores de sciencia e virtude eximia, já da Classe dos Presbyteros, já dos mesmos Bispos teriam tão poucos conhecimentos scientificos, e tão escrupuloso melindre em cumprir os seus deveres, que se expozessem de futuro a ser notados pelo Author do — *Eu e o Clero* — por infractores das leis dos Concilios em tal materia? Ah! que a imaginada mordaça, que o escriptor com taes fundamentos e por um similhante pretexto pretende lançar aos prégadores, para não declamarem contra as monstruosidades da sua Historia, não tem modello no Universo risivel. — Porém a que proposito viria elle increpar os Vigarios da Vara e mais Delegados dos Bispos; dando-lhes pela prôa com as authoridades dos Concilios? Pensaria por ventura que elles não estariam ao alcance de erudição tão corriqueira? Creia que se enganou; e que veiu, como dizem, ensinar o *Padre Nosso* ao Vigario!

Mas que *solidos fundamentos historicos* tiveram os Prégadores para acreditar aquella miraculosa Apparição, e della fallarem na tribuna sagrada? Aquelles mesmos que as illustrações mais conspicuas, apezar das objecções dos scepticos do seu tempo, (modernissimamente reproduzidas) julgaram assás dignas de constituir, aos olhos da mais apurada critica, o melhor sustentaculo e base historica. — Uma destas illustrações, homem de profundissima erudição, e não menos dialectica; que allegára em favor da certeza da apparição *vinte e nove escriptores celebres, dezenove portuguezes e dez estrangeiros*, entre os quaes entravam tres hespanhoes; este sabio sim, depois de não duvidar mesmo de mencionar dois *insignes*

varões (e o que é mais, estrangeiros) que, entre outras cousas, se valeram da maravilha da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques para demonstrar aos Hereges a verdade catholica; ah! que diz elle em favor, e apoio da veracidade da Apparição de Christo, ao primeiro Monarcha Portuguez, que não seja dignissimo de se ouvir!
» Embora porém negues (profere elle) ó Lutherano,
» ou Calvinista, as provas referidas em que se funda
» toda a fé humana; mas responde-me, como é que Af-
» fonso, quando fingiu (como dizes) aquellas palavras
» de Christo: *Quero estabelecer em ti e na tua geração*
» *um imperio para mim, para que o meu nome seja le-*
» *vado ás nações estranhas.* E depois: *Por elles pois te-*
» *nho preparado para mim uma grande sementeira, e os*
» *escolhi para meus cegadores em remotas terras*: Como é
» sim, que sem o clarão da luz divina, pôde predizer
» aquellas cousas que os Portuguezes haviam de fazer
» nas Indias? Responde, como nas outras palavras do
» Santo Mensageiro: *Pôz sobre ti pois e sobre a tua fu-*
» *tura descendencia os olhos da sua misericordia até á de-*
» *cima sexta geração, na qual a tua successão se attenua-*
» *rá, porém nessa mesma attenuada elle tornará a pôr os*
» *olhos e verá*: Como, sim, sem o clarão da luz divina
» pôde prognosticar que tal se havia de verificar em D.
» Sebastião, e nos acontecimentos de hoje? Direis que
» estas cousas succederam por acaso; grande foi na ver-
» dade o acaso! Respondeu um certo a não sei quem
» que lhe dizia, que não havia um Deos creador; po-
» rém que o mundo fôra obra do acaso. » (1)

Outro escriptor igualmente de sciencia e erudição a

(1) Sed esto, Lutheranus, vel Calvinista, neges relatas probationes, in quibus consistit tota fides humana; responde autem, quomodo Alphonsus in fingendis (ut loqueris) illis verbis Christi: Volo enim in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes, et iterum: *Per illos enim paravi mihi messem multam, et elegi eos in messores meos in terris longinquis*; quomodo, inquam, sine divino radio, potuit prædicere facienda à Lusitanis in Indiis? Responde, quomodo in aliis verbis sancti Nuntii: *Posuit enim super te et super semen tuum post te oculos misericordiae suae usque in sextam decimam generationem, in quâ attenuabitur proles, sed in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit*; quomodo, inquam, sine divino radio potuit prædicere futurum in Sebastiano, et hodie? Dices, hæc casu evenisse; magnus quidem

toda a prova, depois de mencionar uma caterva immensa de Authores a favor da maravilha de Ourique, assim se exprime: » Mas sobre todos estes Authores temos do-
» cumento irrefragavel, de que atégora não sabemos,
» que ninguem duvidasse, que é a Escriptura do feudo
» deste Reyno ao Mosteiro de Claraval, feita pelo mes-
» mo Rey, e traz Brandão no logar acima citado (Mo-
» narchia Lusitana, Part. 3.ª, L. X, Cap. XII), de
» que tiramos só as palavras necessarias, e são: *Ut tam*
» *ego, quam successores mei in perpetuum regnaturi agnos-*
» *cant habere regnum de manu Dei, qui praesentialiter*
» *tradidit eum mihi, ut corde firmo et charitate perfecta*
» *fidem Christianam ab infidelium injuriis defenderem.*
» Com esta evidente prova cessa a duvida, dos que en-
» tenderam ser moderna a tradicção da visão, pois se
» confirma quanto cabe na fé humana com esta Escri-
» ptura, por serem estas a alma da Historia, com as
» quaes se tiram todas as contradicções, convencendo-se
» com ellas todos os erros, que a ignorancia, ou male-
» dicencia inventou.» — (1). — João Pedro Ribeiro, que tudo olhou pelo prisma odioso da falsificação, foi o primeiro que negou a genuinidade deste antigo documento; (2) que vale porém só a sua authoridade contra a de tantos sabios que antes delle o tiveram por genuino? Por ventura seriam elles menos instruidos que o systematico innovador Diplomatico? Tal não affirmaremos. A critica teve, e terá sempre em todos os tempos, o consenso dos sabios, como uma base solidissima da credibilidade historica. Reputará uma ou outra opinião em contrario como uma anomalia desprezivel. — E' em fim uma nação inteira que da maneira a mais explicita e universal confessa a verdade do prodigio, sem por tan-

fuit casus (ut quidam respondit dicenti, nullum esse Deum creatorem, sed mundum casu factum fuisse). (*Lusitania Liberata*, pag. 105) — Pereira de Figueiredo, cuja critica não póde ser taxada de credulidade, acha especial fundamento na execução das mencionadas profecias, vindas no Juramento de D. Affonso Henriques, para provar a realidade do Apparecimento de Ourique. Vej. *Novos Testemunhos da Milagrosa Apparição*, etc. pag. 29 e 30.

(1) D. Antonio Caetano de Sousa, no Agiologio Lusitano, tom. 4.º pag. 297.

(2) Dissert. Chronologicas, tom. 1.º Dissert. 2.ª

tos seculos achar ficção nos Documentos havidos por genuinos, que o attestam. Diremos acaso que esta nação fôra estupida, e ridiculamente credula? Mas que argumento póde haver no mundo mais forte e efficaz para a prudente crença dos factos humanos, que o que se tira do consenso de todo um Reino? Assim discorre o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo (1); e nós com elle.

Porém para que é tanto? Não foi o facto milagroso da Apparição julgado digno de ser mencionado, como fazendo parte da sexta licção do Breviario, no Officio das Chagas de Christo; e isto por concessão de um dos Pontifices mais sabios que tem subido á Cadeira de S. Pedro, qual fôra Benedicto 14.º, ouvida a sagrada Congregação dos Ritos? Que mais era pois necessario para que um tal objecto se tornasse inquestionavelmente predicavel? O Concilio Provincial de Colonia, ou algum outro, não era possivel que excluissem do pulpito quaesquer factos approvados pelo Summo Pontifice. — Que despejo, que audacia por tanto não é que qualquer garrulo scientifico (pois um verdadeiro sabio não é capáz de tal) venha sem respeito algum pelas Authoridades Ecclesiasticas, que como subdito da Santa Madre Igreja lhe cumpria acatar; venha, digo, com provocantissima ignorancia allegar-lhes textos de Concilios, entendidos a seu bel-prazer, para os arguir de complices na falta da sua obrigação; por terem consentido que os prégadores fallassem do pulpito abaixo do facto da Apparição? De um facto nacional; de que os Ministros Evangelicos estavam de posse havia repetidos seculos tratar na tribuna sagrada, sem que ninguem ainda tivesse a impudente lembrança de lhes disputar similhante direito! Viu-se jámais uma irrisão, uma inepcia tão tremenda? Apontem-me um só exemplo deste genero, que se lhe assemelhe, e profie igualal-o; que eu revindicarei para este o ultimo extremo do ridiculismo.

(1) Novos Testemunhos etc., pag. 30.

Artigo 2.º

As expressões de *intelligencias vastas e energicas, mas corruptas, violentas e cubiçosas* de que o Author do *Eu e o Clero* se serviu *para qualificar alguns papas*. (1)

E' cousa já *velha e relha*, e de toda a gente conhecida e mui sabida; que quando qualquer escriptor, escrevinhador, ou cousa que o valha, de certa tempera e molde, se estira no malfadado papelucho com estas ou equivalentes fraseunculas — o meu antagonismo, antipathia, zanga ou raiva é só com a maior ou menor parte do Clero do paiz —: este dizer não é outra cousa mais do que uma embofia nauseante, uma crustula balofa, que ao mais leve choque cahe, e deixa ver uma descarapuçada mentira! E' carambola e enredo muito mal cirzido, a que ainda o menos esperto, com movimento espontaneo despejando uma mui solemne e requebrada risada, logo corresponde, soltando pela boca fóra o chistoso rifão: — Quem te não conhecer que te compre! — A verdade é; que os taes tozadores por officio do Clero em começando com a tarefa não param e fitam a mira em um só alvo! Pelo contrario andam e giram sempre ora em escala ascendente, ora em escala descendente! Se entram com a raza debicando pelo baixo Clero, em breves audiencias estão a contas com o alto; e quando mal se precatam chegam ás ultimas com os Papas, que é para elles a sua nata. Se o toque a rebate começa pelos Papas, o tiroteio vem descendo por pelotões a marche marche até o ultimo Sacrista, que tragam entre dentes. Pois se algum Clerigo esporeado, e aguilhoado de ouvir tanto desaforo, e pouca vergonha, que a enxovia da insipiencia soluça e vomita contra a sua Classe, arca com

(1) Considerações Pacificas, pag. 5.

os taes flamengos, e com uma boa tunda logica, temperada com os competentes adubos do estillo picaresco, para não enfastiar os leitores, lhes ensina a regra do bem viver; ai! que tal fizestes!... um chuveiro e trovoada de chufas, invectivas e chulices vem logo sobre elle, que, a não lhe valer a mão suprema, o faria para logo victima da apupada *sapientissima!* Mas o que é mais, é que no meio desta escandalosa scena chocarreira, gritam ainda em cima contra o Clerigo, que lhes deu tão boa lição: — *Aqui d' ElRei*, que faltou ao Evangelho! Como se o Evangelho viesse ao mundo para fazer gente tôla!... Eis-aqui quanto elles são agradecidos; e quão mal e porcamente invocam em seu auxilio o Evangelho! A incoherencia delles no fazer tal invocação é a maior de todas as caturrices!

Mas não deixemos ficar no fundo do tinteiro — *as intelligencias vastas e energicas*, *mas corruptas*, *violentas e cubiçosas*, que deixámos na retaguarda. — Aqui, se não tivessemos objectos mais interessantes com que nos entreter, haviamos de perguntar ao Author da empanada, com que passaporte trouxe elle para a nossa lingua tanta criadagem de epithetos, que estão fazendo serviço, e companhia noite e dia á palavra *intelligencias?* Em que classico da lingua encontrou a palavra *intelligencias* com taes e quejandos rabolevas? — Como é que as qualificações ultimas — *violentas* e *cubiçosas* — são consideradas, segundo o exprimir do escriptor, por apanagio defeituoso das *intelligencias*, e não antes dos actos livres da vontade? Porque hão de ser antes taes epithetos defeitos intellectuaes, do que moraes? Em que pamphleto, ou brochura, livreco, ou calhamaço achou a novidade, que todos os Ethologicos em chusma rejeitam, e classificam de absurdo? — Demandar-lhe-hia em fim: Se a palavra abstracta — *intelligencias* — (prescindindo de todo o mais cortejo), trazida pela primeira vez á scena para indicar os Papas, tem o chiste mysterioso de querer significar, á maneira dos Protestantes, que elles são meras Authoridades *ideaes* ou *intellectuaes*, e não revestidas de um poder real e divino, transmittido ao primeiro dos Apostolos, e depois delle aos seus Successores; poder de verdadeira jurisdicção (e não só de honra) para legislar

sobre todos os fieis no que toca ao dominio espiritual na Christandade? Pelo menos a tal neoterica designação não é conhecida na nomenclatura orthodoxa, para dar a conhecer aquelles que tem occupado a Séde do Primaz do Orbe Catholico! Vamos porém já sem mais exordio, nem episodio á

1.ª PASSAGEM.

Não se pense que pretendo lançar fóra de mim a responsabilidade de julgar severamente Hildebrando (Gregorio 7.º) *ou Innocencio 3.º. Não tenho a minima duvida em lhes applicar as designações de intelligencias violentas e cubiçosas, como não a tenho em chamar corruptos a outros papas, como, por exemplo, a Innocencio 4.º* (1)

Não admira que o Author das chamadas — *Considerações Pacificas* — depois de ter já por bons modos excluido do seu *catholicissimo* calendario a santidade dos Papas canonizados da idade media, investindo, ou por outra, mettendo a bulha os Vigarios da Vara, e outros Delegados dos Bispos que *trepassem* ao pulpito para tal prégarem; não admira, digo, que para termo e final conclusão do vergonhoso espectaculo, deixasse para entrar em scena, e servir-lhe de burlesco debique na pequena, mas virulenta farça de remate, alguns determinados Papas! — Com effeito são tres os padecentes, que foram escolhidos, para serem sacrificados, como victimas de especial oblação, á penna furiosa do anti-clerical escriptor. Taes são: Gregorio 7.º, Innocencio 3.º e Innocencio 4.º.— Se bem que porém as pavonadas fanfarronicas de um criticismo grutesco nada augmentem, nem diminuam (pois nada provam) no que refere e testifica a historia ácerca dos tres illustres Pontifices; com tudo iremos ver: 1.º Até que ponto se tornam intoleraveis as qualificações, com que pelo escriptor do — Eu e o Clero — foram ultrajados. 2.º Se taes expressões convem serem por alguma fórma escriptas e sustentadas por qualquer escriptor que se diga catholico.

Fallaremos de Gregorio 7.º — E que provas dá o

(1) Considerações Pacificas, pag. 10 e 11.

Antagonista do Clero da sua lavra e cultura, para incluir a Hildebrando na romantica e depreciadora roda das *intelligencias violentas, cubiçosas e corruptas*, em que a seu bel prazer faz girar os Pontifices Romanos que lhe parecem? Ouçamos o que elle diz: *A soberba, a ambição e até a cubiça de Gregorio 7.º estão pintadas nos factos a que accidentalmente me referi n'um logar do meu livro.* (1) *Destruam, se é possivel, documentos irrefragaveis.* (2) — Note-se e registre-se mais uma nos vastissimos archivos das humanas contradicções! Sim. Como se podem combinar estas expressões rompantes com aquellas quasi de igual gosto com que elle havia pouco increpara o sabio Redactor do Jornal — *A Nação*; — por pensar que elle alludira no *Eu e o Clero* aos dois Pontifices, Gregorio 7.º, e Innocencio 3.º? — *Onde me refiro eu*, diz elle, *a estes dois papas no meu opusculo? Na épocha abrangida pelo que se acha publicado na Historia de Portugal, houve diversos pontifices d'esses nomes. A cada um delles fiz, creio eu, justiça, e Gregorio 7.º foi aquelle em que menos fallei, porque viveu antes de nascer a monarchia. E' singular como V. S.ª pôde perceber que entre tantos, alludia a esses dois em particular.* (3) — Atinou, ou não atinou o sabio Redactor com a allusão? Na verdade, se o Epistolographo é o proprio que declara; que *não pretende lançar fóra de si a responsabilidade de julgar severamente Hildebrando* (Gregorio 7.º) *ou Innocencio* 3.º; como poderá negar que o illustrado Jornalista fôra justo e mais que justo em sua allusão? A maneira, com que se pretendera argumentar em contrario, era intuitivamente a mais insipida e pueril do mundo! Innocencio 3.º foi até um dos Pontifices que elle mais especialmente zurziu no tomo 2.º da sua Historia! — Vamos porém a Gregorio 7.º.

Que *factos* são esses referidos *accidentalmente n'um logar do seu livro*, que pintam a *soberba, a ambição e até a cubiça de Gregorio 7.º? Que documentos irrefragaveis são esses?* — Quem víra um tal modo de fallar do Censor audaz de Gregorio 7.º, pensaria que alguma ca-

(1) A Historia de Portugal, vol. 1. Nota 3, p. 446 e segg.
(2) Considerações Pacificas, pag. 12.
(3) Considerações Pacificas, pag. 10.

ravana de factos e documentos, ainda não vistos nem sabidos, viriam acabrunhar a memoria do Santo Pontifice! Nada disto porém é; nem cousa que com tal sequer se pareça. E' verdadeiramente o fabuloso — *Mons parturiens*, que abortou o — *ridiculus mus!*

Abro o 1.º volume da historia de Portugal, e em a Nota 3.ª, a paginas 448, qual é o primeiro documento que encontro? E' uma Carta de Gregorio 7.º dirigida a Hugo, Abbade de Cluni. Faz o Historiador portuguez um resumo do seu conteudo. E' porém exacta esta synopse? De nenhum modo. E' falsa, é infiel em desdoiro do Pontifice! Nelia introduz elle a Gregorio 7.º dizendo a quem escreve — *que ha grandes queixas contra elle Hugo, e que se teria inimisado com Roma, se o proprio Papa não o sustentasse, fechando os ouvidos ás accusações* (1) — Em que logar da Carta do Papa, encontrou o escriptor texto algum latino, que podesse ter esta traducção em portuguez? Em logar nenhum lhe respondemos affoitamente. (2) — Eis-aqui o latim que unicamente lhe póde ser applicavel: » De » multis adversum vos negotiis murmurant. Nam, ut » de aliis taceamus, pene omnes, qui nobiscum sunt » fratres, nisi fraeno rationis nostrae retinerentur, amo» rem ab eis loco vestro exhibitum in gravem inimici» tiam convertissent. » — *Murmuram de muitas cousas.* E' a traducção fiel e litteraria do latim — *de multis negotiis murmurant.* Póde por ventura esta oração ter como synonima sem hyperbole a expressão — *ha grandes queixas?* Não o admittimos. Póde murmurar-se de muitas cousas, sem comtudo darem-se *grandes queixas.*

Aonde está no mais texto transcripto em latim — que Hugo se *teria inimisado com Roma?* As palavras — gravem inimicitiam — é visivel a quem souber traduzir com geito, e sem fazer cancaborrada, que se referem ao mosteiro dos monges de Cluni; e que nada tem com

(1) Hist. de Portug. Tom. 1.º pag. 448.
(2) Veja-se a Carta de Gregorio 7.º na Collecção de Aguirre, tom. 4.º pag. 447.

Roma. O Pontifice faz saber a Hugo que os seus monges, pelo seu reprehensivel procedimento, estavam a ponto, se não fosse elle, de converterem em grave odio, o amor que tributavam ao mosteiro os proprios que delles murmuravam — *amorem ab eis loco vestro exhibitum in gravem amicitiam convertissent.*

Em que parte se affirma que o Papa *fechava os ouvidos ás accusações?* Será por ventura na frase — *fraeno rationis nostrae retinerentur? Conterem se porém os monges, servindo-lhes de freio o respeito ao Pontifice*, que é o que denota o texto latino; é por ventura o mesmo que *fechar o Papa os ouvidos ás accusações?* Quem tal poderá affirmar que logo não provoque o mais despregado e desenrolado frôxo, ou desynteria de riso? — Protestamos portanto contra uma tão intoleravel falsidade!

Affirma tambem o Author da Nota que Gregorio 7.º na referida Carta ordena ao mesmo Hugo, que declare ao Rei, que se não désse satisfação ao Legado Romano, que tivera offendido: *excommungará o mesmo Rei, e que até elle Papa virá á Hespanha para o perseguir, se tanto for preciso.* — Em que parte da Carta se encontra a sêcca e mal soante palavra — *perseguir* — principalmente proferida pela boca de um Pontifice? Em parte alguma. Eis-aqui as palavras originaes: — *Qui si minus praeceptioni nostrae obedierint, non gravem existimaremus laborem nos ad Hispaniam proficisci, et adversum eum, quemadmodum Christianae Religionis inimicum, dura et aspera moliri.* — O verbo latino *Moliri*, ou se tome no sentido natural ou figurado, nunca envolveu idéa alguma de perseguição. *Dura et aspera moliri*, é empregar meios *de rigor e aspereza* para conseguir alguma cousa; isto porém não é *perseguir*. Perseguir é acção de um animo injusto e malfazejo. O empregar meios *de rigor e aspereza* póde dar-se ainda no zelo mais illibado.

O segundo documento é a Bulla, ou Carta de Gregorio 7.º a Affonso 6.º, Rei de Castella. E' esta a celebre Bulla, em que o Papa, entre outras cousas, amoesta e ordena ao Rei; que debaixo da pena de excommunhão, se não obedecer, rescinda inteiramente o casamento illicito contrahido com uma parenta carnal de sua

mulher (1): *Illicitum connubium, quod cum uxoris tuae, consanguinea inisti, penitus respue. De tua emendatione nos, et totam ecclesiam Dei citò laetifica, ne si inobediens (quod avertat Deus) esse malueris, iram Dei omnipotentis incurras, et nos (quod valde inviti dolentesque dicimus) beati Petri gladium super te evaginare cogamur.* — Que ha pois nestas expressões que denote *a soberba*, *a cubiça*, *a ambição* de Gregorio 7.º, de que o argue o escriptor da anti-papal Historia de Portugal? Peço a todos os intelligentes, que leam e examinem na sua integra toda a Bulla. Acha-se ella, além do logar já indicado da Collecção de Aguirre pag. 446, em os Annaes de Baronio, tomo undecimo, pag. 482. Leam-na sim com toda a analyse. Nem uma só palavra hão de encontrar, que deslustre a memoria do Pontifice canonizado, como pretende o seu detractor.

Vamos agora a pôr em toda a sua luz e nudez as frivolas affrontas, com que impudentemente é ultrajado o Santo Pontifice, em a famosa Nota da Historia de Portugal; que mais depressa se deve chamar diatribe

(1) Fundado nesta Bulla pretendeu o Cardeal Patriarcha, D Franci co de S. Luiz, mostrar que a 1.ª Rainha de Portugal D. Thereza, mulher do Conde D. Henrique, filha de D. Ximena Munhoz, Munhon, ou Nunes de Gusmão, que commummente se tem por concubina de D. Affonso 6.º de Castella, era filha legitima deste Rei. E' de notar porém que a Bulla não declara que a parenta por consanguinidade da mulher do mencionado Rei fosse D. Ximena de Munhoz (nem mesmo o nome de alguma outra); o que era indispensavel para ter o valor de uma verdadeira prova. — Igualmente é de advertir que nenhum dos escriptores antes do Cardeal, da sua mesma opinião, entre elles o eruditissimo D. Jose Barbosa, jámais se lembrou de produzir similhante testemunho. Não é de suppôr que homens tão versados, como o theatino, em sciencias ecclesiasticas, ignorassem que elle existia. E' antes de presumir que o tivessem por insufficiente. — Baronio em fim, no logar adiante citado, inculca o Rei não como casado, porém *como quem desejava contrahir matrimonio com a parenta da defunta mulher.* — O Author da Historia de Portugal diz que os *espiritos por um mal entendido pundonor nacional se tem demasiadamente occupado com taes disputas.* Assim deve pensar quem tiver por indifferente dar ao tronco primitivo dos seus Monarchas uma origem legitima ou bastarda! Não pensava assim o mui sabio e profundo Escriptor do Catalogo das Rainhas de Portugal, D. José Barbosa. » Entre os pontos, diz elle, difficultosos da Historia Portugueza, e de grande importancia, e de maior » consequencia, a legitimidade da Rainha D. Thereza, mulher do » Conde D Henrique. »

contra elle. — Terminando a resenha do conteudo da Bulla ou Carta de Gregorio 7.º a Affonso 6.º diz, que o Papa fizera saber ao Monarcha — » que elle já mandou » fechar no mosteiro de Cluni o nefandissimo Roberto, » seductor delle e perturbador do reino; que *esteja certo » de que o Abbade Hugo assim o ha de cumprir, porque » o dito abbade está de accordo com elle papa em procedi- » mento, em sentimentos, e em animo.* « O latim correspondente é o seguinte: *Nefandissimum Robertum Monachum seductorem tui, et perturbatorem regni, ab introitu Ecclesiae separatum, intra claustra Monasterii Cluniacensis in poenitentiam retrudi decernimus. Sed Abbas Cluniacensis nos imitando id faciet; eadem enim via; eodem sensu, eodem spiritu ambulamus.* — Tal é o original, que se inculcou substituido pelo syncopado resumo. — A que fim proximo, ou remoto, perguntará aqui todo o mundo, que entender da materia, vem a menção de taes circumstancias em uma nota de uma historia de Portugal, em que se pretende mostrar a *illegitimidade de D. Thereza?* Não será facil descobril-o. E' nenhum, olhada a questão por este lado. — O fim é visivelmente outro; fallemos sem rebuço. — Foi para polvilhar com o vilipendio o Santo Pontifice; pois é um dos *taes* da idade media! — Ouçamos, para tirar toda a duvida, logo em seguida á ultima particularidade, o seu depressor: » A verdade com que Gregorio 7.º falla- » va, quanto a esta ultima circumstancia, conhece-se » da carta dirigida a Hugo; mas Hildebrando era de- » masiado politico para se prender com essa falta d'ex- » acção. « Eis-aqui temos votada ao menoscabo com desdem a memoria do venerando Chefe da Igreja! E' porém verdadeira a accusação que se lhe faz? E' uma ousadia, é uma iniquidade. Em que se oppõe dizer ao Rei o Pontifice que estivesse certo *que o Abbade Hugo havia de cumprir o que lhe fazia saber a respeito do monge Roberto, porque* estava *de accordo com elle papa em procedimento, em sentimentos, e em animo*; se oppõe, digo, ao que por essa mesma occasião recommendara na carta dirigida ao proprio Hugo ácerca do mesmo Monge Roberto? Admoesta elle com especialidade a Hugo para que punisse o Monge da sua Ordem pelos delictos, que ti-

vera commettido, com as penas canonicas que aponta; em quanto não voltasse para o seu mosteiro; (de Cluni) para ahi receber o digno castigo da sua temeridade. — *Specialiter autem admonemus, ut Robertum illum, qui supradictae iniquitatis auctor extitit, qui diabolica suggestione Hispaniensi Ecclesiae tantum periculum invexit, ab introitu Ecclesiae, ab omni ministerio rerum vestrarum separetis, donec ad vos redeat, et temeritatis suae dignam ultionem suscipiat.* Se o Pontifice dissera na Carta ou Bulla, escripta a D. Affonso 6.º; que tivera mandado *fechar no Mosteiro de Cluni o nefandissimo monge Roberto, certo de que o Abbade Hugo assim o havia de cumprir*; que menos verdade ha nesta circumstancia, em razão de o Pontifice dizer na Carta a Hugo que castigasse do modo referido nella o mesmo monge, até que voltasse para Cluni a fim de lhe ser imposta a definitiva pena? Eu não vejo, nem parece-me que individuo algum que for justo, e de escorreito pensar, deixará de ver, senão que Gregorio 7.º é indevida e arteiramente motejado por uma supposta *falta de exacção*, com a qual, segundo desdenhosamente se assevera, como *demasiadamente politico, se não prendeu!*

Se o Annotador se refere á circumstancia de o Pontifice dizer ao Rei, que *o dito abbade Hugo estava de accordo com elle Papa em procedimento, em sentimentos, e em animo*; aonde ha essa antilogia entre os dizeres das duas Cartas, que possa authorizar ainda o Critico mais severo e desapiedado a arguir de mentira o respeitavel Author dellas? Appello para o tribunal dos mais intelligentes, e imparciaes juizes. Todos dirão pelo contrario ser antes mentiroso aquelle que pretender achar o mencionado defeito! — Porém quando houvesse na realidade contradicção, era logo para se arguir qualquer que a commettesse (quando mesmo pelas suas qualidades, e jerarchia não tivesse a seu favor a presumpção de direito) de *falta de exacção* criminosa? O escriptor que affirmativamente o pronunciar, sentencêa-se barbaramente a si proprio.

Mas ainda não terminam os doestos contra o Santo Pontifice. O bom do fantasioso escriptor faz no paragrafo seguinte da secantissima Nota uma zaragalhada, ou mantissa de palavras de um cunho e ordidura verdadei-

ramente romanesca; para, conforme o que lobrigara no cartapacio do anonymo de *Sahagun*, a que se refere, (e se arvora agora em seu cavallo de batalha) nos embutir quem era o monge Roberto; noticia que em uma historia de Portugal tem tanto logar como a do Mufti dos Mahometanos, ou ainda menos!.— Depois deste noticioso entulho, e mais farragem; eis que apparecem como em memoravel resultado as seguintes expressões: *As cartas de Gregorio 7.º recheadas de ameaças, mostram bem o caracter violento do pontifice, e quão grande havia sido a affronta recebida pelo Cardeal Ricardo.* (1) Aonde está esse *recheio* de ameaças, que inculcaes nas duas Cartas, de que tendes fallado, e a que alludís, *que mostram bem o caracter violento do Pontifice?* E' intoleravelmente hyperbolico o que asseveraes. Não disse bem. E' manifesta falsidade o que emittís! Chamo e dou á fiança a propria leitura das Cartas, já indicadas. Por ella para logo se conhecerá que estão mui longe de estarem no caso de se dizerem *recheadas de ameaças!* A metaphora pois vinda da cosinha, por mais appetitosa que pareça, não póde ter logar juntamente com a verdade real do facto, que a destroe. — Porém quem não ha de rir ou antes quem não ha de lamentar que nestes dias, que se arrebicam com a flammula de *sublime illustração*, haja um escriptor tão alheio do commum senso, que dê o nome de effeito de *caracter violento* ás justas e severas ameaças, que o Pontifice fizera pelos máos tratos que deram ao seu Legado?.... Se vos metteis a avaliar as virtudes dos Heroes da religião pelo typo e craveira dos Heroes do Romancismo, ou, o que é o mesmo, Idealismo, perfeitamente vos enganaes! Mas se não tendes, como bem mostraes pelo arrojo, os verdadeiros e solidos principios de critica theologica, adquirida pela leitura das Santas Escripturas e Padres da Igreja, para digna e sabiamente ajuizardes das acções dos Heroes do Christianismo; para que vos constituistes juiz em Israel? Não sois juiz. Sois um réo misero e indiscreto, que espontaneamente vos offereceis á censura desfavoravel do mundo intelligente.

(1) Hist. de Port. tom. 1.º Nota 3.ª pag. 449.

Continúa ainda o Author da Historia de Portugal a tósa contra o Santo Pontifice. Para este effeito atira para o tabulado da Nota insipida, e cheia de inepcias, com uma nova Carta do mesmo Papa escripta a Affonso 6.º de Castella no anno de 1080, segundo *Aguirre* (1), e 1081, conforme *Mansi*. Faz o Notographo conhecer o conteudo d'esta carta por extracto, como fizera conhecer as primeiras duas. — E' porém elle em tudo fiel e exacto no que diz respeito ao Summo Pontifice, que defendemos? Tal não poderá dizer quem confrontar o extracto com o original.

Começarei por sustentar que é falsissimo dizer o Annotador que — *da Carta parece colher-se que Affonso 6.º escrevera energicamente ao Pontifice!* (2) — Nem um só periodo, nem uma só fraze, nem uma só palavra da Carta indica similhante parecença! — Aguirre melhor interprete e resumidor da Carta que o Annotador portuguez; só achou que o Pontifice Romano quizera mostrar ao Rei no primeiro paragrafo della; que *por amor da justiça e da verdade tivera incorrido no odio de muitos, e por essa causa sido calumniado pelos mesmos*. Foi com este fundamento que o Papa quiz desvanecer muitos factos e dictos seus, que tinham chegado aos ouvidos do Rei sinistramente interpretados: *Non nos latet multa de nostris factis, ac dictis tuis auribus sinistra interpretatione deferri. Unde et pro nobis in notitiam dilectionis tuae obtrectantibus respondere non alienum putavimus.* (3) Que referencia pois tem estas palavras a cousa alguma que faça acreditar, que o rei *energicamente escrevera ao pontifice?* Nem estas, nem algumas outras expressões a tem. Tal referencia é mais um sonho romantico, que deve ir para o *canhenho!* — E esqueceria-se o critico Author que aquelles tempos eram os menos avezados, e azados para taes energias? E' bem de suppôr, que quizera antes sacrificar o seu pundonor em sapien-

(1) Collectio Maxima Conciliorum omnium Hispaniæ, tom. 4.º pag. 448.
(2) Hist. de Portug. tom. 1.º not. 3, pag. 450.
(3) No primeiro paragrafo da citada Carta do Pontifice.

cia historica ao gostinho de dar mais uma *zargunchada* na memoria do Santo Pontifice!

Analysemos mais. Em seguida, formando a segunda parte ou membro do periodo; escreve o annotador: — *mas que ao mesmo tempo lhe asseguràra ter estabelecido em toda a monarchia o rito romano com exclusão do mozarabe, cousa em que o papa altamente se empenhava* (1). — Não é exacto que da Carta do Pontifice se collija que o Rei *lhe asseguràra ter estabelecido em toda* a Monarchia o rito romano. O Pontifice cheio de prazer louva já ao Rei o facto de ter feito adoptar nas Igrejas do seu reino o rito da Santa Igreja Romana: *Noverit excellentia tua, dilectissime, illud unum admodum nobis, immo clementiae divinae placere, quod in Ecclesiis Regni tui Matris omnium Sanctae Romanae Ecclesiae ordinem recipi, et ex antiquo more celebrari effeceris* (2). Estas e outras palavras do segundo paragrafo da Carta do Pontifice só indisputavelmente mostram, e confirmam unicamente a existencia já do facto da introducção do rito romano na Hespanha em logar do mozarabe, no anno de 1080, ou 1081; facto, que *Flores* data em 1078. — Nada ahi diz o Pontifice, que tenha a minima referencia a documento algum, em que o Rei o assegurasse de tal acontecimento; porque motivo pois se ha de tirar essa inutil e gratuita illação? — E' sobremaneira intoleravel que esse historiador, que faz andar pelo pó do gato todo o genero de tradicções patrias, nos queira vender conjecturas de tão *bom* gosto!

Disse-se que o Papa *altamente se empenhava* na mencionada introducção do *Rito Romano com exclusão do mozarabe* na Hespanha. — Se se mencionou este incidente com o sentido de offender o Chefe da Igreja Catholica, que a promoveu; creia-se que elle dá o resultado contrario. Gregorio 7.º empenhou-se na mudança do rito mozarabe para o rito Romano na Hespanha; por lhe constar ter-se introduzido nelle algumas cousas contra a fé catholica. Ouçamos as suas proprias pala-

(1) Em a Nota da Hist. de Portugal, no logar anteriormente citado.

(2) Na Collecção de Aguirre, em o volume já indicado etc.

vras: *Denique in illo, quem hactenus tenuisse videmini, sicut suggerentibus Religiosis Viris dedicimus, quaedam contra Catholicam Fidem inserta esse patulo convincuntur.* (1)

Haverá acaso mais alguma inexacção na synopse da carta entre mãos com o fim de deprimir Gregorio 7.º? Ha sem duvida. Depois de correr com os olhos mais algumas linhas da Nota acintosa, encontro este enunciado: *Faz-lhe* (o Pontifice ao Rei) *varias recommendações contra os Judeos.* (2) — Quem dá com a vista com oculos, ou sem elles nestes termos genericos, ou o quer que é inculcado em um tom de *solemnia verba*; ha de talvez ficar pensando que o Pontifice fizera repetidas recommendações ao Monarcha Castelhano para levantar alguma cruzada d'aquellas de levar coiro e cabello contra os pobres e ricos judeos! — Ha de ficar suppondo pelo menos que algumas medidas d'alto rigor seriam exigidas da parte do Vaticano contra elles! — Porém quanto não deve ficar estupefacto, e quasi de queixo caído, quando depois de examinar a embofia; achar que é cousa muito outra, e muito diversa d'aquella que se enuncia! Sim; é uma só, e unica a recommendação ou admoestação (e esta mui justa e judiciosa) que o Soberano Pontifice faz ao Rei. — Amoesta-o *que não consinta por fórma alguma que os Judeos exerçam dominio, ou poder mais sobre os Christãos em o seu reino*: » dilectionem » tuam monemus, ut in terra tua Judæos Christianis » dominari, vel supra eos potestatem exercere ulterius » nullatenus sinas. » (3) A' vista d'isto como se poderá dizer e publicar por via de um sonoro plural, sem intoleravel falsidade, que o *Pontifice* fizera ao Rei *varias recommendações contra os Judeos?* Não é com estas, e que taes *balcorriadas*, que jámais se poderá blasonar de ter adquirido um renome de espavento no alto clima da historia!

Concluindo em fim a synopse da Carta, diz: *Depois espraia-se* (o pontifice) *em encarecimentos e acções de*

(1) No paragrafo 2 º da Carta *ad Alphonsum Castellae Regem* etc.
(2) Hist. de Port. tom. 1.º not. 3.ª pag. 450.
(3) No paragrafo 5.º da Carta citada etc.

graças pelo riquissimo presente que Affonso lhe fizera, tão amplo e magnifico, diz o papa, que era digno de ser feito por um rei e recebido por S. Pedro. Acaba a Carta com as expressões mais amigaveis que podia empregar um homem da altivez de Hildebrando, debaixo das impressões agradaveis, que nelle produzira a liberalidade do monarcha hespanhol. (1) — Não é por ventura todo este caustico, e alcanforado emplasto um grupo ou monticulo de falsas exaggerações atiradas impunemente para o vacuo da insondavel, e paciente publicidade? Não creio que haja um só individuo que tenha alguma noção do que é estillo *useiro* e *veseiro* dos *illuminadissimos* tozadores dos papas; que logo com o cheiro da tal droga excitante não fique de pé atraz, e espirre com a pitada! Mas se delles alguem ha que não pertença á regra geral; venha ver no palco sincero e justiceiro da analyse como figuram na scena os palavrões romanescos. — Diz-se que o papa *se expraia em encarecimentos e acções de graças pelo riquissimo presente que Affonso lhe fizera!* E quem haverá que ao dar a primeira topada visual no embrexado palavroso, não fique logo de pedra e cal, acreditando de si para si, que o Santo Padre se tirára de todos os seus cuidados, e se mettera a fazer ao *riquissimo presente* um rasgado e arrebicado encomio de *acções de graças*, que nem o Panegyrico de Plinio a Trajano?.... Porém quanta dóze de bem provocada indignação não lhe ha de vir em seguida excitar espontaneamente a fleugma; quando, averiguando o caso no original da Carta, descobrir que a tal espraiação ou espraiamento não passa do circumscripto e diminuto espaço de um paragrafo, que na Collecção de Aguirre só occupa pouco mais que dez linhas! E chama-se a isto — *espraiar-se?* Que significa este verbo nesta accepção? *Discorrer largamente sobre qualquer objecto*; é a explicação que trazem os Diccionaristas, que por signal se authorizam e fundam em mui bom classico exemplo. — E é no conteudo de tão poucas linhas que póde verificar-se o *discorrer largamente sobre qualquer objecto ou materia?* Só quem tiver von-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º nota 3.ª pag. 450.

tade de dar um vôo ao paiz dos disparates é que tal paradoxo poderá affirmar! — Pelo que eu vejo, e ha de ver muito boa gente, o escriptor da famosa Historia de Portugal, queria que Gregorio 7.º, além do mais, que por sua conta e risco lhe assaca, fosse descortez para com o Rei, que o tivera munificamente brindado!.... Como não lhe pôde fazer brecha por esse lado, quil-o fazer pôr no rol dos nauseantes lisongeiros!.... E' em fim preso por ter cão e preso por não ter cão! — Esta é a maxima geral, e póde-se dizer organica, que dirige praticamente a mão eivada de varios e rechonchudos escriptores, que apregoam á boca cheia ter habitação perpetua no Orbe das imparcialidades; quando tratam de certas e bem conhecidas materias! Mas a que proposito vem circumstancias deste calibre em uma Nota, em que se trata da *illegitimidade de D. Thereza?* Pergunta outra vez a minha curiosidade. Que tem para o caso que o Pontifice se *espraiasse*, ou não, em *encarecimentos e acções de graças* pelo *riquissimo presente* recebido? Nada que para lá se encaminhe; e só vem alli servir de fecho, ou colchete á carga, que muito de caso pensado e recha velha se pretendeu dar em o Santo Pontifice!

Porém que digo? Póde imaginar-se caricatura mais atrevida e mentirosa, do que o inculcar-se não digo já em uma Nota historica, mas até mesmo que fosse em um romance, um pontifice, ainda que fosse do paganismo, a *espraiar-se em acções de graças* a um Rei por lhe ter dado um presente, por mais primoroso que fosse? Saiba pois o Escriptor; que Pontifice nenhum praticou uma tal baixeza e idolatria! — *Acções de graças* é acto liturgico, só devido á Divindade, e não aos homens. A palavra *gratulamur* pois, que se lê na Carta do Pontifice, não denota tributo de acção de graças ao Rei, o que não poderia jámais vir á idéa de algum Pontifice, e muito menos á lembrança de Gregorio 7.º, de quem o nosso escriptor adiante diz que: *não era homem, cuja linguagem para com os principes fosse medida pelos respeitos humanos! Gratulamur* indica naquelle logar só unicamente expressão de reconhecimento ou de animo agradecido em relação ao objecto e á personagem. Este dever porém nunca póde ter o cunho ou qualificação do

que se chama acção de graças; homenagem esta que só se deve prestar ao Supremo Ser, como todos os que sabem traduzir entendem.

Perguntar-me-hão agora que palavras ou expressões com a lentejoula de — *mais amigaveis* — são essas, que o Pontifice emprega para acabar a Carta, de que nos falla o Annotador? Eu lhes satisfaço em breves audiencias a curiosidade. N'um abrir e fechar d'olhos, se vale a hyperbole, vou deitar abaixo a capa, ou paletó do mal embuçado enigma.—Tenho presente e bem ao alcance dos raios visuaes o ultimo paragrafo da Carta do Papa escripta ao Monarcha; e que outra cousa vejo e observo eu, e todo o mundo, que como eu o ler e entender, que não seja *per formalia verba* uma absolvição papal que Gregorio 7.º dá ao Rei, e aos seus vassallos; segundo a pratica muito ordinaria d'aquelles tempos? Se isto é pois certo e indisputavel, porque não havia o escriptor da Nota de dar-lhe o estabelecido nome technico, para que todos o percebessem? Acaso um objecto qualquer, que se designa por um termo determinado e conhecido, explica-se melhor por uma maneira de exprimir generica e indeterminada? E' por ventura preferivel uma terminologia abstracta e equivoca áquella que é concreta e positiva? Ninguem, que tenha algumas noções verdadeiras do que é ideologia, tal affirmará! — Se todavia recorreu ao topico romantico das generalidades para melhor fazer a *sua*, apresentando ao publico a Gregorio 7.º debaixo do contradictorio caracter de *altivo* e ao mesmo tempo *subserviente* e *mesureiro*, é mais uma prova do séstro anti-papal, que cumula os torpes aleijões da sua historia!

Porém porque não havemos de pôr já termo ou ponto final á analyse da Nota, ou diatribe anti-gregoriana? Não é ainda possivel. Ha nella ainda inepcias, ha arrojos de pensar, que é indispensavel leval-os ao mercado do conhecimento publico, para quem quizer e souber os votar á mais solemne reprovação e talvez irrisão. *Por ultimo* (diz elle, referindo-se ao negocio do Papa com D. Affonso 6.º) *quem lucra é Hildebrando, que obtem do rei a conclusão da mudança do rito, em que trabalhava a Corte de Roma havia annos, e além d'isso dons*

preciosos, que extasiam o ambicioso pontifice. (1) — Peço aqui attenção, e que me digam se eu não tenho motivo para perguntar: 1.º Que base, ou fundamento historico teve o Annotador para aquillo mesmo que já indicou no paragrafo precedente pelo singular — *riquissimo presente*; agora neste paragrafo o apresentar debaixo do expressivo, e enfatico plural — *dons preciosos?* — E' por ventura exacção historica indicar o mesmo determinado objecto, uma vez pelo *singular*, outra vez pelo *plural?* Dizer no paragrafo antecedente *riquissimo presente*, e no subsequente — *dons preciosos?* — Não é isto alterar essencialmente a verdade; para mais a seu salvo dar ao Pontifice o nome de *ambicioso?* E' assim que se transmittem os factos á posteridade, com manifesta ignominia da critica e da analyse!.... *Donum*, *munus*, são as expressões de que usa o Pontifice na Carta a D. Affonso 6.º (2). E' manifesta sim a alteração da verdade! Com direito pois reclamamos contra ella! — 2.º Porque razão no paragrafo antecedente inculcou o *riquissimo presente*, como acto espontaneo da parte do Rei, e depois no seguinte o converteu em *dons preciosos*, que o *Pontifice obtem?* Não é isto suppôr diligencia da parte do Pontifice? A citada Carta porém de Gregorio 7.º plenamente o desmente. — 3.º Porque dissera acima que o *Papa altamente se empenhava* na admissão *do rito romano* em Castella em logar *do rito mozarabe*; e depois no paragrafo immediato escrevera, que era cousa em que *trabalhava a Corte de Roma havia annos?* São acaso cumulativamente os dois objectos sempre uma e a mesma cousa, para se tomarem indifferentemente? Nem historica, nem theologicamente se reconhece absolutamente uma tal synonymia. *Quando si nomina la Corte di Roma, sia Civile, sia Ecclesiastica, non sempre si comprende la persona del Papa* (3). Diz um bem conhecido escriptor italiano, e que por certo não é suspeito para o escriptor portuguez! — E' pois uma só e mesma cousa o attribuir qualquer acção a um só individuo, ou a um corpo collectivo;

(1) Nota etc. pag. 450, §. 2.º
(2) Aguirre, tom. 4.º, pag. 449, §. penultimo,
(3) Vera Idea della Santa Sede.

quando não ha testemunhos indubitaveis para assim se julgar? O Historiador que sem documentos o tiver por indifferente, dá uma tristissima prova do seu nenhum criterio. — Se da Carta do Pontifice dirigida ao Rei (1) se colhe antes que elle tratára directamente deste negocio com o Monarcha; porque se ha de depois arbitrariamente fazer figurar a Corte de Roma no mesmo objecto? — Se em fim nem sempre tem logar a substituição, muito menos se deve presumir que o tenha no tempo de Gregorio 7.º; pois que elle, como é constante, sempre apparecia á testa de todos os negocios, que tinha que tratar com os Monarchas. E' sem duvida por tanto evidentissima a falta de exacção na substituição da segunda expressão pela primeira.

O que todavia tem, fóra de duvida, um caracter de romantico soberanamente burlesco e ridiculo, por não dizer o de uma audacia intoleravel, é o asseverar o Annotador; que os *dons preciosos* do Rei *extasiam o ambicioso Pontifice!* Póde jámais qualquer que tenha algum vislumbre de bom senso e critica, ler, sem se nausear, similhante disparate? — Que fundamentos teve o escriptor para affirmar que aquelles *dons preciosos* fizeram *extasiar o ambicioso Pontifice?* Nem um só poderá apontar. As expressões de agradecimento, que o Papa emprega em a sua Carta, ao Monarcha só mostram a satisfação de que se possuíra o Pontifice, não tanto pela grandeza e magnificencia do *presente*, quanto por ser um signal de devoção, e estima do Rei para com S. Pedro: *tamen in illo animi tui devotionem multo magis amplectimur, quae quanti Beatum Petrum fecerit, ex dono patenter ostendit.* (2) Aonde está pois aqui o extasi? Nunca subiu, nem por certo se forjou em cerebro algum, ainda o mais anti-papal, extravagancia, que com esta se pareça!.... Muito tem levantado e calumniado a protestantada contra a memoria de Gregorio 7.º; não houve porém um só ainda da parceirada, que tivesse a pueril e mesquinha lembrança de o imaginar em extasi por effeito de um presente! Esta travêssa puerilidade elevada ao

(1) Aguirre, tom. 4.º, pag. 448.
(2) Aguirre, tom. 4.º, pag. 449.

cucuruto da caturrice estava reservada para o Escriptor da Historia de Portugal dos novissimos dias! — Foram mais generosos os protestantes. Tiveram mais sciencia para conhecer que uma similhante calumnia, por incompativel com os espiritos elevados de Hildebrando, que todos nelle reconhecem, não poderia ter cabimento sem ficar exposto á irrisão universal o miseravel, que lha assacasse! — E que logar em fim tinha aqui o epitheto de *ambicioso*, com que vem enxovalhado o Santo Pontifice? Acaso o acceitar um *riquissimo presente* de qualquer Soberano é motivo para tal insulto? Se aquillo porém é ser ambicioso; então todos os Summos Pontifices, e muita gente que nunca o foi, se póde dizer, o tem sido. Mas quem tal destempero ousará pronunciar, que não mereça uma universal e retumbante corrimaça! O Author famigerado que vá aprender o que quer significar na sua verdadeira accepção o termo — *ambicioso!*... E' a cota addiccional que me dirão teria logar inserir-se na margem respectiva da façanhuda e estouvadissima Nota da Historia de Portugal! — Tomára porém o escriptor della que um *presentinho* d'aquelle calibre lhe mettesse em casa o tal epitheto! Creio, e não me engano, que não havia de chiar; ainda que o *Egresso ignorante e fanatico de Braga* do alto do pulpito, por similhante motivo, com elle o arrebicasse!

Ainda com tudo não podemos correr o panno, e dar por findo o espectaculo. Ainda não veio á scena tudo quanto jaz rabiscado e estatalado no chocalheiro cartaz! E com effeito pespego com os dois olhos na pagina seguinte da já não pouco espatifada Nota; venho correndo com toda a attenção, e analyse constante, linha por linha, frase por frase; e qual é o fecho ou desfecho do aranzeleiro paragrafo? Li e não sei se me benzi! Eil-o ahi vai: *Porque possuido de colera violenta pelas affrontas feitas ao seu legado não applicaria o orgulhoso e irascivel Hildebrando o nome de mulher perdida a D. Constancia? Não era homem, cuja linguagem para com os principes fosse medida pelos respeitos humanos. Leia as suas cartas e a sua historia quem se quizer desenganar d'isso.* (1)—

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º, pag. 451.

Parece incrivel que haja um historiador que, por uma fórma tão disparatada e aérea, pretenda definitivamente applicar a certa e designada pessoa o nome de *mulher perdida*: nome imposto, segundo a viperina expressão do nosso escriptor, *pelo orgulhoso e irascivel Hildebrando a D. Constancia!* — E' um facto controversissimo entre os historiadores, e até hoje indecifravel — quem seja a mulher perdida — a que o Pontifice (S. Gregorio 7.º) alludiu na sua Carta dirigida a Affonso 6.º de Castella, com o fim de este a repudiar ou rejeitar. (1) Ora sendo incontestavel, entre os historiadores hespanhoes, que D. Constancia fôra legitima mulher de D. Affonso 6.º; e tratando a Carta ou Bulla do Papa dirigida ao Rei especialmente da rejeição ou repudio da *mulher perdida*, com quem vivia illicitamente casado; como póde ter logar contra aquella a fantasiada indignação do Pontifice? — Era preciso que se provasse pelo menos que as affrontas feitas ao Legado do Papa tinham tido logar não só em tempo em que ella se achava vivendo com o Rei; mas tambem que ella fôra sua mulher illegitima, de quem elle era mandado separar-se; o que ninguem ainda dissera. — Pelo contrario temos a nosso favor; que longe de os Historiadores notarem algum facto de indisposição contra o Papa, ou seu Delegado, da parte da Rainha, pelo qual merecesse aquelle torpe nome; ha d'entre elles até quem diga que foi por intervenção della que em Hespanha se introduziu o Officio Romano; introducção em que o Papa assás se empenhava. E se Flores não segue esta opinião, concede todavia que D. Constancia influíra para se introduzir o mesmo Officio em Toledo; no que concorda tambem o Arcebispo D. Rodrigo. (2) Note-se ainda mais, que aquella a quem o Papa chama *mulher perdida* é inquestionavelmente a mesma, que elle manda separar do Rei. Ora não podendo recahir esta separação ou repudio em D. Constancia, pois que era legitima mulher de Affonso 6.º; segue-se que não póde dar-se a respeito della o appellido —*mulher perdida*—; com que o Pontifice qualificára a que estava illicitamente ca-

(1) Aguirre, tom. 4.º, pag. 446.
(2) Vej. Flores, *España Sagrada*, tom. 3.º, pag. 315 e 318.

sada ou amancebada com o Monarcha. Tudo isto visivelmente faz conhecer a falsidade da conjectura do Annotador em desdouro de Gregorio 7.º! — Adivinhe agora lá quem puder e souber quaes foram os fundamentos, que teve o escriptor da Nota, para dar a seu bel-prazer *possuido de colera violenta o Pontifice pelas affrontas feitas ao seu legado*, para á boca cheia vir chamar a Hildebrando os nomes injuriosos — *orgulhoso* e *irascivel!* — Lêam-se as Cartas citadas do Pontifice ao Monarcha de Castella, e sobejamente se conhecerá a calumnia, o attentado. São ellas que desenganam inteiramente da atroz maneira, com que tão injustamente é tratado um dos Chefes da Igreja Catholica, (que de mais a mais esta venera em seus altares) pelo escriptor da Historia de Portugal.— Tambem pretenderá que acreditemos que a primeira mulher de D. Affonso 6.º de Castella (D. Ignez) morrera em 1178, como se lê no decantado paragrafo da Nota, que acabamos de analyzar, ou em 1078, como trazem os historiadores da nação visinha? Quereria acaso que engulissemos silenciosos uma pilula de um erro de cem annos de differença para mais? Não temos guela, nem creio que alguem a terá, para tanto!

Quizeramos dar já acabamento á pesquisa analytica da narcotica, e cataclystica Nota da historia portugueza. Porém que ha de ser? Quando estavamos já para dar tregoas á cançada e enfastiada penna, deixando-a em innocente descanço em seu indisputavel orificio, ou cacifo; eis-que n'um relance de olhos no fim ou couce da pagina, já apontada, deparámos com a passagem, que passamos a copiar: *Na occasião* (não riam que o dono da arenga póde desconfiar!) *em que Hildebrando preparava a sua fulminante bulla para desaggravar o legado, estava já este congraçado com Affonso 6.º provavelmente porque Hugo soubera antecipadamente da tempestade que ía levantar-se em Roma, e revocando Roberto, mandára em seu logar Bernardo.* (1) — Falla-se em uma *bulla fulminante*, que Hildebrando ou Gregorio 7.º preparava para desaggravar o seu Legado! Que bulla é essa que tem o epitheto de *fulminante?*... Devia de ser algum raio

(1) Hist. de Portug. Tom. 1.º pag. 451.

pavoroso para deitar tudo a terra!... Appareça ella!... Alviçaras a quem a achar!... Se é cousa de sonho ou bugiganga romantica para fazer odiar o Pontifice; então uma çurriada mestra, pela descoberta logração, ao gracioso!... E' o que na realidade é!... — Agora aproveitando o ensejo, direi — que se o Annotador em seu fecundo estro intenta, e quer erigir alguma forja volcanica de *Bullas fulminantes*; perde vergonhosamente o seu tempo!

Imagina-se uma *tempestade* que *provavelmente Hugo* sabia *anticipadamente* se *ía levantar em Roma!* Aonde está esse fundamento grande ou pequeno, em que se estriba a conjecturada probabilidade com o mais que lhe diz respeito? Se é parecença gratuita, como realmente é; esta só de per si não póde ter o nome de probabilidade historica, como todo o mundo sabe.— Mas que ridicula cousa não é em uma Historia ou Nota, que lhe pertença, um *provavelmente* sem alguma base que o constitua com tal caracter! Sobre tudo, quem dirá que o apregoador de taes probabilidades é esse historiographo hypercritico, que se constituiu o *bota-abaixo* de todas as tradições da historia patria, que os mais sabios da nação acreditaram e com fundamento defenderam; e ainda hoje não falta quem os imite (1)

Finalmente no ultimo paragrafo da Nota aziaga está escripto: *Mas porque não teve effeito a decretada separação? — A reconciliação com o legado Ricardo, a conclusão do negocio do rito romano e mozarabe, e sobre tudo o estrondoso presente feito ao papa pelo monarcha hespanhol, são elementos que bastam para achar a explicação do facto a quem quer que não estiver inteiramente convencido da santidade de Gregorio 7.º, sem que por isso se lhe negue o haver sido, talvez, o maior homem da sua épo-*

(1) São provas desta verdade o erudito Opusculo que tem por titulo — O Primeiro Tomo da Historia de Portugal por Alexandre Herculano considerado em relação ao Juramento d'Affonso Henriques, por *José Diogo da Fonseca Pereira* — Demonstração Historica e Documentada da Apparição de Christo nos Campos de Ourique etc — Nova Insistencia pela conservação e utilidade da Tradição d'Ourique em resposta ao — Eu e o Clero — etc Por *Antonio Lucio Maggessi Tavares*. — No mesmo sentido favoravel ás Tradições da Historia patria tem apparecido varios Artigos no Jornal — A Nação.

cha. (1) Vamos sem cumprimentos a analyzar — *Porque não teve effeito a decretada separação?* Pergunta o Annotador historico. Quem lhe disse que não teve effeito? Respondo eu competentemente retorquindo. Pelo contrario o commum dos historiadores affirma que o tivera; embora se não possa verificar a respeito de que *mulher perdida* fôra. — Porém concedamos mesmo que se não désse a separação. Que fundamentos historicos tem o escriptor para asseverar que o *estrondoso presente*, feito ao Papa pelo Monarcha hespanhol, é *sobre tudo* um dos motivos que bastam para achar *a explicação do facto?* Nem um só ha de poder apontar. Receará pois alguem declarar ao escriptor que assim discorre — que o seu pensar é abjecto e mesquinho — que toca o extremo do inverosimil e ridiculo, quando mancha com actos de vileza aquelles, que pela elevação do seu caracter lhes estão, ou pelo menos com toda a razão se presume deverem estar superiores? Accusa-se a si proprio, quem em fim dá a um *presente* uma força tão efficaz para mover em sentido contrario a Gregorio 7.º! Não disse tudo. Inculca a consciencia de um Pontifice canonizado á mercê da influencia dos *presentes*; como se fôra um *pechincheiro!* Que ultrage! — Agora dir-me-hão os curiosos, se na grande Alfandega da Historia já alguma vez encontraram um *presente*, que estivesse em almoeda com a variada cantilena dos pregões : *Riquissimo presente.... Dons preciosos.... Estrondoso presente?....* E' ou não é galhofa romantica? — Taes variedades de Proteo não estão de acordo com a clareza e veracidade historica. São por tanto inadmissiveis!

Affirma outrosim o Annotador historico; que os taes *elementos*, que imagina obstaram áquella separação do Rei, em que sobre tudo tem logar o do *estrondoso presente, bastam para achar a explicação do facto a quem quer que não estiver inteiramente convencido da santidade de Gregorio 7.º.* — E quem estiver nestes sentimentos ácerca da santidade do Papa estará inteiramente de acordo com os sentimentos da Santa Igreja, que o venera em seus altares? Nunca. A Igreja não admitte convicções com res-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º, pag. 452.

tricção ou modificação alguma, filha de qualquer juizo privado a respeito da santidade d'aquelles a quem tem canonizado. Uma similhante admissão seria o mais intoleravel protestantismo. Tem a Igreja um tribunal competente, que julga e decide da verdadeira santidade daquelles a quem concede a apotheosis da canonização; e quer que os Fieis a elle se sujeitem. A subordinação é um dos requisitos inseparaveis da unidade catholica. — Entrará porém em duvida que o escriptor da Nota é do numero d'aquelles que não estão inteiramente convencidos da santidade de Gregorio 7.º? *Loquela tua manifestum te facit!*

Deixemos porém já o tiroteio de flanco para outra vez entrarmos na esplanada do combate. — Na tóza injusta e indigna com que é batido Gregorio 7.º apparece, invocado, como para adubo ou ensancha, o moderno Protestante, chamado Leo. Que rugidos porém dará este *Leão* heterodoxo contra o canonizado Pontifice Romano? Não os deu tão grandes como os deu o author catholico contra elle! O Professor Leo prescindindo de entrar na apreciação *moral dos seus actos como individuos*, (1) *viu representada, incarnada, digamos assim, em Gregorio 7.º e seus immediatos successores a lucta do espirito em a sua manifestação, com a fórma, com a materia; o desenvolvimento do raciocinio predominando no meio da força do acaso;* » idéa em que se resume a historia do pro- » gresso humano. » (2) — E' debaixo deste principio que Leo exalta o Papa. Menos sabio, generoso e prudente se portou o Escriptor Catholico que o Protestante para com o Pontifice. Se elle adoptou as idéas de louvor do Protestante; bem depressa as faz desapparecer, atacando (o que elle não fez) a conducta moral de Gregorio 7.º, que mais especialmente como Catholico devera respeitar. — Não disse tudo. Julgou-se com risivel e inaudita presumpção como senhor e possuidor de um direito, que é só proprio da Divindade: *De internis solus Deus.* Atreveu-se sim a constituir-se em *avaliador da intenção da causa*

(1) Considerações Pacificas, pag. 12.
(2) Considerações Pacificas, pag. 11.

moral dos actos de Gregorio 7.º (1). A que não chega uma enfatuada animosidade!

Parece-me porém que o Protestante Leo foi ainda mais generoso e justo para com Gregorio 7.º, do que o inculcou o escriptor Catholico. Pelo menos temos diante dos olhos um escriptor inglez modernissimo, de todo o conceito, que o inclue no numero dos escriptores da communhão protestante, que engrandecem aquelle Pontifice a todos os respeitos. O Escriptor de quem fallamos é o doutor *Nicholáo Wiseman*, Bispo de Melipotamo, ha pouco nomeado Cardeal e Arcebispo de Westminster, segundo a Hierarchia espiritual estabelecida por S. Santidade Pio 9.º em Inglaterra, n'este anno. Eis-aqui o que elle diz: » Temos tido dentro destes poucos annos » varias vidas ou defezas do Pontifice, que tem sido » considerado como typo incarnado d'aquella sêde de » engrandecimento, que se attribue aos Papas da idade » media. Fallo de Gregorio 7.º, commummente conhe- » cido pelo nome de Hildebrando. Em uma mui volumo- » sa Obra, publicada ha poucos annos por Voigt, e ap- » provada pelos mais eminentes historiadores da moder- » na Allemanha, temos a vida daquelle Pontifice ex- » traída de documentos contemporaneos, da sua pro- » pria correspondencia, e testemunho tanto dos seus » amigos, como inimigos. O resultado é — e eu desejo » dar-vos as palavras do Author — que se o historiador » se abstrair de preconceitos na verdade insignificantes » e nacionaes affeições, e contemplar o caracter d'aquelle » Pontifice á luz de um mais elevado principio, ha de » necessariamente reconhecel-o por um homem da mais » recta intenção, do mais perfeito desinteresse, e do » mais puro zelo; por um homem que em toda a occa- » sião obrou precisamente conforme a sua posição o cha- » mava a obrar, e que não fez uso de outros meios se- » não d'aquelles que estava authorisado a usar. Neste » sentido é seguido por outros, que fallam do Pontifice » com tal enthusiasmo que um Catholico os não teria » excedido; e de um tem-se observado, que não póde

(1) Considerações Pacificas, pag. 12.

» fallar d'aquelle Pontifice sem se transportar. » (1) Os escriptores protestantes, a que allude o Cardeal Wiseman, que são dos sentimentos de Voigt, são *Eichhorn*, *Luden*, *Leo*, *Muller*, e varios outros escriptores protestantes; cujos testemunhos elle espera em mais opportuna occasião dar por extenso. Assim o declara em a nota á passagem transcripta; na qual igualmente recommenda a vida do grande Papa, ultimamente publicada por Mr. Bowden. (2) — A' vista disto digam-me agora que logar deve ter no paiz da religião e da sciencia um escriptor catholico, que ao mesmo tempo que os proprios Protestantes cobrem de elogios a Gregorio 7.º; empunha o sceptro da ousadia para o menoscabar com os epithetos affrontosos de *soberbo*, *ambicioso*, *altivo*, com outros qualificativos mais deste jaez, com que denigre a sua memoria? Risquem-se com obliterante traço expressões tão indignas de figurar, de serem lidas em uma

(1) We have had within these few years, several lives, or vindications of the Pontiff, who has been considered the embodyng type of that thirst for aggrandizement wihch is attributed to the Popes of the middle ages. I speak of Gregory VII., commonly known by the name of Hildebrand. In a large voluminous work, published a few years ago by Voigt, and approved of by the most eminent historians of modern Germany, we have the life of that Pontiff drawn up from contemporaneous documents, from his own correspondence, and the evidence of both his friends and enemies. The result is — and I wish I could give you the words of the author — that if the historian abstract himself from mere petty prejudices, and national feelings, and look on the character of that Pontiff from a higher ground, he must pronounce him a man of most upright mind, of a most perfect disinterestedness, and of the purest zeal; one, who acted in every instance just as his position called upon him to act, and made use of no means, save what he was authorised to use. In this he is followed by others, who speack of him with an enthusiasm which a Catholic could not have exceeded; and of one, it has been obsérved, that he cannot speak of that Pontiff without rapture. (Lectures on the principal doctrines and practices of the Catholic Church, delivered at St. Mary's Moorfields, during the lent of 1836. — Lecture VIII, pag. 293.)

(2) Eichhorn, Luden, Leo, Muller, and many other Protestant writers; whose attestations I hope to find a better opportunity to give at length. The English reader has, since this discourse was delivered, been enabled to study the character of this great Pope, by the interesting life of him lately published by Mr. Bowden. (No logar que fica citado, pag. 293 e 294.)

nota de uma Historia de Portugal; senão quizermos que alguem accuse o seu Author de Ultra-Protestantismo!

Se é porém profundamente retrograda ainda aos olhos do actual Protestantismo a pasquinada que o Author Catholico affixou em seus escriptos contra Gregorio 7.º; que intoleravel, que sobremaneira iniquo não é que o escriptor das *Considerações Pacificas*, com a maior falsidade invocasse a authoridade de um Santo Padre para o deprimir? — Pois é imaginavel, é crivel que um escriptor Catholico, escrevendo em uma das Capitaes do mundo civilisado apresentasse impresso á face do publico o testemunho de um Padre da Igreja, á falsa fé produzido e interpretado, para um fim tão revoltante? Não é só imaginavel, não é só crivel; é facto de uma existencia tão real, que toca nas raias da ultima evidencia. Chamo com todo o empenho, mais do que nunca, a attenção do publico, para vir reconhecer á luz da analyse uma das maiores, e mais iniquas falsidades que neste genero tem saído do nosso assás corrompido, e desmoralisado prélo. Interessa á honra da religião e da sciencia o fazel-a conhecer, e patentear em toda a sua extensão.

» Queremos porém saber (diz o allegador da authoridade adrede e arteirosamante produzida) por tes-
» temunho insuspeito, qual era essa intenção moral,
» qual o caracter de Hildebrando? Ouçamos um seu
» contemporaneo, um santo padre. Tenho gosto espe-
» cial em citar nestas cousas os santos padres. São res-
» peitaveis authoridades! » *De resto* — diz um delles —
» *rogo humildemente ao meu S. Satanaz que não se en-*
» *fureça tanto comigo, e que a sua veneranda soberba*
» *não me fustigue com tão longa flagelação.* « (1) — De
» quem se escrevia isto? Do Cardeal Hildebrando.
» Quem o escrevia? Um pobre velho: S. Pedro Da-
» mião, n'uma carta dirigida a Alexandre 2.º e ao pro-
» prio cardeal. Verdade é que não sabia quão grande
» santo havia de vir a ser o seu *S. Satanaz.* « (2)

Póde dar-se maior escarneo, maior insulto, mofa mais solemne feita á verdade, á virtude, á religião e

(1) B. P. Damiani Epistol ad Sum. Pontif. L. 1.º Epist. 16.
(2) Considerações Pacificas, pag. 12.

á sciencia? Não sei que a possa haver neste genero. — Pois acaso é verdade que as palavras proferidas por S. Pedro Damião a respeito do Cardeal Hildebrando (depois Gregorio 7.º) não fossem tomadas no mesmo sentido pelo escriptor portuguez, em que o Santo as tomára? Quem ha que examinando a questão o deva, ou possa duvidar? — E' falsissima, e aleivosissima a accepção em que são entendidas, e inculcadas aquellas palavras nas *Considerações Pacificas*; digamol-o em desaffronta de um e outro Santo!....

Porém como é admissivel que podesse vir á cabeça do Author portuguez um tão reprehensivel disparate? Tirou-o dos livros protestantes, dessas sentinas de iniquidades, recheadas de aleives e calumnias horrendas contra os Pontifices! Aqui tenho eu um Author dessa laia, que, do mesmo modo que o Author portuguez, applica iniquamente o epitheto, que S. Pedro Damião dera, em sentido mui diverso, a Hildebrando. (1) — Nem um só author porém catholico ha que se lembrasse de achar nas palavras do Santo Bispo algum fel contra aquelle a respeito de quem as proferia.

Vamos agora a fazer patente a todo o mundo a aleivosia; para que fique no perpetuo registro dos desenganos.

E' de todos sabido que S. Pedro Damião, que existiu no seculo 11.º e fôra nomeado Cardeal e Bispo de Ostia pelo Papa Estevão 9.º, depois de desempenhar dignamente as altas funcções do seu ministerio, e varias commissões, de que os Papas do seu tempo o encarregaram; por ultimo fez todas as diligencias para renunciar o Episcopado, e tornar á vida eremitica. Nesta sua pretenção encontrou Pedro Damião um forte oppositor, que foi Hildebrando, então Arcediago, e que era o braço direito em todos os negocios do Papa Alexandre 2.º. Hildebrando empenhou-se quanto pôde para com o Papa, para que, vistas as necessidades da Santa Igreja, e os serviços, que o Bispo lhe poderia fazer, não lhe acceitasse por fórma alguma a renuncia. Eis-aqui o moti-

(1) Tem por titulo a Obra do Protestante — *Abrégé de l'Histoire des Papes* etc. A Londres 1786.

vo das queixas de S. Pedro Damião contra elle; queixas que honram tanto o queixoso, como aquelle que era causa dellas. Neste sentido é que o Santo escrevendo em uma mesma Carta ao Papa Alexandre 2.º e a Hildebrando, Cardeal Arcediago da Santa Igreja Romana, se exprime do seguinte modo: *De caetero sanctum satanam meum humiliter obsecro, ut non adversum me tantopere saeviat: nec ejus veneranda superbia tam longis me verberibus atterat; sed jam jam circa servum suum vel satiata mitescat.* (1) Dá o Santo a Hildebrando, com sincera graça e não com espirito de insulto, o nome de *seu santo satanaz*, pedindo-lhe que se não mostrasse tão bravio e rispido em se oppôr á renuncia, que elle queria fazer do episcopado nas mãos do Summo Pontifice. — Que ha pois na mencionada expressão que não seja a mais franca singeleza e liberdade apostolica, a mais innocente, e mesmo engraçada ironia, da parte do Santo Bispo ancião? Dar-lhe um sentido sinistro é não só injuriar o Santo que a dissera, mas até suppôr uma cousa fóra de toda a probabilidade. Sim, não é provavel mesmo que uma tal expressão no sentido de insulto fosse escripta em uma carta dirigida ao proprio individuo. Basta porém ler a citada Carta do Santo para conhecer que o sentido em que tomam os protestantes aquellas palavras é inteiramente avesso á verdadeira intelligencia. — Ouçamos agora o que diz o Cardeal Baronio, analyzando a passagem da Carta de S. Pedro Damião em seus Annaes: *In ipsa epistola satanam sanctum* (Hildebrandum) *nominat, satanam, utpote adversarium; sanctum, quod non inimico animo, sed bona ageret intentione quod ageret, sancta quippe simultas inter eos intercedebat, dum ille vellet anhelantem ad solitudinem retinere, iste nollet penitùs retineri.* (2) Em linguagem quer dizer: » Na » mesma Carta dá o nome de santo satanaz (a Hildebrando), satanaz por ser opposto ao seu intento (3); » santo pelo não ser com animo hostil, mas obrar com

(1) B. Petri Dam. L. 1. Epist ad Summos Pontifices, Epist. 16.
(2) Annales Ecclesiastici etc. Tom. 11.º, Cap. 30. pag. 256.
(3) *Quòd violentum oppugnatorem sui propositi Petrus eumdem Hildebrandum pateretur* etc. São palavras de Baronio, que precedem o citado logar.

» boa intenção n'aquillo que praticava, porquanto ha-
» via entre elles uma santa inimizade, querendo aquel-
» le reter a este que estava ancioso pela solidão, este
» não querendo inteiramente ser retido. » Reconheça-se
por tanto o gravissimo absurdo, que se commetteu em al-
legar o texto de S. Pedro Damião no sentido, em que
fôra tomado nas *Considerações Pacificas*. Proclame-se co-
mo a mais evidente falsidade, a mais intoleravel calum-
nia assacada a um Santo contra outro Santo!

Agora perguntarei eu ao engraçado escriptor porque
prisma ou lente de camera optica, ou mesmo microsco-
pio solar, viu elle a Hildebrando; para em um mesmo
paragrafo ora achar a Gregorio 7.º com capacidade para
ser *hoje*, *se resuscitasse*, o mais assanhado demagogo; af-
figurando-se-lhe que teriamos nelle o *presidente da repu-
blica democratica e social*; ora representar *o orgulho*, e
intolerancia do Pontifice *para com os poderes da terra*, com
todos os contornos e perfís de *uma intelligencia igualmen-
te vasta e energica*, *chamada Napoleão Buonaparte?* (1)
Não é por ventura a lembrança digna de figurar no mun-
do das extravagancias mais puras? Por certo que ella ain-
da não veio ao pensamento de um só escriptor sensato!

Agora, a fim de dar já termo e remate á longa pa-
lestra; só, e com empenho, deprecarei ao acerrimo, e
despeitoso escalamucador de Gregorio 7.º, para que em
nome e por honra da sciencia documental, que hoje em dia
tanto anda nas palminhas dos que altamente cosqueam
as tradições; para que, digo, de um modo e fórma que
a ninguem deixe em duvida, nos declare, e ponha ao
olho do sol, em que logar da Carta do Pontifice, que
allega para completar a tunda, achou, leu ou bispou,
as expressões: *Quem não sabe que os reis*, *que os chefes*,
procedem dos principes pagãos.... (2) Ha de correr, co-
mo dizem, de cabo a rabo a Carta Pontificia, e por
fim de rabiar pelo perdido, ha de se contentar com uma
cousa que se chama zero, que é o synonimo techico da
palavra — nada! — E á vista deste e outros falsetes, com
que tem empulhado o publico illustrado de boa fé; pre-

(1) **Considerações Pacificas, pag. 12 e 13.**
(2) **Considerações Pacificas, pag. 13.**

tenderá elle ainda que todo o mundo (que hoje em dia é laberco, e quer ver e crer como S. Thomé) jure em suas oraculinas asserções? Não tenha medo! Por mais alapardado e cozido que esteja o laparo na loiza, em lhe mettendo o furão da analyze, não tem remedio senão sahir para a luz do dia! A Carta de Gregorio 7.º é aquella que elle escreveu a Herimanno Metense, e trata da authoridade e dignidade do Pontifice Romano, segundo a jurisprudencia d'aquelles tempos. Nella se encontra uma interrogação que é assim: *Quis nesciat, Reges et Duces habuisse principium?* Aonde diz pois aqui o Santo que *os reis e os chefes procedem de principes pagãos?* Nem aqui, nem em parte nenhuma da Carta; como qualquer que entender a lingua latina póde verificar. Anda ella nas Collecções dos Concilios. A interrogação do Santo é indeterminada, e não em sentido concreto. — O Pontifice funda a superioridade do poder espiritual em ter este um chefe, que não é da invenção dos homens; ao mesmo passo que os chefes do poder temporal são de invenção ou instituição humana.

Finalmente o Author das *Considerações Pacificas*, não contente de apresentar no seu diorama satyrico contra Gregorio 7.º, na pessoa do Pontifice, o mais furibundo Monarchomaco, e isto com a singularissima magia de reunir nelle, e fazer ver com toda a força do claro-escuro no mesmo individuo o busto bifronte do socialista e despota de arreganho; sim, finalmente corôa a obra maligna com um sarcasmo, que se nivela, e topeta com o cume da insolencia! Desfigura e reduz a uma blasfemia um dos textos venerandos da sagrada escriptura para dar no Santo com o mais horrendo latego do vilipendio. Ouçamo-lo pelas suas mesmissimas palavras: » Veja V. S.ª (1) o caso que o santo varão fazia do famoso texto biblico: *Per me reges regnant.* Dir-se-hia que tinha lido: *Per diabolum reges regnant.* « (2) A que mais poderia chegar um furor delirante contra o Santo Papa! E que falta de respeito para com o texto subli-

(1) O Redactor do Jornal — A Nação.
(2) Considerações Pacificas, pag. 13.

me da Escriptura Sagrada do Livro dos Proverbios! (1) Porém que razão, que fundamento teria o Author para transtornar tão horrendamente o logar da Biblia, e dizer por chacota que o Santo assim o teria lido? Poderá um escriptor, qualquer que seja, enunciar esta hypothese opprobriosa sem faltar ao que deve a si mesmo pelo lado da critica, e do bom senso? Não por certo. Por mais exaggeradas, e extranhas hoje ao pensar do mais commum theologo, que fossem as idéas, com que Gregorio 7.º pretendia apoiar o seu vasto e agigantado systema da supremacia temporal do Papa; ninguem dirá, a não ser dominado da mais rematada extravagancia, e odio contra o Pontifice, que elle teria lido na Escriptura a blasfemia escandalosa: *Os Reis reinam pelo diabo*. A lembrança além de peccar pelo lado da affronta, não menos é intoleravel pela inverosimilhança. — Quem disse na verdade ao hypothetico escriptor, que Gregorio 7.º entendia que por aquelle texto dos Proverbios se provava a origem divina do poder dos Reis? Ninguem por certo. E quando o entendesse, não seria antes inteiramente mais verosimil que elle applicasse, segundo a doutrina d'aquelles tempos, as palavras da Escriptura a si proprio: *Per me reges regnant*: Por mim governam os reis? — Saiba todavia o inexoravel antagonista de Hildebrando; que o referido texto é o mais fraco para sustentar a doutrina theologica sobre a origem do poder dos Reis. Isto faz outrosim ver o pouco affrontamento que elle causaria ao Pontifice para se conceber a idéa, de que o lêra alterado! — O grande Oratoriano *Antonio Pereira de Figueiredo* nas eruditissimas conclusões — *De Suprema Regum etiam in Clericos potestate*, que defendeu na Real Casa das Necessidades em 1765, e dedicou a ElRei D. José; não o incluiu entre os outros logares da Escriptura, que nellas menciona, para provar a origem divina do poder dos Reis. Tão pouca attenção lhe mereceu!

Passando a Innocencio 3.º e Innocencio 4.º, que o Escriptor portuguez chamára tambem ao tablado do desprezo; tem sido elles dois alvos a que o protestantismo

(1) Cap. 8.º vers. 15.

tem atirado as mais hervadas setas da calumnia e da mentira. Quem ha que o ignore; bem como os motivos por que elle o tem feito? Alguma decisão de Concilio Ecumenico, ou instituição de Ordem religiosa devia por certo especialmente excitar a sua algazarra! — Tem porém havido algum escriptor catholico, que com iguaes ou equivalentes epithetos áquelles, de que tem usado os protestantes, os tenha vindo enxovalhar? Não o sabemos. — Varios além d'isto tem sido os juizos que os escriptores tem emittido ácerca da vida dos dois Pontifices. Mal se póde pois querer sustentar a seu respeito um juizo certo e inquestionavel; e muito menos proferil-o em um tom dogmatico. O Diccionario Historico está bem longe de pintar estes dois Pontifices com as mesmas côres, com que os pintára o Author das *Considerações Pacificas*; muito alheio de usar do seu mesmo tom. — Fleury não interpôz o seu juizo ácerca da conducta de Innocencio 4.º; e de Innocencio 3.º se se atreveu a dizer que tinha feito *grandes faltas*, não inculcou esta asserção como persuasão sua. Já antes tivera advertido, que os costumes deste Papa deviam antes ser julgados pelas suas acções, que pelos discursos dos authores do seu tempo. (1) — Em todo o caso a fórmula apasquinada, para assim dizer — *intelligencias violentas*, *cubiçosas e corruptas* — arranjada para tozar os Papas, torna-se intoleravel na boca de um catholico! Podem haver *grandes faltas*, sem que estas se possam, ou devam attribuir logo ao caracter corrompido do individuo que as commette. Podem haver *grandes faltas*, commettidas na melhor boa fé. E neste sentido avaliamos aquellas que foram commettidas por alguns Papas da idade media. *Uma falsa jurisprudencia canonica*, como já advertiu um distincto escriptor, *os enganou.* (2) Foi um triste effeito da influencia das idéas dos

(1) Hist. Eccl. L. 77. Cap. 61.

(2) Foi segundo esta falsa jurisprudencia canonica, que o Papa Innocencio 4.º, a rogo dos Prelados, e outras Classes do Reino; vistas as gravissimas vexações e desordens que se commettiam no paiz pela incapacidade governativa do Monarcha; depôz do throno de Portugal a D. Sancho, chamado o Capello, e deu o sceptro a D. Affonso 3.º. D. Sancho foi primeiramente advertido por uma Bulla datada do anno de 1245, e depois deposto por outra Bulla de 1246. — Nem um, nem outro diploma dá motivo algum particular, pelo seu con-

tempos em que viveram, o movel predominante que muitas vezes os dirigiu. — Fleury alludindo a varios Papas cheios de virtude, e zelo pelo restabelecimento da disciplina da Igreja, em cujo numero conta Gregorio 7.º, Urbano 2.º, Paschal 2.º, Eugenio 3.º, e Alexandre 3.º, adverte *que as melhores intenções destituidas de illustração fazem cahir em grandes faltas; e quanto mais se corre em um caminho tenebroso mais as quédas são frequentes e perigosas. Estes grandes Papas*, continúa, *achando de tal modo estabelecida a authoridade das falsas decretaes, que ninguem mais pensava contestal-a; julgaram-se obrigados em consciencia a sustentar as maximas que alli liam, persuadidos que era a mais pura disciplina dos tempos Apostolicos e da idade de ouro do Christianismo. Elles não perceberam porém que ellas contém muitas maximas contrarias ás da verdadeira antiguidade.* (1) — Quem assim discorre não aspira por certo a ter assento na tripode, ou poltrona de Rhodamantho; para com grutesca, e comica severidade se metter, de *motu proprio, sciencia certa e poder absoluto*, a sentenciar sobre a moralidade intencional dos dois tão tenazes seguidores das maximas de Gregorio 7.º!

Porém prescindindo ainda das conveniencias religiosas, que a mesma philosophia recommenda a todo o profitente de qualquer religião; que anachronismo tão revoltante não é, encarado outrosim o ponto da questão pelo lado scientifico, que em uma época de illustração, em que o Protestantismo moderno procura vingar das calumnias e falsidades, com que os seus proprios escriptores tem denegrido a memoria dos Pontifices da idade media; collocando-os no logar de respeito e veneração,

teudo, para affear a memoria do Pontifice; como com toda a facilidade conhecerá, quem os ler e entender. Todavia o nosso escriptor aproveitou o ensejo na sua historia de Portugal para qualificar com caracteres depressores tanto a este Papa, como a Innocencio 3.º e outros, que lhe vieram ou fez vir a talho. A tendencia para taes arrebiques torna-se mais que visivel!

A respeito de Innocencio 3.º devemos accrescentar; que modernamente *Hurter*, Clerigo Protestante da communhão germanica, na Vida que delle escreveu, fundada inteiramente em monumentos da idade do Pontifice; não só o considera *fóra de vituperio, mas até como um objecto de inqualificavel admiração.* Referimo-nos ao que diz o Cardeal *Wiseman* na sua já citada Obra.

(1) Discours sur l'Histoire Ecclesiastique, 4, Discours, §. 3.

em que merecem estar; agora sim em um dos paizes mais classicos do catholicismo appareça alguem, que, inculcando-se como typo do *historial progresso* em Portugal, folgue de os offuscar? Ouçamos porém o Cardeal Wiseman; para que se veja se é verdade o que asseverámos a respeito das vigentes idéas do Protestantismo ácerca dos Papas da idade media. » Muitos, diz elle, con-
» demnam a conducta dos Papas como sendo dirigida
» por nenhuma outra cousa senão pelo desejo de engran-
» decimento e governo temporal do mundo. Porém nes-
» te chaos e confusão em que o prejuizo tem sepultado
» a historia daquelles tempos, uma brilhante luz vai
» começando a penetrar, e vem de uma parte tal, que
» não poderá facilmente dar motivo a suspeita. Dentro
» dos ultimos dez annos tem apparecido uma série de
» Obras no Continente, em que os caracteres dos Papas
» da idade media, não sómente tem sido defendidos,
» mas postos no mais bello e magnifico ponto de vista.
» E eu dou graças a Deos por ellas serem de um paiz,
» como eu justamente disse, que não póde ser suspeito,
» sendo cada uma destas obras, a que alludo producção
» de um Protestante. (1) »

Transportemo-nos porém já a outro terreno para discutirmos materia ainda mais interessante. E' ella a que dá sobeja occasião e thema o conteudo das expressões, que se comprehende na seguinte

(1) Many condemn the conduct of the Popes, as being directed by nothing but a desire of temporal aggrandizement, and wordly imperial sway. But into this chaos and confusion, in which prejudice had plunged the history of those times, a bright light is beginning to penetrate, and it comes from such a quarter, as will not easily give rise to suspicion. Within the last ten years a succession of works has been appearing on the Continent, in wich the characters of the Popes of the middle ages, have been not only vindicated, but placed in the most beautiful and magnificent point of view. And I thank God, that they are, as I just said, from a quarter wich cannot be suspected — every one of the works to which I allude, being the production of a Protestant. Vol. 1. Lecture VIII. pag. 293.

2.ª PASSAGEM.

E' verdade que V. S.ª (1) cobre Hildebrando com a egide da canonização, e Innocencio 3.º com a da sua sciencia e litteratura. Mas nem vejo que sciencia e litteratura sejam synonimos de virtude, nem creio que uma canonização constitua dogma de fé, e obste á liberdade do historiador para avaliar como entender os caracteres historicos. V. S.ª sabe perfeitamente que fundando-se as canonizações em provas humanas, e não em factos revelados, as decisões pontificias a tal respeito são falliveis, o que bem se manifesta da oração, que ainda no seculo XIV os papas faziam na solemnidade das canonizações, pedindo a Deos permittisse que não se houvessem enganado. Esta doutrina é corrente, e V. S.ª não a ignora, não poderia ignoral-a. (2)

Assim responde o Author, que refutamos, ao illustrado Redactor do Jornal — A Nação. O Redactor pois, entre outras muitas cousas que lhe observara, mui sabia e catholicamente trouxera a pêlo a circumstancia da canonização a respeito de Gregorio 7.º — Agora a passagem transcripta nos provoca a tratar aqui uma questão de interesse litterario e religioso. Enuncial-a-hemos pela maneira seguinte: » Se *a egide*, ou escudo que co- » bre qualquer individuo, de quem se trata, *obsta*, ou » não, *á liberdade do historiador para avaliar como en-* » *tender os seus caracteres historicos.?* » — O que se entende pela mencionada liberdade? Acaso entende-se por ella o amplo e illimitado poder, que qualquer historiador a seu alvedrio se arroga, de avaliar uma entidade historica, prescindindo de toda a attenção e respeito aos caracteres religiosos, que categoricamente a qualificavam? Se se toma neste sentido, não temos a menor duvida em chamar áquella a mais chapada e definida desenvoltura. No paganismo grego e romano não se encontrará exemplo de um só historiador, que prescindindo

(1) O Redactor da — Nação.
(2) Considerações Pacificas, pag. 11. — No fim da *Passagem transcripta* se cita a Van-Espen J. Ecclesiast. P. 1. tit. 22. Cap. 10.

do respeito e veneração, que devia consagrar aos objectos do culto publico, se julgasse com direito de avaliar só de per si, sem consideração alguma pelas qualificações religiosas, os chamados — *caracteres historicos.* — Se apparecesse uma penna historica ou que d'isso blasonasse, com tal eiva, com pecha tal, o individuo que a movesse, attrahiria sobre si logo de corrida o labeo de esgalho, ou cousa equivalente do tronco do monstruoso Diagoras. Por outra; cahiria immediatamente e sem cumprimento sobre elle a manopla da lei contra os Atheos, segundo a religião e a politica d'aquelles antigos tempos, que de uma vez para sempre lhe faria calar a profanadora boca, e nunca jámais dar á lingoa. Esta seria bem merecidamente a triste e lamentavel paga, que levaria o espertalhão que agachado debaixo da imaginaria e presumida testude — caracteres historicos — se atrevesse a badelar e a dizer das *suas* contra o individuo de quem houvesse de fallar, sem nada attender ás suas qualidades religiosas; embora tivessem sido julgadas dignas do culto publico. — Porém que é o que entenderá o Author por *caracteres historicos*, que elle quer ter a liberdade sem obice de avaliar? Por *caracteres historicos* entendo eu, e entenderá todo o mundo, sem exceptuar o proprietario da expressão, aquelles caracteres ou qualidades do individuo, que constam ou se colligem pela historia. E não serão comprehendidos tambem nelles os caracteres moraes e religiosos do individuo de quem se historía? Acaso não serão estes caracteres mui dignos da historia? E muito mais quando lithurgicamente foram julgados merecedores da veneração publica? Por certo que mui especialmente o devem ser. Tem-no sido e serão sempre aos olhos de todo aquelle escriptor que tiver o tino de conhecer, que as qualificações historicas nunca podem, nem devem ser substituidas por abstracções romanticas, sem manifesta ignorancia, e talvez má fé! — A' vista d'isto como se póde pois admittir a decantada frase — *avaliar como entender os caracteres historicos* —; sem nesta avaliação comprehender aquelles que mereceram ao individuo, de quem se historía, a preexcellencia da canonização? — Que tal é o sofisma! Embrulha-se e marca-se tudo com o carimbo — *caracteres histori-*

cos — e com este rotulo na dianteira toca a dar tunda, á moda dos Protestantes, em tudo quanto fôr canonizado; começando primeiro que tudo pelos Papas! Não está má invenção ou antes negromantica confusão para o effeito da tal intentada apanhadura!

Porém que? Dirá acaso o Author que entendeu por *caracteres historicos* tão sómente as qualidades intellectuaes do individuo, que deve ser objecto da historia? Se tal dissesse, proferiria um conspicuo absurdo. Ninguem ainda pronunciara nem escrevera que o homem intellectual era o unico do dominio da historia. Muito menos o Author o poderia por fórma alguma sustentar. Elle não duvidou pois declarar que — *a intenção, a causa moral dos actos, é necessaria para a apreciação abstracta de um caracter.* (1) Temos por tanto que o homem moral, pela sua propria doutrina, não fica excluido dos *caracteres historicos.* E quem póde duvidar que o mesmo Escriptor avaliára o caracter de Hildebrando, ou Gregorio 7.º, pela *sua intenção moral?* E' elle proprio que o declara nestes termos: *Queremos saber por testemunho insuspeito, qual era essa intenção moral, qual o caracter de Hildebrando?* etc. (2) — E' na verdade o caracter principalmente do homem moral, modellado pelas maximas sublimes e santificantes da religião do Evangelho, que a canonização transmitte á historia. O Historiador que pertencer á mesma communhão, não póde por consequencia em boa fé prescindir desta circumstancia transcendente, na apreciação da *causa moral dos actos* do individuo, sem offender o Santo, e a Igreja que o canonizou. — E quanto ainda se não torna mais intoleravel esta offensa, quando o historiador audaz e insolente se mostra na sua apreciação em contraposição aos caracteres reconhecidos no Santo pela canonização da Santa Igreja?

Mas não percamos de vista o ponto principal. — Se pois a philosophia, a religião e a politica assim levava o historiador n'aquelles tempos de ignorancia idolatra a venerar a seus Numes, fossem, segundo a sua theogo-

(1) Considerações Pacificas, pag. 12.
(2) Considerações Pacificas, pag. 12, §. 2.

nia, *Dii* ou *Divi*; agora em tempos em que o Astro da sciencia radía e fulgura pela acção omnipotente do Christianismo; qual ha de ser a razão por que a relevantissima circumstancia de o individuo, de quem se falla ou escreve, ser venerado pela propria religião augusta do Filho de Deos em seus altares, não deva de entrar em linha de conta especialissima, no exame e analyze, que o Escriptor fizer de seus caracteres historicos? Nenhuma razão ha, antes o contrario. — A religião Christã é uma religião essencialmente de illustração e de verdade. Não tolhe pois, nem poderia jámais tolher, o chamarse á analyse esses Modellos Illustres de virtude, que decorou com as honras da canonização. Houve entre elles muitos que figuraram como pontos culminantes na historia do mundo. O juizo critico do escriptor não póde, nem deve muitas vezes ficar mudo ante elles. — Quererá porém a Igreja que não se respeite o voto, que ella, segundo a disciplina estabelecida, pronunciou sobre a sua santidade? Que o *entender* orgulhoso de qualquer escriptor seja preferivel ao que com conhecimento de causa plenissimo tem decidido o seu Chefe? De nenhuma sorte. A Igreja faltaria ao que deve a si, e á sciencia. Faltaria ao que deve a si; porque toda a sociedade tem direito a obrigar os seus subditos a respeitar aquelles objectos que ella legitimamente manda respeitar. Faltaria ao que deve á sciencia; porque á vista do severissimo exame e escrupuloso cuidado, que emprega na formação do processo d'aquelles que pretende canonizar; tem direito a exigir que ainda mesmo pelo lado scientifico haja de ser acreditada. — Não ha no mundo um só historiador profano, que se possa comparar na pesquiza dos factos com a apuradissima investigação, que a Religião Catholica emprega para verificar as virtudes d'aquelles que ella se apraz collocar em o numero dos seus heroes de santidade, dignos de culto e invocação. Que sobejo motivo pois não tem ella para, mesmo não theologica, mas philosophicamente fallando, exigir que respeitem de um modo digno o titulo da canonização! E respeita por ventura este titulo aquelle historiador que na avaliação dos factos chega ao excesso de pôr em duvida a santidade de um d'aquelles que a Santa Igre-

ja por decreto do seu Chefe, o Summo Pontifice canonizára; como fizera o Author relativamente a Gregorio 7.º, por não fallar de outros? Não por certo; antes gravemente o offende. — Que digo eu? Se o Santo é venerado no paiz em que o escriptor publíca a sua Obra; duvidando da santidade do canonizado, não offende elle por ventura a religião publica do Estado, mandada respeitar pelas leis politicas do paiz? Quem haverá que o possa duvidar! Pois saiba o escriptor portuguez, que põe em duvida, ou *não está inteiramente convencido da santidade de Gregorio 7.º* (1); que delle reza a Igreja Lusitana a 25 de Maio. — A tal doutrina envolve até implicitamente uma arguição ao culto, que a Igreja do seu paiz de acordo com a Igreja universal dá a este Santo!.... E' pois este excesso toleravel? Nunca.

» Quando a Igreja está convencida que um homem » tem feito uma vida santa e pura, quando Deos assim » se tem dignado attestal-o por milagres, ella o colloca » no numero dos Santos por um decreto de canoniza- » ção, e authoriza os fieis a lhe dar um culto publico. » Ella não pretende com tudo attestar por isso que o » canonizado ha sido um homem isento dos menores de- » feitos da humanidade, e que não ha jámais peccado; » a fraqueza humana não comporta essa perfeição. » (2) Se a Santa Igreja tem a mais illustrada e sã philosophia para assim julgar aquelles que pelas provas mais positivas e terminantes merecem ser inscriptos no catalogo dos seus Santos; ella com tudo não póde, nem deve tolerar que qualquer escriptor catholico, esquecido de um pio, e justo dever, que a religião lhe impõe; e bem assim ultrapassando até os limites da mais sensata critica; ponha em duvida, ou tenha em menos que ella, a santidade do Heroe, que canonizára. — Com quanta liberdade, e severidade critica; direi até animosidade; não fallou o immortal Oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo do Papa Gregorio 7.º em o seu Opusculo: *Dissertatio Historica et Theologica de Gestis ac Scriptis Gregorii VII adversus Henricum IV Imperatorem?* Soltou

(1) Histor. de Portugal, tom. 1.º, no fim da Nota 3.ª
(2) Bergier, Diction. Theologique, Art. *Saint.*

porém o sabio escriptor no mencionado Opusculo uma só palavra, fez por ventura alguma allusão, em que mostrasse hesitar, ou menoscabar a santidade de Gregorio 7.º? Em nenhuma parte tal se deixa ver. Pelo contrario o theologo ultra-regalista é o proprio, que se constitue ali mesmo o mais decisivo panegyrista do Santo Pontifice; sem deixar em continente de o desculpar naquillo até, em que a sua maneira de ver o julgava exposto a reparo. Ouçamos as suas laudaticias palavras: » Foi na verdade Gregorio um varão constantissimo: » (quem ha que o negue?) foi um Pontifice de uma vi» da incorruptissima: foi um aborrecedor e antagonista » acerrimo dos simoniacos e concubinarios: foi diligen» tissimo em restabelecer a disciplina da Igreja. Tam» bem facilmente acreditamos que illustrado pela luz » divina muitas vezes penetrara os reconditos do coração » humano. Finalmente de nenhuma sorte duvidamos » que elle resplandecera em milagres em vida e depois » da morte. » *Fuit sane Gregorius vir constantissimus (quis neget?) fuit integerrimae vitae Pontifex: fuit simoniacorum et concubinariorum osor ac persecutor acerrimus: fuit Ecclesiasticae Disciplinae restituendae studiosissimus. Divino etiam lumine collustratum humani cordis abdita saepius penetrasse facile credimus. Denique miraculis in vita et post mortem coruscasse nulli dubitamus.* (1) — Eisaqui o justo e devido correctivo, que o grande erudito deu ás idéas, que tivera expendido, já suas, já alheias, a respeito de Gregorio 7.º; para que ninguem pensasse que fazia côro com os protestantes. São estes os que plenamente zombam da circumstancia sobre maneira respeitavel da canonização, invectivando á redea solta contra os Heroes do Christianismo, que a Igreja Catholica venera em seus altares. Os protestantes, repito, que, como diz o proprio Bayle, em seus *libellos diffamatorios não tem respeitado nem a vivos nem a mortos*; a cuja imitação os incredulos, que não tem feito senão copial-os, derramam contra taes objectos do culto da Igreja a mesma bilis. Pereira pois deixou á posteridade, em sua tão illustre como religiosa coarctada, um exemplo de como

(1) No Opusculo indicado, §. 56. pag. 67.

o escriptor catholico, por mais rigido que seja em sua critica, nunca sim deve chegar ao intoleravel e escandaloso excesso de pôr em duvida, e desdenhar da santidade d'aquelle Exemplar de virtude, que a Igreja Santa por tal motivo considerou merecedor da veneração liturgica dos Fieis. — E como póde o Catholico ter a sua fé de acordo com o que ordenam os Concilios sobre a veneração e invocação dos Santos, se elle não acreditar, como a Igreja quer que acredite, na sua santidade?

Porém diz-se: *Não creio que uma canonisação constitua dogma de fé.* — Esta razão é bem futil, por não lhe chamar até ridicula. Quem ha que não saiba que o acto, ainda que soberanamente cathegorico, da canonisação não constitue dogma algum de fé? Mas porque a canonisação não é ou não constitue dogma de fé; segue-se que o catholico não a deve respeitar, e estar decedidamente por ella? Quem similhante cousa asseverasse, pronunciaria um enorme e heterodoxo absurdo. Não ha por ventura na Igreja Romana muitas praxes, ritos e usos disciplinares, de cuja authenticidade não é licito a qualquer que fôr catholico a seu arbitrio duvidar? Dirá pois alguem que por não serem objecto de dogma póde qualquer conformar-se ou não com elles, admittindo-os, ou negando-os a seu gosto? — Não ha factos na historia ecclesiastica de uma certeza moral tão qualificada, que só por loucura se poderiam negar? E entre estes factos não terão o seu principal logar aos olhos de toda a critica aquelles que attesta o processo da canonisação de qualquer Santo? Acaso a evidencia moral que se requer para a crença dos factos na historia profana, não será admissivel nos factos da historia da Igreja, que ella authentíca? Nenhuma lei ha de sciencia divina, ou humana que se lhe opponha. — A Igreja, salva a sua instituição divina, é constituida, e formada de individuos da sociedade commum dos homens. Della são os que professam o seu symbolo; e por isso não póde deixar de admittir e contentar-se com o testemunho dos mesmos homens nos factos, que não forem revelados. Nem tem algum outro criterio destes, senão aquelle que em todo o mundo social é reconhecido por verdadeiro, e legitimo. — Em parte alguma do universo se duvida de um facto, quando é abo-

nado pela certeza ou evidencia moral. — Mas se a canonisação para ser acreditada é preciso que *constitua dogma*; então esta mesma condição se deve exigir de qualquer facto da historia profana; e com este barbicacho de nova tempera aonde iria parar o credito da famosa *Historia de Portugal*, ou mesmo de qualquer outra Historia, que não fosse da raça della? — Na verdade se *as decisões pontificias são falliveis por se fundarem em provas humanas*; quando tratam da canonisação de algum Santo, provas aliàs as mais apuradas pela critica, e pela analyse, que se podem imaginar; aonde se poderá encontrar a evidencia moral? Porém quem não conhece que a fallibilidade, em these, da natureza, desapparece pela evidencia das provas, ou infallibilidade moral d'ellas em determinados casos. Por ser fallivel não se póde concluir que qualquer o seja sempre. O Author das *Considerações Pacificas* confunde as idéas. Argumenta da possibilidade, para a existencia; o que é um sofisma, ou pelo menos um indisculpavel paralogismo. — Para o seu argumento ter algum valor, era necessario que descesse á analyse, e mostrasse exemplos d'aquella fallibilidade. Eu lhe asseguro que o não ha de poder fazer. — Para que apparece pois em scena com generalidades tão futeis?

Se além disto a Igreja universalmente, de um modo tacito, ou expresso, admittiu em sua Liturgia o culto de algum Santo, decretado pelo Soberano Pontifice; póde acaso algum do gremio do catholicismo, de seu motu proprio, julgar indigno esse culto? Acaso não tocaria o cume do mais risivel escandalo aquelle presumpçoso escriptor, que inculcasse ter mais talento e sciencia para ajuizar da santidade do canonisado, do que os Bispos e o Clero de todo o Catholicismo, que tacita, ou expressamente, de acordo com a decisão do Chefe da Igreja, a reconhece, e venera? E esta presumpção quem duvida que é opposta ao dever que o crente tem contraído para com a Communhão a que pertence! Um pensar de similhante natureza involveria uma rebellião contra a commum e geral theologia orthodoxa. — *Não constitue dogma de fé*; e isto quer dizer; que não gosa da infallibilidade divina. Que novidade! Mas porque não tem

este caracter a canonisação de um santo; segue-se que não tenha o maior gráo de certeza moral para ser acreditada? Ninguem, que souber as diligencias, que se exigem para verificar as virtudes e milagres do canonisando, poderá affirmar a negativa. » Não é possivel » levar mais longe a indagação, e exame que se faz » em Roma da vida, das acções, dos milagres de uma » personagem, cuja canonisação se prosegue. E' facil » convencer-se disto pela Obra que o Papa Benedicto » 14.º fez a este respeito. Os Catholicos pensam com » razão que um juizo lançado com tanta precaução não » póde estar sujeito a erro; que em uma circumstancia » tão importante, Deos concede á sua Igreja a assisten- » cia que lhe tem promettido até o fim dos seculos. (1) « Assim discorre o illustre Abbade Bergier. Esta mesma tivera sido a opinião de S. Thomaz de Aquino, em o 9.º Quodlibeto art. 16.º: *Pie credendum est, quod nec etiam in his judicium ecclesiae errare possit — Divina providentia preservat ecclesiam, ne in talibus per fallibile testimonium hominum fallatur.*

As canonizações são fundadas em provas humanas, logo são falliveis. — E' por ventura de sua natureza, e sempre em todas as occasiões verdadeira esta consequencia? Redondamente o negaremos. Se ella tivesse sempre a mesma força, então dir-se-hia que não se podia dar no universo certeza e evidencia moral. A cada momento, ainda nos factos mais evidenciados, nos viria aterrar no doce e tranquillo gozo da nossa persuasão o espantalho ou espectro medonho: Olha que é *fallivel!* Acabar se-hia de uma vez com a verdade historica; e o Author da *intangivel* Historia de Portugal, a cada facto que intentasse arrebicar com todos os adereços e donaires da credibilidade, sentiria espontaneamente atroar-lhe as abobadas do casco o berro importuno: Olha que é *fallivel!* — Os scepticos teriam que dar mais uma gargalhada!...

Ponhamos por tanto as cousas em seus justos e verdadeiros limites. O ser *fallivel*; esta expressão em geral e abstractamente tomada, não denota mais que um ca-

(1) Bergier, Dic. Theologique, Art. *Canonisation.*

racter de possibilidade. Esta pois logo necessariamente desapparece; apenas que o facto intergiversavelmente comprovado a anniquila. — Só porque é *fallivel*, logo é falso! Quem assim discorresse tinha as inquirições tiradas da sua alta sciencia critico-dialectica! — Se as provas porém do facto mostraram que não houve engano; como póde já ter logar a objecção da fallibilidade? — *As canonizações fundam-se em provas humanas, logo são falliveis.* — E não são por ventura as provas humanas, devidamente verificadas, a base solida da evidencia moral? E quando esta existe, ha acaso receio algum de fallibilidade n'aquillo que se affirma? De nenhuma sorte o deve haver. — Os factos, ou provas humanas, em que se funda a canonização dos Santos, são de uma natureza tal, que destroem todo o medo de engano; logo é debalde que se pretende dar por falliveis as decisões pontificias, que nellas se fundamentam. São decisões fundadas na maior evidencia moral. — Em summa o ser fallivel não é argumento, nem base firme e solida para qualquer deducção. Se a analyse dos factos, miudamente examinados, como se verifica no processo das canonizações, mostra assás que não é moralmente possivel dar-se aquella fallibilidade; como se póde vir com ella abstractamente a campo sem merecer a mais solemne e geral irrisão? *Gravissima tamen est auctoritas ex hac canonizatione, et temerarius omnino foret et plectendus, qui post talem canonizationem, quae ex informatione exactissima miraculorum et vitae praeteritae sancti fit, negaret canonizatum illum esse sanctum, aut de eo dubiret.* Por estas palavras se vê que o famoso theologo, o P. Veron (depois de declarar que a canonização não constitue ponto de fé divina) tão positivamente capitula de inteiramente temerario e digno de castigo aquelle que, á vista do processo escrupulosissimo de uma canonização, negar que o canonizado é Santo, ou duvidar da sua santidade. (1)

Allega finalmente o Escriptor das *Considerações Pacificas a oração que os Papas faziam na solemnidade das canonisações ainda no seculo* 14.°; para provar *que as de-*

(1) Veron, Regula Fidei, Cap. 2.°, §. 7. n.° 3.

cisões pontificias a tal respeito são falliveis. — Não direi que esta oração trazida em prova por *Van-Espen* no *Direito Ecclesiastico Universal*, Parte 1.ª tit. 22, cap. 7.º (e não 10.º, como erradamente se cita) §. 8.º, é tambem interpretada em diverso sentido por graves theologos; que della se desembaraçam para sustentarem o contrario. Quem quizer certificar-se da minha asserção poderá ler a magnifica Obra de Benedicto 14.º *De Servorum Dei Beatificatione et Beatorum Canonizatione*, Liv. 1. Cap. XLIV, pag. 407, e seguintes. As authoridades porém de taes escriptores, longe de merecerem acceitação, talvez provocassem o sardonico desdem d'aquelle que não é, nem sabe o que é ser theologo. Manejarei antes outras armas. — Na verdade, se a supplica que o Pontifice dirige a Deos na occasião da canonização de algum Santo para que não erre, é prova de que elle é fallivel em a decisão da canonização; então alguem talvez poderá dizer que a invocação que os Padres reunidos em Concilio, e a mesma Igreja dispersa faz ao Divino Espirito, para que a illustre e proteja, é uma prova da incerteza da divina assistencia em materias dogmaticas! Quem isto porém enunciasse, proferiria a mais assalvajada heresia. A razão portanto allegada, como trunfo na questão, não póde ter considerada só de per si aquelle pezo, que se lhe pertende ligar. Fallemos com toda a singeleza: Não tem sequer algum!

Artigo 3.º

Roma que parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo. — Os terrores attribuidos á Igreja ácerca do futuro.

Quando era de esperar que o Escriptor talentoso, ou o quer que é que lhe repica o carrilhão dos seus devotissimos admiradores, melhor pensando no que tivera escripto por certo em hora aziaga, o viesse sincera e pu-

blicamente retractar, á imitação do que tem feito genios de muito maior polpa: quando era de esperar que pousadamente ruminando aquillo que no fogo da paixão indiscretamente tivera lançado no malfadado papel, ou antes com que o tivera virulentamente ultrajado, o allucinado author do *Eu e o Clero* aproveitasse a occasião opportuna, para cantar a mais retumbante, expressa e espevitada palinodia, a respeito da materia do indicado artigo: quando em fim pedia a civilisação, a sciencia, e a religião, que arrependido de tamanhos absurdos, contra elles pronunciasse o mais authentico anathema; dando mais um exemplo de que não é sem effeito o famoso proloquio: *Sapientis est mutare consilium*: quando tudo isto, digo, como a elle lhe cumpria, se esperava e desejava; que drama de cunho, de nomeada foi esse, com que appareceu em scena, que podesse sem custo extorquir ou antes espontaneamente provocar as palmas e victors dos espectadores, que por elle anhelavam? Cousa nenhuma foi que devesse, ou merecesse ter, nem sequer por emprestimo e favor, uma tal denominação! Foram dois furibundos trechos de entremez, ou antes duas solemnissimas descomposturas contra a Curia e os Papas, com que veiu pôr a corôa e o funebre remate á miseria das miserias! Deixemos-nos porém de preambulo mais comprido. Venha já o que tem de vir ao dominio do publico. E cada um julgará se ha ou não logar para mecher e traquinar, de quando em quando, com movimento convulsivo contra o subjacente pavimento os dois estrepitosos calcanhares!

1.ª PASSAGEM.

Dirigindo-se o Antagonista do Clero ao Redactor do Jornal *A Nação*, assim se exprime: *Diz V. S.ª que Roma*, significando o poder pontificio, *não póde jurar o exterminio do catholicismo. Que! — pela palavra Roma não se póde entender senão o poder pontificio, não se póde significar senão o papa?*

(2) Considerações Pacificas, pag. 13.

Interpretou mui bem o illustrado Redactor do Jornal a palavra *Roma*, significando por ella *o poder pontificio*. Não temos receio de o proferir. — Que theologo, ou canonista ha que assim o não entenda, ou deva entender? Quem haverá que deixe de reconhecer aquella accepção como a mais obvia e commum no sentido religioso? Temos que ninguem. — Mas que razão produz o Author para se eximir da intelligencia mais geral? Declara solitaria, e desamparadamente que pela palavra Roma entendêra a — Curia Romana. Mas quem ha que possa admittir uma tal excepção e arbitraria evasiva contra a regra geral, que lhe dá na terminologia catholica aquell'outra intelligencia? Acaso pensará o escriptor da nova estiva theologica que está fallando aos idolatras toupeiras da sua litteratura (se é que os tem ou pretende ter) que não topam no seu Oraculo senão *milagres de sciencia*, e que como automatica soldadesca ao signal do seu imperioso Chefe estão promptos a zurzir com a mosquetaria dos insultos a qualquer que lhe pozer a calva ou careca litteraria ao vento? Pois engana-se; que ha muitissima gente de reconhecidos talentos e sciencia, que não partilha desse torpe e ignorante servilismo litterario! — Todo o mundo pois sensato, imparcial e instruido ha de bem conhecer que a tal escapatoria é d'aquellas peloticas romanticas, que trazem o sobrescripto: — *Quem não póde trapacêa.*

Olhe-se agora; que foi o proprio Escriptor que deu lenha para se queimar, ou, como plebeamente tambem dizem, corda para se enforcar! Sim, não foi por ventura por occasião de elle mencionar (e por signal com falsidade não pouca, como já notámos) terem sido postos no Index dos Livros prohibidos os nomes de *Chateaubriand*, *Lamartine*, *Gioberti* e *Ventura*; que elle proferira o revoltantissimo escandalo que — *Roma parecia ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo?* (1) E' facto que jaz desgraçadamente exarado em uma das memoraveis paginas do execrando — Eu e o Clero. — E' pois a Curia Romana que faz aquella prohibição, ou é o *poder pontificio*, ou o *Papa*, que pe-

(1) Eu e o Clero, pag. 20.

la respectiva Congregação do Indice manda proceder áquella determinação? Está por tanto cahido no laço que elle proprio a si sem querer, nem saber armára. A coarctada pois do appello para a *Curia Romana* é mais uma inepcia, que deve ir rebolindo para o archivo das frioleiras. — Digamos tudo. E' um insulto de alto cunho de aleivosia e impudencia contra o systema governativo da supremacia religiosa d'aquella cidade, a Primaz do Imperio Augusto da Fé, a Jerusalem do Christianismo, o Centro da Igreja Universal.

Chama, ou antes angaria em subsidio da pueril e contradictoria coarctada uma authoridade de S. Bernardo. Dá-a por traducção, e é como segue: *Grande novidade! Quando até o dia de hoje rejeitou Roma dinheiro?* (1) Concedamos (o que já contestámos em o nosso Opusculo — *Justa Desaffronta em defeza do Clero* (2)) que a palavra *Roma* na boca do *grande abbade de Claraval* signifique a *Curia Romana*. Que vem isso ao caso para provar que o escriptor das *Considerações Pacificas* tomara a palavra *Roma* no mesmo sentido? Se o escriptor com a lembrança pretendeu lançar poeira nos olhos dos leitores, perdeu o seu tempo! Na verdade em que se parece a imputação que S. Bernardo faz a Roma do seu tempo, com a blasfemia que contra ella proferio o escriptor portuguez em nossos dias? Que talento ha ainda o mais embotado, que não conheça que nada tem uma cousa com a outra! Se pois S. Bernardo nunca disse, nem poderia dizer da Curia Romana uma enormidade tão audaz; como é que pretende o escriptor, que a próferiu, com elle desculpar-se? Acaso porque o Doutor mellifluo entendeu pela palavra — Roma — a Curia Romana; julga o nosso escriptor que isto era bastante para, tomando o nome — Roma — no mesmo sentido, vociferar contra aquella tão horrendo improperio? Que dialectica tão pueril e desastrada! Mas como poderia o Santo Doutor no caso mesmo de haver parallelo na applica-

(1) De Consideratione, L. 3.º, C. 3. Nas Considerações Pacificas, pag. 14.
(2) Pag. 122 e 123. Ahi expozemos o verdadeiro sentido, em que S. Bernardo tomara a palavra — *Roma*.

ção, valer ao seu *devoto*, se por outro lado (como vimos) *este* ficaria convencido da pecha de ter necessariamente entendido a palavra — Roma — pelo poder pontificio, ou, o que é o mesmo, pelo *Romano Pontifice*? — Note-se agora que Tertuliano no 3.º seculo entendeu pela palavra *Roma* a Igreja de Roma: *Habes Romam, unde nobis quoque auctoritas presto est. Ista quam felix Ecclesia!* (1) E na Igreja de Roma não se comprehenderá tambem o *poder pontificio?* Deitemos mais este contrapezo na balança.

O açoute em fim que o Escriptor á sombra da escora da authoridade de S. Bernardo, aproveitando o ensejo, descarrega na Curia Romana sem tom nem som; é pelo desproposito a hyperbolica pantomima mais insulsa e risivel do universo. Na verdade; ainda na hypothese de uma tal exaggeração ser toleravel; o que tem que a Curia Romana do tempo do Santo tivesse *desprezo por todas as leis divinas e humanas, quando se tratava de receber ouro*; como o arguidor requinta? (2) A que proposito se acarreta e se traz á sirga uma similhante diatribe? E' acaso com esse desforço que se faz ver que a palavra *Roma* significa no seu Opusculo a *Curia Romana*? Por nenhuma fórma. Mas ainda quando se verificasse uma tal accusação; que similhança tem a Curia de hoje com a Curia de então para se vir a campo com a exprobração de taes defeitos? Em toda a hypothese uma Curia Romana, que *pareça ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo*, encerra uma repugnancia tão absona de idéas, que nem o proprio romancismo a póde abrigar nos immensos e volcanicos turbilhões dos seus desvarios! — E' um paradoxo de tal vulto, que por si só é bastante para fazer baquear todo e qualquer edificio de apregoada sciencia que se pretenda inculcar.

Agora escute, se quizer, o zurzidor da Curia Romana, em contraposição á inepta e mal cabida algazarra que lhe fez, a bella passagem que a respeito della se lê no eloquentissimo Chateaubriand; em a sua nunca já-

(1) Præscription. Cap. 36.
(2) Considerações Pacificas, pag. 14.

mais assás louvada Obra — *O Genio do Christianismo.*
» O mal passageiro, diz elle, que os máos Papas fize-
» ram, desappareceu com elles; mas nós resentimo-nos
» ainda todos os dias da influencia dos bens immensos e
» inestimaveis, que o mundo inteiro deve á Corte de
» Roma. Esta Corte mostrou-se quasi sempre superior
» ao seu seculo. Ella tinha idéas de legislação, de di-
» reito publico; ella conhecia as bellas-artes, as scien-
» cias, a polidez, quando tudo estava sepultado nas
» trevas das instituições gothicas: ella não reservava pa-
» ra si exclusivamente a luz, espalhava-a sobre todos;
» ella fazia cahir por terra as barreiras que os prejuizos
» levantam entre as nações, procurava civilizar nossos
» habitos, tirar-nos de nossa ignorancia, arrancar-nos
» de nossos costumes grosseiros, ou ferozes. Os papas,
» entre nossos antepassados, foram missionarios das ar-
» tes, enviados a barbaros, legisladores no meio de sel-
» vagens. Só o reinado de Carlos Magno, diz Voltaire,
» teve um clarão de polidez, que foi provavelmente o
» fructo da viagem de Roma. — E' pois uma cousa as-
» sás geralmente reconhecida, que a Europa deve á San-
» ta Sé a sua civilisação, uma parte de suas melhores
» leis, e quasi todas as suas sciencias e as suas artes. »
(1) Eis-aqui como pensava da Corte ou Curia Romana, e bem assim dos Papas, e da Santa Sé, tão sublime talento. — Fallava desses tempos da *idade media*, a que pertence o seculo de S. Bernardo!

3.ª PASSAGEM.

Mas concedamos que, ultrapassando além da Curia Romana, eu tivera em mente o pontifice. Como homem, como principe temporal, os seus actos publicos são do dominio da imprensa; se esses actos pelos seus effeitos moraes e politicos poderem trazer graves turbações, dias de amargura á Igreja, não é licito a todo e qualquer christão deplorar suas consequencias, reprehender esses actos? (2)

(1) Génie du Christianisme, Liv. 6. Chap. 6., 4. Part. — *Culte.*
(2) Considerações Pacificas, pag. 14.

Que é isto? Como é que até aqui o Antagonista do Clero tinha pronunciado que a trabuzana, que armara, era só para cahir sobre a Curia Romana, e que nada tinha com o *poder pontificio* nem com o *Papa*; e agora vem todo ancho e lampeiro fazer-nos a mercê e graça de *conceder* — que *além da Curia Romana tivera* tambem *em mente o pontifice!*... O certo é que sempre a boca lhe fugiu para a verdade! Muito estimo (por não dizer lamento!) a declaração, que por desnecessaria não perde!... Porém que? Concedeu elle esta graça sem precalço, nem barbicacho? Não tenham medo! — Com ella veio logo atrelada uma pretenção, uma pendanga tão guindada, que é de todo embasbacar!... Que ha de ser?... Quer, nem mais, nem menos *o generoso outorgante* do que constituir-se e repimpar-se na volteriana cadeira de despotico censor, e reprehensor do Papa!... Que tal é a *posta*, a que elle aspira, e de que não tira o olho!... Não ha de ser todavia pelo canal da theologia orthodoxa que o Candidato ha de obter o tal emprego; embora a reformista lho conceda de sobejo!...

Porém indo com a vossa imaginada pretenção; que *actos publicos*, que *graves turbações*, *que dias de amargura para a Igreja são esses* causados pelo Pontifice, para vos julgardes authorisado a dizer que *Roma* (significando por este nome o Chefe da Igreja Catholica) *parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo?* Acaso a inscripção no *Indice* das Obras dos quatro Authores já apontados (mesmo com mentira e tudo) era alguma das *graves turbações*, que vos estimulassem a pronunciar uma monstruosidade tão blasfema? Ninguem similhante cousa ha de proferir, que não caia no mesmo nefando absurdo. E' pelo contrario para que não hajam *turbações* e *dias de amargura* para a Igreja, que o Summo Pontifice sempre vigilante pela sua paz e tranquilidade; usando da authoridade, que os Concilios, e até o mesmo direito natural e politico lhe concede, procura obviar á leitura de todos aquelles livros, que póde de alguma sorte desvairar os Fieis do verdadeiro caminho christão, que devem trilhar. Quanto pois injustamente ultrajaes a Primeira Personagem do

Sacerdocio, que como christão catholico romano muito devieis acatar! — Eu quero todavia chamar ao campo da controversia a questão: *Se é licito a todo e qualquer christão reprehender os actos do Pontifice, quando pelos seus effeitos moraes e politicos podem trazer graves turbações á Igreja?*

A affirmativa que o Author pronunciou em seu escripto é além de escandalosa, assás resaibiada de heterodoxia. — Deve todo e qualquer Christão ao Romano Pontifice verdadeiro respeito e obediencia? Quem ha que o possa duvidar! E' o Romano Pontifice o successor do Principe dos Apostolos, o qual, como elle, tem authoridade e jurisdicção em toda a Igreja; e a quem todos os Fieis sem alguma excepção devem respeitar e sinceramente obedecer. Esta é a crença dogmatica do Catholicismo definida no Concilio de Florença, e depois no Tridentino. Este na Sessão 25 *De Reformatione*, cap. 2.º e depois mais explicitamente a Profissão de Fé de Pio 4.º, proclamam o dogma da obediencia: *Romanoque Pontifici Beati Petri Apostolorum Principis Successori, ac Jesu Christi Vicario, veram obedientiam spondeo ac juro.* Por *verdadeira obediencia*, entendem unanimemente os theologos uma obediencia *cordial e sincera.* — Em presença destes principios incontestaveis como póde qualquer Christão constituir-se a seu arbitrio o *reprehensor* dos actos do Successor do Principe dos Apostolos, do Vigario de Jesus Christo sobre a terra, sem faltar á verdadeira obediencia que lhe é devida? O caracter submisso de christão obediente não se póde ligar com o caracter altivo de reprehensor. A alliança das duas entidades é paradoxa, é monstruosa. Se tal quimera se admittisse teriamos a doutrina da Igreja áquelle respeito perfeitamente illudida e burlada; e o Summo Pontifice convertido impunemente em objecto de menoscabo a cada passo para os sectarios da anti-orthodoxa doutrina!

Porém não fiquemos aqui só na analyze do absurdo. — Quem deu authoridade a esse Christão orgulhoso para se julgar habil para reprehender os actos do Chefe da Igreja? Elle a si proprio? Ninguem dá o que não tem; nem póde ser causa de maior effeito. Uma tal au-

thoridade não cabe nos limites do poder de um subdito. — Teve elle acaso missão extraordinaria? Não basta dizel-o, como Luthero e Calvino, é preciso proval-o com testemunhos extraordinarios e indubitaveis. E seria capaz o Author do — *Eu e o Clero* — de nos fazer ver a sua missão extraordinaria por algum milagre? Está bem longe de nos poder dar esse alegião! — Porém que digo eu? Não é aquella tão pestifera doutrina por ventura o mais perfeito toque a rebate contra a sujeição ao Summo Pontifice, ao Chefe da Igreja Catholica? A mais completa e pronunciada rebellião contra a obediencia legitima, que se deve prestar ao Vigario de Jesus Christo sobre a terra? — *E' licito a todo e qualquer Christão reprehender os actos do Pontifice, quando pelos seus effeitos moraes e politicos podem trazer graves turbações á Igreja.* Que maxima tão anarchica e anti-religiosa! A' sombra della se estabeleceria a mais tremenda e irreligiosa anarchia no meio do Catholicismo! Proclamar-se-hia a destruição do Centro da unidade Catholica! A heresia e o schisma batendo as palmas, gritariam ao Protestantismo: A victoria é nossa! Que horror! *Horresco referens!*... Cada qual a coberto d'aquelle tão especioso como elastico pretexto não se consideraria já um subdito verdadeiramente obediente ao Chefe do Catholicismo; porém sim a cada passo se figuraria sentado *pro tribunali* para chamar impavido a juizo, e reprehender a seu muito contento, e sabor quaesquer actos do Romano Pontifice!... Facil cousa lhe seria imaginar em sua infatuada ignorancia, em sua intolerante e parcialissima incredulidade, nos actos mais santos, justos e virtuosos do mais illustrado governo pontificio, nada mais, do que *effeitos moraes e politicos que trouxessem turbações á Igreja!* — A condemnação ou expurgação apenas de algumas Obras, menos conformes com a pureza e verdade das doutrinas catholicas, seria cathegorico motivo para se pronunciar á boca cheia a escandalosa e torpissima blasfemia — *Roma parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do Catholicismo*; como pronunciára o antagonista do Clero! — Pela pessima e excessivamente revoltante doutrina do Author das *Considerações Pacificas*, temos pois a todo e qualquer saltimbanco, a to-

do e qualquer tabaréo d'aldeia, revestido d'o bico dos pés até á cabeça com toda a ferrea e pezada catadura do mais despotico Juiz; para chamar á autoria pelos seus *actos* passados, presentes, e futuros o Romano Pontifice, e desancal-o, como réo convicto, com a reprimenda furibunda, ou regateiral vaia que no seu alto e magro bestunto lhe aprouver! — E escrevem-se maximas de tão depravadas consequencias em um paiz, que reconhece e mantem em toda a sua pureza desde o principio da Monarchia a Religião Catholica Romana? E isto em um tempo, em que a actualidade do movimento religioso cada vez mais está estreitando os laços da mais indissoluvel união com Aquelle que é o Centro commum da Igreja universal! Em um tempo em que um dos mais classicos paizes do Protestantismo, se espera, ha de consentir que a Communhão Catholica Romana, que existe em seus estados, publicamente estabeleça as mais regulares, e positivas relações hierarchicas com o Chefe Supremo da sua Igreja! E' pois daquelle modo que um escriptor publico, que quer trajar as vestes da mais candida catholicidade, inculca a sua obediencia ao Vice-Gerente de Jesus Christo sobre a terra? Forte miseria! Forte desgraça!

Como homem, dizeis vós, *como principe temporal*, *os seus actos publicos* (do Pontifice) *são do dominio da imprensa!* — Que lastima! E não se chamará a isto fallar a torto e a direito? Pois os actos publicos do Pontifice como Principe Espiritual ou Chefe do Catholicismo não são tambem do dominio da imprensa? Ninguem haverá por certo, que tenha o arrojo de o negar. São até os que se fazem mais publicos por ella, para se levarem ao conhecimento de toda a Christandade! Todos os dias estamos a encontrar testemunhos desta verdade. — Porém cinjamo-nos precisamente á refutação do que asseveraís.

Acaso por serem os *actos publicos do Pontifice Romano*, *como homem*, *e como principe temporal*, *do dominio da imprensa*, segue-se logo que qualquer catholico os póde reprehender, ainda na hypothese de *poderem trazer* as taes *graves turbações?* Ninguem tal dirá; a não ser o Author, ou outro que fôr como elle, que quizer

pôr todo o Orbe christão de mão armada com aquella nova machina, ou infernal engenhoca das *graves turbações* (que cada um fará andar com o vapor, que lhe vier á fantasia) contra o Romano Pontifice; como praticam os Protestantes. — O reprehender é em todo o rigor moral e juridico um acto que suppõe authoridade; e ás vezes não pequena no individuo que o exerce. Suppõe sim por via de regra maior ou menor ascendencia e superioridade sobre aquelle que é reprehendido. Como se póde pois imaginar á vista destes communs, e ineluctaveis principios um tal poder em todo e qualquer Christão contra o Chefe da Igreja? Sustental-o é proclamar a todo e qualquer Christão superior ao Romano Pontifice: o que além de humanamente ridiculo, é theologicamente heretico. — Nada sobre tudo mais ruinoso, iniquo, e falso do que em geral, e indistinctamente dogmatizar; que todo e qualquer individuo de uma sociedade tem o inauferivel direito de *reprehender* o seu superior; embora se disfarce o veneno com a hypocrisia da declaração: — *Os seus actos publicos são do dominio da imprensa.* — Deste principio tem abusado os da propaganda revolucionaria contra o Sacerdocio e contra o Imperio. Na supposta igualdade de direitos, que é o oculo por onde espreitam todo o genero humano, incluem o commum direito de censurar, dê por onde der, Reis e Pontifices. Niveladores da racional especie não querem reconhecer a minima idéa de superioridade, que os reprima, seja secular, seja ecclesiastica. Todos, segundo a sua anti-social jurisprudencia, são capacidades competentes para reprehender aquelles dois criminosos e nunca absolvidos réos! Crimes dos Reis! Crimes dos Papas! E' toda a lettra da sua desafinada, e matraqueadora cantilena. — Na sua elaborada panacea de perfectibilidade cosmopolitica são elles os unicos innocentes; os juizes unicos do Universo!

Porém se vós olhaes só o Romano Pontifice *como homem, e como principe temporal* para dirigirdes contra elle os tiros ultrajantes da reprehensão; quem vos authorizou a fazer essas distincções sofisticas e desleaes? Acaso quando ousaes reprehender o Pontifice, contemplando-o só por esses dois lados, deixa elle de ser inseparavelmente o Chefe da Igreja Catholica? Deixa elle

de ser o Chefe dessa Religião Divina, que dizeis professar? Não por certo. Para a vossa distincção ser verdadeira e sincera, era preciso que quando vós o contemplaes por aquelles dois lados, ou debaixo tão sómente d'aquellas duas relações, elle realmente perdesse a terceira, que é a que nelle mais se distingue e sobresahe; o que é indisputavelmente impossivel. — Quem vos authorizou pois a recorrer a um tão insubsistente subterfugio? Só uma imaginação de theologo *romantico*. Não haveis de encontrar essa distincção gratuita e capciosa em nenhum dos Santos Padres, não digo já nos Ireneos, nos Agostinhos, nos Jeronymos, nos Ambrosios, mas nem tão pouco em um Bernardo ou Pedro Damião. Ah! que se ha pouco confessastes que tinheis *gosto especial em citar nestas cousas os Santos Padres* (1), quando por signal falsamente allegaveis a um delles! Muito mais tenho eu em vos lembrar sem perigo de mentira, que não é debaixo de nenhuma d'aquellas ou quaesquer outras frivolas distincções, que elles consideravam o Summo Pontifice; para terem pé de se constituirem seus censores. Nelle em todos os tempos, em todas as circumstancias, em todas as occasiões ainda de controversia, respeitavam no homem, no principe temporal o legitimo Successor do Principe dos Apostolos, o Vigario de Jesus Christo. Era só debaixo desta unica entidade que olhavam todos os seus actos; deixando ao Christianismo perpetuo exemplo da mais constante e illustrada dedicação ao Primaz do Sacerdocio. — A artimanha das distincções para bater no Papa é filha legitima, como muita gente sabe, da escola de Luthero!

O caracter de reprehendedor do Romano Pontifice não póde ser o de um fiel ou catholico obediente. Sabemos, e ninguem o ignora, que a historia nos offerece exemplos de algumas resistencias da parte dos Bispos, e Soberanos seculares a varias determinações disciplinares, emanadas da authoridade pontificia. Os theologos Regalistas não tem deixado de os esquadrinhar e reproduzir em suas Obras. Que provam porém taes exemplos? Acaso mostram elles que a todo e qualquer Christão lhe

(1) Considerações Pacificas, pag. 12.

é licito reprehender os actos do Pontifice debaixo dos mencionados pretextos, ou de algum outro? Nunca elles de tal se lembraram, nem era possivel conceber esse tremendo absurdo sem fazer côro com os Protestantes. Taes exemplos o que fazem ver é que a obediencia prestada ao Romano Pontifice não é uma obediencia céga, e sem recurso de representação, e mesmo submissa resistencia. Esta póde dar-se, e se tem dado em varios casos, sem que por isso se diga que se tenha quebrado a cadeia da obediencia que prende os Bispos e Monarchas Catholicos ao Chefe da Igreja; que reclamam ou mesmo de certo modo resistem ao que dispõe o Summo Pontifice. » Com esta *verdadeira obediencia*, diz o nosso mais acerrimo Regalista, » ainda promettida e jurada póde » muito bem estar, que em certos casos seja licito aos » Bispos e aos Principes Catholicos repugnar a certos » Mandados do Papa, e não admittir certas Bullas suas. » Da parte dos Bispos são decisivos os exemplos de S. » Dunstano de Cantorbery, e de Roberto de Lincolne » em Inglaterra, e os de muitos de França, que se a- » pontam na *Tentativa Theologica*, Principio IV. Num. » IV. Da parte dos Principes Catholicos é notoria a re- » sistencia, que em nossos tempos fizeram todos á Bul- » la da Ceia, obrigado da qual resistencia, supprimiu » o Papa Clemente XIV em 1770 a mesma Bulla, que » de então para cá se não tornou a publicar em Roma.» (1) Estes e outros factos similhantes tão sómente provam; que por vezes a authoridade episcopal e monarchica se tem chocado com a authoridade pontificia. Este choque ou mutua resistencia com tudo tem tido logar, sem ultrapassar os limites da obediencia devida ao Chefe da Igreja. *Filialiter et obedienter non obedio*, dizia no seculo 13.º o Bispo de Lincolne ao Papa Innocencio 4.º (2) Esta maneira de exprimir assás mostra; que quando o verdadeiro catholico recusa dar prompta execução aos mandados do Pontifice, pelos motivos que leva ao seu illustrado conhecimento, é sempre possuido de um

(1) Analyse da Profissão da Fé etc. por *Antonio Pereira de Figueiredo*, pag. 82.
(2) Mattheus de Pariz, pag. 871.

respeito filial, e sem lhe faltar á obediencia devida. Dentro destes limites o Chefe da Igreja não póde deixar de reconhecer no Christianismo esse direito de representação (maiormente nos Bispos e nos Monarchas) que em todas as sociedades se admitte. Chamar-se-ha porém a isto *reprehender os actos publicos do Summo Pontifice?* Nunca.

A doutrina por tanto que audaciosamente estabelece; que *todo e qualquer Christão* póde *reprehender os actos publicos* do Pontifice, em qualquer sentido que se considere; que fundamentos theologicos tem? Nenhuns, ou seja na Escriptura, ou na Tradição, ou mesmo em quaesquer outros topicos secundarios da commum e universal theologia orthodoxa. — E' em verdade uma doutrina subversiva do respeito devido ao Chefe da Igreja; doutrina horrenda, e escandalosa aos olhos de todo o Catholicismo!... E' em fim uma doutrina, que além de parecer trasladada da escola dos protestantes, põe o Chefe da Igreja Catholica mais inferior em inviolabilidade, que qualquer dos outros Principes seculares. E' sim uma doutrina, que está até em opposição com o principio da inviolabilidade pessoal, que todas as politicas Constituições modernas concedem aos Monarchas. E' extravagantemente anti-politica! — Escudados com esta maxima tão nefanda e horrivel, veriamos as turbas dos tagarelas do universo; dos mais abjectos *matracas de litteratura periodica* (1), cada vez mais desenfreados e petulantes, nos logares mais publicos, pronunciarem improperios contra o Soberano Pontifice. E seria isto respeitar a Religião do Estado; quando debaixo do pretexto de ser licito *a todo e qualquer Christão reprehender os actos publicos do Pontifice*; o altivo, usando do tal supremo direito, desenvoltamente vociferasse á redea solta contra o Chefe Venerando della? Este vicio, esta monstruosidade é pois igualmente inherente á maxima enormissima que rebatemos. — Amplifiquemos porém ainda. A materia é sem duvida interessantissima.

(1) Os francezes dizem: *Tarabats de littérature périodique.* Veja se o Jornal — L'Ami de la Religion — 5 Mai 1849.

Todo e qualquer Christão, como Christão, deve, não só por um dever geral de inferior para com superior, mas tambem porque a doutrina e leis da Igreja assim especial e positivamente o determinam, respeitar, e obedecer com sinceridade de coração ao Romano Pontifice. Deve até supplicar as graças do Omnipotente em seu favor; como o persuade a liturgia universal de todo o Catholicismo. Estas idéas de sã theologia orthodoxa estão bem longe de, sob qualquer fórma, tolerar o falso principio — *que todo e qualquer Christão póde reprehender os actos publicos do Pontifice!* — E' sem se affastar da linha da execução d'aquelle dever transcendente a todas as condições e jerarchias, que o Christão, ainda constituido em dignidade, se deve portar em caso de colisão de poder, ou jurisdicção com aquella authoridade suprema. Póde quando a necessidade o peça, ou a natureza da determinação pontificia o exija, o poder secular representar em opposição o que julgar conveniente; sem com tudo se esquecer de que é filho obediente da Santa Sé. Este procedimento, filho de um direito, que os principios immutaveis da justiça commum a ninguem negam, não é um acto de julgamento, e menos de censura. — Nunca ao Christão é licito por mais elevada que seja a sua cathegoria social constituir-se o juiz, o reprehensor dos actos do Romano Pontifice. E' um poder aquelle, que segundo a jerarchia ecclesiastica só é licito attribuir ao Concilio Ecumenico. — Se pois a authoridade secular, por mais eminente que seja, não é o tribunal idoneo para julgar ou reprehender os actos do Romano Pontifice; como poderá qualquer individuo Christão ter essa faculdade? Retirai pois o heterodoxo absurdo. Melhor seria, oh! nunca o terdes escripto!

Porém eu não posso, nem devo ainda retirar-me do campo analytico da confutação. — Eu acho no caracter reprehensor, com que o author das *Considerações Pacificas* pretende revestir a *todo e qualquer Christão ácerca dos actos publicos do Pontifice*, qualquer que seja o elmo da distincção com que se encarapuce; um ataque se não directo, pelo menos indirecto ao Primado do Chefe da Igreja Catholica. Vejo em tão pestifera asserção um systema de illusão e ludibrio armado con-

tra a jurisdicção do Pontificado. — E' dogma de fé proclamado e decidido no Concilio de Constança contra Wiclef e João Hus; que o Summo Pontifice tem um Primado entre todos os Bispos da Christandade não só titular, ou honorario, porém tambem de verdadeira, e real jurisdicção. Consiste esta naquella authoridade supremacial que exerce sobre todas as outras Igrejas particulares do Orbe Catholico. Por ella lhe compete empregar as convenientes providencias para conservar a unidade contra o schisma, a pureza da fé contra os erros, e a observancia da disciplina contra a relaxação dos costumes. Sendo estas indisputavelmente as attribuições, que por direito divino e constante tradicção competem, e são inherentes á primazia do Chefe da Igreja Catholica; como poderá elle exercel-as a respeito d'aquelle, ou d'aquelles Catholicos, que debaixo de qualquer pretexto especioso disserem e ensinarem que — *todo e qualquer Christão póde reprehender os actos publicos do Pontifice?* Acaso constituindo-se deste modo réo de qualquer Christão o Chefe da Igreja, não se lhe nega indirectamente aquella sua jurisdicção? Ninguem ha, que, por certo, não digo já theologicamente, mas nem se quer ainda guiado pelas leis da simples dialectica, possa sustentar o contrario. Sim; não é por ventura o exercicio dessa jurisdicção primacial do Successor de S. Pedro, do Romano Pontifice, sobre os Christãos, que se julgam com plena e indisputavel authoridade de reprehender os actos publicos do Chefe da Igreja, como *homem e como principe temporal*; uma verdadeira fantasmagoria, um ludibrio para se deprimir e achincalhar aquella jurisdicção? Não será apresentar em espectaculo ridiculo a mais perfeita caricatura de um réo com jurisdicção sobre os seus juizes? — Mas que digo? Deixarão taes juizes de vêr sempre nos *actos* da jurisdicção do Pontifice como Chefe da Igreja Catholica o seu *homem*, ou o seu *principe temporal* para o reprehender ao seu geito e vontade? E deste modo terá alguma cousa que fazer com elles a jurisdicção primacial do Pontifice? Nada por certo. Elles olharão para os actos publicos emanados da jurisdicção espiritual do Pontifice, como para actos meramente nascidos de um poder temporal e humano. — Não fallo por

hypothese, fallo com o exemplo. Eu vejo que o escriptor do — *Eu e o Clero* — desgraçadamente assim o praticára. Na verdade não pretende o escriptor fazer acreditar; que elle censurára o Summo Pontifice como homem e como principe temporal, quando dissera que (segundo sua intelligencia á palavra Roma) o Chefe da Igreja (o Pontifice) *parecia* tinha *jurado nas Aras de Jupiter Stator o exterminio do Catholicismo?* Não o poderá negar á vista do que arenga nas *Considerações Pacificas*. Mas o acto exercido pelo Summo Pontifice, que dera motivo ou pretexto para pronunciar aquella blasfemia, é por ventura algum *acto publico* como homem ou como principe temporal? Ninguem tal jámais poderá dizer. Foi a inscripção do nome de quatro Authores no Indice dos Livros prohibidos; e este acto todo o mundo dirá que não compete ao Pontifice senão como Chefe da Igreja. Eis-aqui pois manifesto o venenoso pretexto, o subterfugio sofistico para qualquer *chamado Christão* se subtrahir á jurisdicção do Primaz da Igreja. Aninhai pois o enunciado absurdissimo entre as theses audacissimas de Calvino, ou Luthero!

Porém esses factos ou *actos publicos*, instareis vós, que *todo e qualquer Christão póde reprehender no Pontifice*, são tão sómente *aquelles*, *cujos effeitos moraes e politicos trouxerem turbações á Igreja.* — Que zelo tão *catholicissimo* não devora as vossas *religiosissimas* entranhas! Pareceis mesmo um profeta!... Mas quem ha que não conheça a burla, a patarata tão consanguinea da hypocrisia dos Protestantes, para calumniosamente insultarem o Chefe visivel da Igreja Catholica? Todo o mundo, que tiver noticia da estrategia do protestantismo desde o seu berço, ha de necessariamente reconhecer a malignidade da tal apparencia!... Dizei-me todavia, donde deriva todo e qualquer Christão o poder de em taes casos reprehender o Summo Pontifice? Quem lhe confere essa jurisdicção tão extraordinaria, e ainda maior do que aquella que o providentissimo Author da religião conferira ao Principe dos Apostolos, quando lhe disse: — *Pasce oves meas?* Donde sim veio essa graça, esse privilegio inaudito, que em taes casos constitue todo e qualquer Christão em tribunal e juiz para reprehender o

Chefe da sua Igreja? Porque regras fundadas na Escriptura, e na Tradição, ha de um tal *reprehendedor* sentenciar, se existem os chamados *effeitos moraes e politicos*; ou se estão no caso de trazerem *turbações á Igreja*? Qual a bitola por onde ha de calcular taes *effeitos*, taes *turbações* para regular o gráo da *reprehensão?* Porque ha de a Providencia, ainda mesmo philosophicamente fallando, dar a todo e qualquer Christão mais luz, mais sciencia para conhecer aquelles qualificados *effeitos*, aquellas *turbações* do que ao Romano Pontifice? Porque havia a Providencia apresentar uma anomalia no systema da economia da Santa Igreja, que tanto desdouro seria para a Divindade? Não podereis dar a solução destes problemas, como catholico, sem confessardes o gravissimo, e indesculpavel attentado, que commettestes contra o inviolavel exercicio da jurisdicção do Chefe supremo da Igreja sobre todos os Fieis. A vossa doutrina tende visivelmente a tornar illusoria a jurisdicção do Papa, rebellando os Catholicos insidiosamente contra elle. Tende a estabelecer uma supremacia individual politico-religiosa em cada Christão sobre o Chefe da Igreja!

4.ª PASSAGEM.

Quando eu digo que Roma parece ter jurado o exterminio do Catholicismo, accuso o papa, a curia, alguem de ter a intenção directa de o destruir? Ou eu não sei portuguez, ou empreguei uma phrase trivial, e cujo alcance todos comprehendem. Que se diz do valetudinario que despreza os conselhos dos medicos? » Parece que se quer ma» tar. » *E quando dizemos isto passa-nos acaso pelo espirito a idéa de attribuir a esse individuo a intenção directa do suicidio? Ou será que as expressões simples, as phrases innocentes dos outros homens se convertam em peste e veneno, quando sahem da bocca do feroz hereje que ousou duvidar do testemunho posthumo e bem posthumo, de S. Bernardo ácerca do milagre de Ourique?* (1)

(1) Considerações Pacificas, pag. 14.

Quem ha, ou haverá, que ao ler este joguete, ou gigajoga de palavras, não despeje para logo a mais estrepitosa gargalhada, se fôr de temperamento e catadura alegre; ou não lhe ferva o sangue em cachão se pertencer á familia esquentada dos colericos? *Non erat his locus*: clamará um e outro com uma vozeira de desalmado, ao dar com os olhos na tal manta de retalhos, parecida com a da fabrica do Parnasso, a que torceu o nariz o lyrico Poeta. Eu não direi o mesmo; nem tenho animo para mandar que um triste e desgraçado *moribundo* (1) não faça choradeira! — Isto não obstante; quem não se ha de rir, ou não ha de zangar da rabolice ou trapacice; quando combinando a fraseologia antecedente com a consequente, lhes saltar aos olhos da evidencia, que o escriptor depois de ter hermeticamente encaixado na significação da palavra *Roma* ora a *Curia Romana*, ora o *Pontifice*, em tanta quanta exteusão sôam estas palavras, para arrebicar, á escolha e arbitrio seu, os dois objectos com a falsissima, e aleivosissima parecença de terem *jurado o exterminio do catholicismo*; agora esquecendo-se ou não querendo lembrar-se da maneira positiva e indistincta com que fallara delles, vem cathegoricamente declarar-nos que a tal *Curia*, ou o tal *Pontifice* exterminador não figura alli com a *intenção directa*, (e por conseguinte só com a indirecta) de destruir ao que parece o Catholicismo!... Que tal é o remendo! Não é remendo, é uma tomba de remendão mal cirzida e burnida! Sim, estará alguem por esta segunda especiosissima epicheia? Ha de ser bem tarde! A audacia e o absurdo ficam ainda em pé. Só apparecem com outra fisionomia. Pois que? Ha de alguem que tenha o devido respeito á Santa Sé, como verdadeiro e sincero catholico, ousar jámais escrever que a *Curia Romana* ou o *Pontifice*, indicados pela palavra *Roma*, parecera jurar *indirectamente* o exterminio do Catholicismo? Ninguem por certo. E na verdade como se poderão conciliar idéas tão absurdas, e alheias de toda a theologia orthodoxa

(1) E' o nome que o Author do — Eu e o Clero — deu a si proprio na Carta chula, que imprimiu contra o Escriptor da *Justa Desaffronta em defeza do Clero.*

com o acatamento, que todo o Christão deve tributar á Igreja de Roma, a quem o Concilio Tridentino repetidas vezes chama *Mãi e Mestra de todas as Igrejas?* Qualificar-se-hão pois aquellas expressões de *phrases innocentes*, como pretende o Author? E' muito illudir, por não dizer muito zombar!

Agora perguntaremos ao Author; porque motivo, terminando o paragrafo, que comprehende a passagem transcripta, se deu a si proprio o nome e qualificou de *feroz hereje que ousou duvidar do testemunho posthumo e bem posthumo, de S. Bernardo ácerca do milagre de Ourique?* — Se é ironia, como é visivel, com o fim de novamente remoquear o Clero portuguez; desde já o emprazamos para que com authentico documento publique o nome do audacioso, que por um tal motivo lho chamara. Se o não fizer, teremos sim mais uma prova do escrupulo, com que em materia tão grave accusa o Clero!

Aqui de passagem devemos advertir que a questão do Clero, não é o milagre da Apparição de Ourique, como falsamente se tem escripto. São todas as doutrinas que dizem respeito ao dogma, á moral, á disciplina vigente do Catholicismo; que ao Clero sim cumpre defender contra os erros e ataques da irreligião, ou do protestantismo, manifesto ou solapado. A *Apparição de Ourique* foi sempre olhada como uma questão nacional, em que tanta parte tem o Clero, como a nobreza, como o povo. Em todas estas tres classes tem havido escriptores que testificam e defendem a maravilha. — E note-se que não foram da classe do Clero os primeiros escriptores, que deram noticia d'aquelle apparecimento. Antes que André de Rezende (que me parece foi do Clero o primeiro escriptor que tratou da materia) fallasse da maravilha nas *Antiguidades da Lusitania*, já della tinham escripto *Duarte Galvão*, *Damião de Goes*, e outros. Hoje mesmo são em maior numero os escriptores seculares que a sustentam, que os do Clero — Igualmente é falsissimo, e denota até ignorancia crassa, o dizer-se que o Clero reputa a maravilha da Apparição Ouriquiense, como dogma de fé. Quem tal affirma mostra estar bem longe de saber o que isso seja. Além disto, quem são os Authores d'entre o Clero, e ainda fóra delle, que assim te-

nham avaliado aquella Apparição? Nem um só se ha de achar; nem era possivel havel-o, sem que já tivesse sido com razão condemnado. — O Milagre da Apparição é objecto de uma pia crença humana, fundada em razões e documentos historicos; e taes que aos homens mais illustrados do Clero, e fóra do Clero deste paiz, moveram á credibilidade. Esta é geral e commum a toda a nação, com a pequena excepção dos *anti-milagreiros*, que com uma *franchinotada* de lingua, ou de penna, julgam a poderem destruir; no que muito se enganam. — Se o Clero presentemente tem entrado na questão da Apparição, é porque esta offereceu occasional motivo para as accusações virulentas do seu Antagonista contra elle. Fique-se pois entendendo por uma vez como o Clero olha, e sempre olhou a questão da Apparição de Ourique. E vamos já continuando com a tarefa.

5.ª PASSAGEM.

Em que tempos estamos nós? Para onde caminha a reacção religiosa? (1)

A estas extemporaneas interrogações, ou antes increpações, com que o Author das *Considerações Pacificas* surprehende oratoriamente os animos; que responderemos nós, e responderá todo o mundo que as ler? — Estamos (ouça pois elle) felizmente já em tempos em que o principio religioso vai triunfando dos assaltos com que a incredulidade o tem atrozmente atassalhado. Estamos em tempos, em que o geral movimento religioso parece já se inclina, para ficar dentro dos pólos, em que deve girar. — Estamos sim em tempo, em que as tendencias catholicas vão ganhando em todos os paizes nova força e vida contra a influencia intrusa tanto do racionalismo, como do protestantismo. Estamos em tempos, em que a acção do principio luminoso da verdadeira religião, que desceu do ceo por intervenção de Jesus Christo, seu omnipotente fundador; vai visivel, e admiravelmente cantando victoria contra os sectarios

(1) Considerações Pacificas, pag. 15.

do erro, que a combatem; mas que sempre hão de ficar vencidos, segundo o oraculo divino: *Portae inferi non praevalebunt adversus eam.*

» Para onde caminha a reacção religiosa? » Se vós bem pensasseis não vociferarieis esta emphatica pergunta; depois de terdes envilecido o vosso intoleravel escripto com tantos destemperos! — Sim; acaso caminhará essa reacção imaginada para dar em resultado essa reforma, ou transformação religiosa, que *Mazzini* tão romantica, como hereticamente fantasia no Opusculo audaz: *Le Pape au Dix-neuvième siècle?* Ah! não penso que alguem que se inculque catholico possa abrigar em sua extravagante imaginação o acabamento, a destruição de um Chefe, cuja existencia é tão necessaria, como a mesma Igreja, o Romano Pontifice!.. Estou bem longe de vos imputar que militaes debaixo dessa negrejante e torpe bandeira de energumenos, que tem por divisa: » *Con-» stituante et Concile*, voilà le prince, et le pape de » l'avenir. » — Pensareis acaso que a reacção religiosa vai caminhando para desenfrear os que se dizem fieis seguidores do Catholicismo, a ponto de poderem a seu salvo proclamar que *a todo e qualquer Christão é licito reprehender os actos publicos do Pontifice*, como vós, com certo colorido, ensinaes? Uma reacção neste sentido, que expõe o Chefe do Catholicismo, o Pai commum dos Fieis, ao ludibrio, e opprobrio de todo o mundo, que ao tribunal do seu julgamento privado o quizer chamar como réo; não é, sabei, *reacção religiosa*, é antes uma *reacção* anti-catholico-protestante! .. Eliminai a doutrina! — Mas quanto ainda mais não admira que vós assim falleis, propaleis taes e tão perigosas maximas; quando as nações catholicas, incluindo o nosso paiz, ainda em tempos recentissimos acabam de dar ao reinante Pontifice, o Immortal Pio 9.º, nos dias da sua consternação, as provas mais decisivas do seu respeito, veneração, digamos antes, de *verdadeira obediencia* ao Chefe do Catholicismo. Quando vemos em especial que aquella grande nação, que pela sua nova fórma de instituições politicas, parecceria a menos favoravel e disposta a prestar auxilio aos direitos magestaticos do Pontifice; é a propria, sim, é a mesmissima que se constitue

a mais positiva mantenedora e sustentaculo delles. Foste tu, ó França, a quem coube singularmente esta gloria; não encobrirei o teu nome!... Quando vemos finalmente que o poder, e dominio espiritual do Chefe da Igreja cada vez mais continúa a crescer em extensão, respeito e acatamento entre os Fieis Catholicos, que vivem em paizes, aonde domina o heterodoxismo, como em Inglaterra, e na America Ingleza.

6.ª PASSAGEM.

Eu não poderia apreciar como entendesse o procedimento politico de um papa, em relação aos futuros destinos da Igreja, e Santo Thomaz de Cantuaria poderia sem ser um reprobo lançar em rosto a Alexandre 3.º as gravissimas accusações de o trahir, e de querer conduzil-o á morte? (1)

A mania, ou cousa que o valha, que se metteu na cabeça ao Escriptor do Opusculo, que tomámos a enfadonha tarefa de refutar, a birra ou casmurrice de se julgar com direito de chamar ásua intellectual tribuneca o Romano Pontifice, para sobre elle pronunciar a dictatoria e irrevogavel sentença do seu fôro; ainda se não retirou ao bastidor. Apparece outra vez em scena, e com algumas vistas novas. — Na 3.ª Passagem, a pag. 114, declarou elle; que o corpo de delicto, que devia entrar no processo, era os *actos publicos do Pontifice* avaliados *pelos seus effeitos moraes e politicos*, quando estes *podessem trazer graves turbações, dias de amargura á Igreja*; e agora é só o *procedimento politico de um Papa em relação aos futuros destinos da Igreja*, que o mesmo chama a juizo, ou pretende apreciar, como entender. Será uma e a mesma cousa, ou será já cantilena diversa? — Não entraremos tambem no exame da habilidosa magia, com que o *reprehensor dos actos publicos do Pontifice*, a poucos passos appareceu transformado em *apreciador do procedimento politico do Papa*. E' synonimia, ou é o quer que é que cheira a contradicção?... Seja o que fôr; vamos ao que

(1) Considerações Pacificas, pag. 15.

é indispensavel para o intento. — Sim, quem não ha de altamente estranhar de ver que o sincero homem, que no façanhudo escripto — *Eu e o Clero* — (1) confessou á face de todo o mundo, e para perpetua galhofa das presentes e futuras gentes declarou; que o toque ou *annuncio de um sermão era por via de regra a espada percuciente do Anjo do paraiso, flammejando á porta do templo*; macacôa ou diabrura, a que eu então appliquei os movimentos aspergentes de um bem varejante hyssope; tempos depois nas paginas das *Considerações Pacificas* venha figurar de juiz, ou julgador-mór com pleno e amplo provimento e alçada, para *apreciar*, ou sentenciar conforme seu *entender* sobre o *procedimento politico do Papa em relação aos futuros destinos da Igreja?* Mas o caso é para se tratar em tom serio. Entremos em seus arraiaes.

Que direito natural ou positivo deu faculdade, ou poder ao tal individuo, ou a qualquer que não seja elle, mas valha tanto como elle, para se constituir juiz ou apreciador do *procedimento politico do Papa em relação aos futuros destinos da Igreja?* Acaso qualquer por direito natural, divino e social não é obrigado a respeitar o seu superior, e a não portar-se a seu respeito de um modo tal, que dê testemunho do contrario? A affirmativa é doutrina incontestavel. E será, á vista deste principio, decente, honesto, respeitoso e santificante, que qualquer Catholico, debaixo do pretexto de apreciar o procedimento politico do Papa *em relação aos futuros destinos da Igreja*, o chame á arena da imprensa, para o obrigar a responder por elles, e aprecial-os conforme cada um entender? Ha por ventura alguma lei no Christianismo que tal authorize? Seria uma blasfemia o asseveral-o. — Além d'isto o sentimento e pratica universal do Catholicismo condemnam o attentado. E na verdade deixa-se, por aquella distincção feita no procedimento do Pontifice, de menosprezar o Chefe da Igreja? Ninguem tal dirá. A lei da obediencia, do respeito no Christianismo, é franca, é sincera. Não se illude com frivolas tergiversações. — Porém não é ainda

(1) A pag. 7.

mais risivel que o tal *apreciador do procedimento politico do Papa*, tome o seu *entendimento* nu e cru como instrumento de tão melindrosa apreciação? Acaso é o seu entendimento infallivel para se sahir bem dessa operação tão arriscada e difficultosa? — Ridiculissimo é ainda sobre tudo suppôr-se dotado de uma intelligencia tão vasta, que presuma ter capacidade para apreciar o *procedimento politico* do Pontifice; não digo já ácerca do presente, ou do passado, mas até quanto *aos futuros destinos da Igreja!* Para isto era preciso ser profeta, e mais que profeta!... E tal não acredito eu que o seja, quem nem sequer soube adivinhar; que pela composição do *Eu e o Clero* lhe havia de vir uma tão solemne refrega pela imprensa!

Não condescendamos todavia com a logica aberrante e divagadora do Author. — A que fim ou proposito vem, e se produzem tão falsas, puerís, e iniquas theorias contra o respeito, e inviolabilidade que todo o Orbe catholico consagra ao Romano Pontifice? Vem como é evidente para desculpar, ou justificar a horrendissima expressão que diz: *Roma parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do Catholicismo.* — Que deu motivo porém ao escriptor do *Eu e o Clero* a prorompèr neste excesso de ultraje inaudito? Foi como elle proprio confessa por ter sim (valha a verdade!) Roma *crucificado no seu Index* (1) os nomes de quatro escriptores, que já nomeámos. Ora uma das intelligencias que o escriptor deu depois á palavra *Roma*, como temos visto, é que por ella entendia o *Romano Pontifice.* Neste sentido asseverou 1.º » Que todo e qualquer Christão podia repre- » hender os actos publicos do Chefe da Igreja, quando » elles pelos seus effeitos moraes e politicos podessem tra- » zer graves turbações, dias de amargura á Igreja. » — Pergunto eu agora: A supposta prohibição ou inscripção no *Index* Romano das Obras de quatro Authores; poderão acaso produzir effeitos moraes e politicos capazes de trazer graves turbações, dias de amargura á Igreja?... Quem tal ha de affirmar que tenha o juizo no seu devido logar! Pois a prohibição de livros suspeitos, ou de

(1) Eu e o Clero, pag. 20.

más doutrinas póde jámais produzir dias de amargura, graves turbações á Igreja? A affirmativa, nem da boca de um farçante se poderia ouvir! O contrario, responderá todo o mundo com uma voz de trovão, é que poderia dar de si aquelle triste effeito. 2.º Disse depois que » elle podia apreciar o procedimento politico de um » Papa, segundo entendesse. » — Pergunto outra vez: A prohibição das Obras contrarias ou menos conformes á pureza da fé e bons costumes é acto civil e pertencente ao procedimento politico do Pontifice, ou acto religioso, emanado da Authoridade Espiritual? Não é por ventura uma jurisdicção que elle exerce, como Chefe da Igreja Catholica? Theologos e não Theologos o sabem. E quem o não souber não se metta a proferir destemperos!... A' vista d'isto como é possivel conseguir o desculpar a pronunciada e escripta blasfemia contra *Roma*; attribuindo a prohibição dos livros de má nota ou sua inscripção no *Index*, a *procedimento politico* do Pontifice? O raciocinio, ou argumentação é d'aquelles que peccam tanto na materia, como na fórma!

Finalmente que vem ao caso ou ponto da questão o ter *Santo Thomaz de Cantuaria* lançado em rosto a Alexandre 3.º as taes *gravissimas accusações* pelos motivos que na transcripta passagem se apontam; para o escriptor, de si para si, tirar a conclusão — *logo posso apreciar o procedimento politico do Papa, conforme entender, em relação aos futuros destinos da Igreja?* Por ventura viu-se jámais no mundo dos paralogismos uma conclusão mais disparatada? Imaginou em algum tempo por ventura alguem; que o Santo, quando fez taes exprobrações ao Papa (se é que as fez; pois já estou escaldado com os caurins das citações!) foi com o fim de *apreciar o procedimento politico delle quanto aos futuros destinos da Igreja?* O interessado não me ha de apontar um só escriptor, que quizesse campar no paiz dos orates com similhante estouvadice.

O exemplo allegado por tanto não tem valor algum na applicação, já pela disparidade da pessoa, já pela falta de significação intrinseca da cousa. E' arvore transplantada para terreno, aonde não póde por fórma alguma vingar!

Agora exigirei, para testemunho authentico da verdade, e tirar em fim toda a duvida; que o Author transcreva por extenso essa passagem, em que o Santo *lança em rosto a Alexandre 3.º as gravissimas accusações de o trahir, e de querer conduzil o á morte!* — Entre tanto digo-lhe que passando pelos olhos as Cartas de *Santo Thomaz de Cantuaria* para o Papa, em nenhuma dellas encontrei taes *accusações*. Todos sabem quanto o Santo era respeitador do Summo Pontifice para lhe fazer taes accusações. As Cartas igualmente do Papa para o Santo mostram reciprocamente, quanto elle era indigno dellas. Porém não será só esta a inexactidão, ou falsidade.

7.ª PASSAGEM.

Poderia S. Thomaz de Aquino, o mais profundo philosopho do seculo 13.º ao observar-lhe Innocencio 4.º que tinha passado o tempo em que S. Pedro dizia » não pos« suo nem ouro nem prata « *responder-lhe* » que tambem » era passado o tempo em que S. Pedro dizia ao para» lytico — levanta-te e anda « *epigramma pungente atirado ás faces de um papa, cuja cubiça não conheceu limites; poderia, digo, Santo Thomaz ser um doutor da igreja, depois deste attentado?* (1)

Quem por um pouco reflectir nestes e equivalentes topicos de argumentação que nada provam, a não ser a deficiencia da mais trivial dialectica no individuo que os alardea, mal poderá tirar da idéa que o Escriptor que os apresenta tem andado á mira, por não dizer á pesca de anzol e rede, de tudo quanto protestantes, e não protestantes tem excogitado contra os Papas: de tudo quanto Santos e não Santos tem dito na melhor fé, e apostolica liberdade aos Summos Pontifices, que se possa torcer e malignar por qualquer fórma; para na occasião opportuna, ou importuna apparecer em scena com o instrumental, e dar disfructe aos espectadores. — Ha de não pouca gente cahir, ainda que não queira, na innocente e involuntaria *esparrella* de acreditar; que

(1) Considerações Pacificas, pag. 15.

o curioso e litterato collector, que angaria, acarreta e despeja na praça da publicidade umas taes e quejandas erudições; tem talvez de reserva agglomerado, agrupado e empilhado *centenares* (termo de *mimo* do nosso tão *fiel* como *generosissimo* escriptor; quando romantiza ácerca da ignorancia do Clero) *centenares* digo de anecdotas, anexins e apophthegmas de grande e pequeno calibre; com que bem pudera ter compaginado, cirzido, ou conglutinado um calhamaço mais gordo e panςudo, que os tres incorporados volumes do bem conhecido compilador *Suppico*. Ha de até por ventura haver alguma imaginação mais atrevida que chegue a *novellizar* que o esquadrinhador Apophthegmatico, quando encontra fartote deste jaez, bate as palmas pelo achado e que mais contente, e jubiloso que Archimedes, grita ou berra: *Inveni, inveni!* Achei, achei melgueira! Seja porém o que fôr; pois com vôos da imaginação não me quero, nem pretendo metter. Podem dançar, e *polkear* ás mil maravilhas lá nessa região das Musas, com tanto que não venham saltar, ou fazer pelloticas para o campo real das idéas religiosas; que isso tem mais que se lhe diga! — Todavia o que parece conjectura menos fallivel e mais cordata; o que eu comtudo não inteiramente affianço; é que os taes rapsodistas, monopolistas ou contrabandistas das anecdotas e mais petrechos de tiroteio contra os Papas tem viveiro, peculio, e mina fecunda da tal fazenda; e quando se trata de Pontifices, senão soltam da capoeira os abutres que lhes venham roer os figados, lá abrem a portinhola da coelheira aos laparos dos cognominados *epigrammas pungentes*, com que os vem agatanhar!

Porém o que digo eu, e dirá todo o mundo ainda de mediocre intelligencia; quando ler que o dito de *S. Thomaz de Aquino* em resposta ao Pontifice é qualificado, ou antes apodado de *um epigramma pungente atirado* por elle *ás faces de um papa?* — E' falso!... gritarão logo os que tiverem noticia da sinceridade, e candura, que, a par da sciencia, caracterisava o por antonomasia chamado *Doutor Angelico!* — E' falso e ultrajador para a memoria do Santo, o pretender-se achar nesse dicto do Inclyto Doutor um sentido sinistro e sa-

tyrico; que é a idéa que envolve a expressão *epigramma pungente*; e de mais a mais *atirado ás faces de um papa*, frase esta indignissima para se poder applicar ao Santo Doutor! — E na verdade quem ha que possa tolerar que por desfecho e remate de *tanta litteratura* appareça em Portugal um escriptor, (que se diz tem e goza de tão elevado renome) que nos venha fazer a S. Thomaz de Aquino *atirador* de *epigrammas pungentes*, e arvorar em alvo para tiro delles *as faces* venerandas *de um papa!* E não merecerá a pêca lembrança, ou o esquisito destempero, sem bioco nem rebuço, a mais desembuçada e descarapuçada censura?... Apoiadissimo!... Se me figura responderem os meus imparciaes leitores. — Quem não quer que lhe caiam em cima com os loros flagelladores da critica traje outra libré! — E na verdade não ha um só escriptor catholico que tenha encontrado na resposta do Doutor Angelico ao Papa algum espirito de malignidade. Só os protestantes é que lh'a tem achado para deprimir Innocencio 4.º. Poderiamos, se quizessemos, citar algum delles!

Porém vamos ao que ainda importa. O Author das *Considerações Pacificas* não apresentou a citação conforme vinha na Arte de verificar as Datas. Deu-lhe um geitinho para figurar no grupo a seu modo. Quero dizer desenhou a Santo Thomaz na attitude de atirador com o bacamarte do *epigramma pungente* na mão, e a Innocencio 4.º de faces promptas e á mira para aparar o tiro. — Ouça-se pois o proprio Author d'onde foi extrahida a anecdota para se conhecer a differença: » Este » Papa recebendo um dia diante de Santo Thomaz de » Aquino uma somma consideravel de dinheiro, lhe dis- » se: Vós estaes vendo que não estamos já no tempo » em que S. Pedro dizia: *Não tenho ouro nem prata.* » Ao que o Santo respondeu: *E' uma verdade, Santo* » *Padre; mas tambem nós não estamos já no tempo em* » *que S. Pedro dizia ao paralytico*: Em nome de Jesus, » levantai-vos e andai. » (1) — Falsamente pois se chama ao dito agudo do Santo Doutor *epigramma pungente*. E' nomenclatura nova. O dito só podia alludir aos tem-

(1) Art de vérifier les Dates, tom. 1. pag. 299.

pos e não ás pessoas; por quanto o poder de fazer milagres não é dom gracioso inherente ao pontificado! — O *Dictionnaire Universel Historique* etc. aponta a anecdota com variedade de circumstancias. Longe porém de dar máu sentido ao dito de Santo Thomaz contra o Papa; accrescenta em seguida: *Thomas fut toujours dans unegrande considération auprès des pontifes Romains.* Esta consideração por certo não mereceria, entre os Pontifices Romanos, quem tivesse o arrojo de atirar ás faces de um delles com tal pasquim, oú *epigramma pungente.*

Agora por despedida perguntarei ao tozador dos Papas porque motivo figura em scena, na mencionada asserção, *Innocencio 4.º* com esse cartaz, que diz: *cuja cubiça não conheceu limites?* Quem lh'o disse? Em que Author achou delle esse juizo? Pelo menos os protestantes que delle tem escripto (e alguns delles com desaforada mentira; oque é manha, já sabida, da tal gente; quando fallam dos Romanos Pontifices) não lhe puzeram, que eu saiba, similhante pecha. *Moshemio*, por exemplo, se bem me lembro, nas suas *Instituições de Historia Ecclesiastica* é um delles. Porém que ha de ser? O nosso escriptor em encontrando cousa que lhe cheire a Pontifice; a *surzidella* é certa! E' desgraçadissima tendencia!

8.ª PASSAGEM.

Podia sequer ser papa o successor do mesmo Innocencio, Alexandre 4.º, que lhe chamava o vendilhão de Igrejas? Riscae do catalogo dos bemaventurados S. Antonino de Florença, que não duvidou de pintar com as mais negras côres os vicios hediondos de Clemente. (1)

Ora digam-me os meus leitores, que forem dotados de uma imparcial intelligencia, se tudo isto não é uma armadilha, ou caranguejola paralogistica, que deve logo cahir em terra com qualquer sopro, que lhe caia em cima, de bom e sereno zefyro dialectico!... Não é, nem se pense ser esta affirmativa, presumpção, nem illusão.

(1) Considerações Pacificas, pag. 15.

Eu vou já sem muito custo dar em terra com a tal pataratice.

Sim, ó escriptor das *Considerações Pacificas*, a que proposito chamastes aqui á collação, e enxeristes esta entretéla n'essa farragem de balofa, e farofeira erudição, que bem descozida, e desfiada, só prova a futilidade, e falta de defeza da parte d'aquelle que a alugou, e accarretou? Eu vou pois já espantar e pôr em fuga essas aves de arribação, que o temporal desfeito talvez de uma pezada e carrancuda imaginação fizera buscar abrigo em paiz estranho! — Chamo pois sem mais preambulo, nem cortejo, esse ajojo da recua das authoridades produzidas ao tribunal da analyzadora dialectica. O publico será o juiz.

Sim; a que intento arrepanhaes vós e introduzís um tal estofo n'um molho ou ruma de exemplificantes authoridades abalroadas a cróque, ou pescadas á fisga, como todas as outras, contra o Clero? E' para provardes; que tendes *direito* de *apreciardes*, de *reprehenderdes*, como entenderdes, os *actos publicos do Chefe da Igreja Catholica*, debaixo da salva-guarda de lhe chamardes *procedimento politico!* Não o podeis negar. E' para convencerdes que tanto vós como qualquer outro, que vos imitar, tendes o direito de poderdes asseverar; avaliando *como entenderdes os actos* administrativos do *Summo Pontifice*; que *Roma parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do Catholicismo!* — Porém que direito vos dá, para serdes ou constituirdes-vos o apreciador e reprehensor dos actos pontificios, o dito ou opinião dos taes authores, por mais graves que elles sejam? Nenhum. Para o argumento poder colher, era preciso que mostrasseis, que elles fallavam no mesmo sentido; e que das suas palavras e sentimentos especiaes se podia tirar uma conclusão geral. Estaes porém bem longe de poderdes provar que elles com o seu dizer pretendessem sustentar a escandalosa e subversiva doutrina: *Todo o Christão tem direito ou é-lhe licito reprehender os actos publicos do pontifice; quando* (restricção não menos offensiva do Chefe da Igreja) *pelos seus effeitos moraes e politicos poderem trazer graves turbações á Igreja*; como

vós avançastes. (1) Era preciso fazerdes vêr que os ditos especiaes dos Authores sobre dois differentes Papas, que allegaes, e mesmo a posição especial delles, eram bastantes para proclamardes um direito geral. — Deveis saber que esses casos excepcionaes ou que como taes se devem reputar, não podem jámais servir de base a theses geraes. Toda a ordem se transtornaria, se as excepções ou especialidades anomalas do mundo moral se constituissem em principios de direito commum. Porém quem não ha de embasbacar ao ver que o nosso Escriptor (que quer ser oraculo, ao que parece, em materias theologicas, e metter a todo o Clero, como dizem, em um *chichelo*) para estabelecer doutrinas tão anti-papaes, fôra lançar mão do dito de um Papa, qual tivera sido Alexandre 4.º! Acreditará por ventura alguem que o Papa Alexandre 4.º pronunciára o mencionado dito a respeito do seu antecessor no mesmo sentido, em que o tomou o Author que refutamos? Ninguem por certo. O dito por tanto do Papa, para o caso, deve-se ter por não dito!

Agora perguntarei ao Author, se o dito da anecdota attribuido a Alexandre 4.º, a respeito do seu antecessor Innocencio 4.º, teve logar antes ou depois de elle já ter sido elevado á dignidade pontificia? O escriptor das *Considerações Pacificas* inculca-o como facto acontecido antes. E' porém falsissimo. O proprio *Mattheus de Pariz* (direi antes que *Mattheus Pariz*, como escreve o antagonista do Clero) no logar por elle citado, manifestamente faz ver que o *dito* tivera já logar depois de subir á cadeira pontificia. Na pag. 607 da sua *Historia Major*, col. 2.ª, (onde vem a anecdota) logo no principio se lê: *Dominus Papa Alexander.* — Note-se mais este falsete!

Porém a realidade da historia da anecdota ainda não está posta no devido capitel da columna da verdade. Sim; é falso igualmente que Alexandre 4.º chamasse rigorosamente *vendilhão de Igrejas* ao seu antecessor. Este modo de exprimir é estreme da fabrica do Author para mais vilipendiar Innocencio 4.º. Eis-aqui as palavras de Matheus de Pariz postas na boca do Papa Alexandre, respondendo a não sei quem, que lhe offerecia um valioso

(2) Vej. Considerações Pacificas, pag. 14.

donativo para alcançar uma Igreja: *Non, frater: mortuus est venditor ecclesiarum.* A palavra *venditor* não significa — *vendilhão*; como o mais fraco latinista deve saber. A traducção portanto do escriptor das *Considerações Pacificas* nem grammatical, nem historicamente é fiel. — Pereira de Figueiredo em uma das suas Obras Theologicas traduziu deste modo: » Não, Irmão, já é » morto quem vendia as Igrejas. « — Esta traducção é exacta, e mais decente para o Papa, que figura de author na anecdota; se é que esta é verdadeira! (1) — E que me dizem á fraze: *Poderia sequer ser papa?* Pois a que mais poderia aspirar o successor de Innocencia 4.°, antes Bispo de Ostia? O — *sequer* — é pois grotesco!

Mas quem não pasma em fim de ver a romantica facilidade com que o catholico escriptor metteu na mão o *protestantico* pincel a S. Antonino de Florença para pintar *com as mais negras côres os vicios hediondos* de Clemente! Tal pincel além de falsamente imaginado, é indecoroso para o Santo. — Porém em que parte da sua Chronica, que se cita, se encontram esses vicios hediondos de Clemente 5.°, pintados pelo tal carregado pincel do Arcebispo de Florença? Em parte nenhuma. O Santo se bem que foi sincero no que escrevera em sua Chronica (aliás cheia de muitas fabulas) ácerca dos Papas; esteve bem longe de os anuviar com pinceladas de negras côres. Este pincel ou brocha de tinta negra é só lá para os livros anti-papaes dos Protestantes. — O que o Santo porém narra na sua Chronica, tom. 3.° pag. 287, ácerca de Clemente 5.°; saiba-se que não é delle, como já notou Fleury. E' tirado do Chronista italiano João Villani, que passa por escriptor credulo. Porém concedamos mesmo que o Santo fizesse suas as idéas de Villani; segue-se por ventura dahi que elle tinha o mesmo pensar do author portuguez contra o papa? Seria o maior de todos os absurdos, e injurias contra o Santo

(1) Talvez seja antes alguma das patranhas, com que o sincero Monge Benedictino enfartou a sua historia. Se é que ella não pertence ás interpollações dos Protestantes, engendradas para insultar os Papas conforme alguns tem pensado. — O Abbade *Berault-Bercastel* nota no historiador inglez inclinação para a satyra. (Hist. de l'Eglise, tom. 13.)

similhante affirmativa. Basta lêr a sua *Summa Theologica* para se conhecer quão alheio está d'aquellas *taes* reprehensiveis idéas do nosso escriptor!

9.ª PASSAGEM.

Não chameis o ultimo Padre da Igreja a Bossuet, porque taxou de velhaco o Papa Eugenio 4.º Reje tae do gremio catholico o erudito e pio Fleury, porque escreveu o 4.º discurso sobre a historia ecclesiastica. (1)

Em fim o escriptor das *Considerações Pacificas* depois de andar esmolando pelos Santos da sua devoção a sua efficaz protecção e soccorro, para a seu salvo dar a favorita tunda nos Pontifices passados, e não sei se futuros; e talvez deixar a receita a mais alguem, depois do seu mui chorado e carpido passamento; por saldo de contas ou sem ellas veio tambem implorar a *bemdita* aos dois famosos e campanudos Escriptores da Igreja de França, *Bossuet* e *Fleury!* Mas que dirão elles ao mendigo importuno, que vem bater á sua porta, que não seja para logo um secco e embezerrado: Deos vos favoreça, Irmão!.... E que outra cousa merece lhe respondam esse escriptor, que esquecido do trivial proloquio — *nemo dat quod non habet* — vai com indesculpavel leveza buscar fundamentos de argumentação aonde os não ha? Na verdade como se póde admittir que o juizo particular menos favoravel de um ou outro escriptor sobre algum, ou alguns Papas, se possa converter em principio critico, para se tirar d'ahi a doutrina geral; que todo e qualquer Christão sem mais ceremonia, nem diploma ou habilitação, póde ser o legitimo *reprehensor* dos actos publicos dos Papas; por mais especioso que seja o pretexto aos olhos da religião ou da politica? Tal conclusão não tiraram nunca *Fleury* e *Bossuet* dos seus principios, nem as suas tão venerandas cinzas podem consentir que tão absurda e escandalosa illação delles se tire. O seu juizo livre e independente sobre certos caracteres pontificios não póde por tanto ter o nome odioso d'aquella tão in-

(1) Considerações Pacificas, pag. 15.

digna e illegal reprehensão, que com o seu illustre voto se pretende authorizar. Um juizo livre e independente póde pronunciar-se, sem faltar ao respeito devido ao superior, por mais elevado que elle seja; uma reprehensão é sempre infracção delle. A doutrina do escriptor das *Considerações Pacificas* leva, debaixo de certa côr insidiosa, todo o mundo a *reprehender como entender os actos publicos do Pontifice*; quer, pelo menos indirectamente, que todo o vivente do mundo Christão desde o primeiro até ao ultimo se metta a censurar, como bem lhe parecer, os actos governativos do Chefe da Igreja Romana; e aonde fica essa verdadeira obediencia, esse respeito de subdito fiel que dogmaticamente lhe é devido; se qualquer se julgar com direito de imaginar pretextos para se evadir della, censurando-o, reprehendendo-o? Somos superiores ao Pontifice!... Clamarão os Espiritos fortes, empestados de tão perniciosissima theoria!... Com doutrina tão tremenda, e anti-catholica teremos os fieis de facto desligados da obediencia devida por direito divino ao Successor de S. Pedro, ao Vigario de Jesus Christo sobre a terra; e solapadamente estabelecido o Protestantismo. *Quod Deus à nobis avertat!*

De resto desejaremos saber em que parte do Livro sexto da — *Défense de la Déclaration du Clergé de Fance*, empregou Bossuet a palavra — *velhaco* — (em francez — *coquin*, *fripon*, etc.) como o Author assevera, para qualificar a Eugenio 4.º? — Examinei a Obra citada, e tal nome não encontrei. Sempre me pareceu que o grande Bispo de Meaux não era caracter proprio para empregar tal expressão, e ainda bem que me não enganei! Quando mesmo quizesse usar da idéa, havia por certo de usar de outra maneira mais polida de exprimir.

Eleva a Bossuet á cathegoria de Padre da Igreja, dando a entender que ha obrigação de assim o chamar. Donde porém deriva elle esta obrigação? Não a póde derivar de principio, ou determinação legal alguma. Ainda que os seus Panegyristas o tenham julgado digno de tal antonomasia; nenhuma obrigação, theologicamente fallando, ha de lha dar; o que deveria saber quem se quer inculcar por versado em sciencias theolo-

gicas. O ultimo Padre da Igreja é S. Bernardo, e ninguem ainda o desappossou deste logar.

Falla em fim no 4.º Discurso de Fleury sobre a Historia Ecclesiastica; e que se encontra nelle que apoie a pessima doutrina, que mette nas mãos de todos, a arma da reprehensão arbitraria contra os actos do Soberano Pontifice? Pelo contrario é o proprio escriptor francez que nesse mesmo Discurso, pelas judiciosas reflexões que lhe mistura, estabelece o correctivo a quaesquer idéas subversivas do respeito devido ao Chefe da Igreja. No capitulo 13.º do mencionado Discurso proclama toda a verdade na exposição dos factos pertencentes á historia da Igreja; ainda a respeito d'aquelles que importam desar. » Pois que é em fim impossivel, diz elle, que es-
» tes factos caiam em esquecimento, não é melhor an-
» tes que sejam referidos fiel, sincera e simplesmente
» sem alguma qualificação, por Escriptores Catholicos,
» do que ficarem entregues ás paixões dos Protestantes,
» que os exaggeram, alteram, e envenenam? Não é
» util mostrar ás boas almas o mais rasoavel entre os
» furores, e excessos de alguns Authores modernos? «
Foi nesta mente que elle pronunciára sempre juizos severos e despidos de todas as considerações. Aonde é porém, não obstante a sua independencia de pensar, que em todo o contexto dos seus Discursos, das Obras da sua penna, se encontra uma só palavra, que inspire a horrorosa idéa — que todo e qualquer Christão tem a faculdade *de apreciar e reprehender, como entender, os actos publicos do pontifice; quando pelos seus effeitos moraes, e politicos poderem trazer graves turbações, dias de amargura á Igreja?* Esta idéa monstruosa encerra em si uma insubmissão, um orgulho transtornador de toda a ordem religiosa; por não dizer tambem civil. Mas quem não sabe que aquella faculdade (de reprehender) é especialmente do Chefe da Igreja; sobre todos, e cada um dos crentes, como Pai commum de todos os Fieis?

10.ª PASSAGEM.

Para serdes logicos despovoae a Igreja de Santos, de doutores, de homens illustres, se credes que dentro della

eu, que não sou nenhuma dessas cousas, não tenho direito de afferir pelos principios eternos da moral, da justiça, e da caridade evangelica as acções dos papas sem renegar da Igreja. (1)

Quem por ahi ha, que tenha olhos de uma cousa, que se chama menos má intelligencia, e mediocre attenção, que logo ao primeiro reparo não veja e reconheça nesta massagada de palavras uma forte, e bem temperada rabecada, ao molde d'aquellas que costuma fazer resoar a orchestra romantica; e talvez parecida com as do *Eurico*, ou *Monge de Cister?* Muita gente ha de haver d'esse parecer, e voto sincero e innocente. Porém quem ao mesmo tempo ha de poder duvidar, que debaixo de um tal estrepito palavroso, se acha embuçado, e disfarçado o mais corpolento e agigantado paralogismo? Sim, que *despovoadora* logica é essa, que apregoaes, que exige que ponhamos fóra da Igreja tanta e tão grande gente; se não acreditarmos que vós, que a tal jerarchia não pertenceis, e menos com ella podeis hombrear; não tendes direito de *afferir pelos principios*, que inculcaes, *as acções dos papas, sem renegar da igreja?* Explicae-nos que nigromancia seja essa que faz embasbacar a todo o mundo!... Na verdade, se vós não sois, nem por sombra pertenceis a essa elevadissima classe dos *santos*, dos *doutores*, dos *homens illustres* da Santa Madre Igreja; porque motivo logico quereis entrar em parallelo com elles; a ponto que ou elles hão de ser por nós outros *desapontados*, e postos ao andar da rua da posição que occupam na Igreja Catholica, ou vós haveis de ficar galrando nella em a mesma linha delles, e na posse e pacifico *direito de afferir pelos principios eternos* de umas taes cousas que lá sabeis, *as acções dos papas?* Não conheceis acaso que uma similhante e tão original conclusão encerra a mais descascada enormidade paralogistica?

Mas o ponto ainda não bate no alvo aonde deve bater. — Sim, que vertigem, ou moscardo fanfarronico foi esse que vos assaltou o cerebro, e nelle fixou a fe-

(1) Considerações Pacificas, pag. 15.

bril aposentadoria, que vos levou a imaginar que tinheis *direito de afferir pelos principios eternos da moral, da justiça e da caridade evangelica as acções dos papas sem renegar da Igreja?* D'onde vos veio esse direito *supra-papal*, que a Escriptura e a Tradição (bases unicas d'onde só se poderia concluir a existencia de um direito de tanta consequencia) a ninguem indubitavelmente concedeu? Acaso pensaes vós que isso se póde bellamente obter fazendo dizer a quatro ou seis escriptores o que a elles nunca lhes subiu á cabeça; e até se vivessem ou resuscitassem, querelariam pela injuria? Ah! Como estaes enganado! Toda a theologia orthodoxa do mundo inteiro anathematiza e vota á execração publica a estrategia futil, a pretenção absurdissima!

Fallaes em *principios de moral*, *de justiça e caridade evangelica* pelos quaes pretendeis *afferir as acções dos papas sem renegar da igreja.* E não é isto elevar a fanfarronada ao galarim do ridiculo? Que principios são esses *de moral e de justiça*, que dão em resultado a doutrina mais subversiva do respeito e obediencia, que se deve prestar ao Chefe da Igreja? Fallaes serio, ou estaes zombando? Nem uma, nem outra cousa vos admittimos.

Que *principios são esses*, sim, *de caridade evangelica*, com que alardeaes, *para afferirdes as acções dos papas?* Apontai aonde se acham no Evangelho esses *principios de caridade*, que intergiversavelmente authorizem a vossa nova e desconhecida doutrina em todo o Catholicismo. Não os haveis de encontrar em parte alguma; e só deveis ficar corrido de pejo pela illusão! — Nunca em o Orbe Catholico se ouviu que fosse admissivel e fundada no Evangelho a execranda doutrina que estabelece que — *todo e qualquer Christão* tem direito de *apreciar*, *afferir*, *reprehender as acções dos papas.* — Não ha principios alguns em que ella se possa estabelecer. A mesma razão natural a rejeita. E' solapado protestantismo. — O primado, não só de honra, mas tambem de jurisdicção em o Summo Pontifice é um dogma de fé, definido contra os protestantes. Ora como se lhe poderá dar, e nelle reconhecer o primado de jurisdicção, se os fieis tiverem o supposto direito de lhe dizerem: Cada um de

nós é o juiz indeclinavel das vossas acções? Não é possivel. — *E' necessario que se reconheça na Igreja um juiz que faça as vezes de Christo, a quem se obedeça* (o que de certo não se cumpre, constituindo-se qualquer Christão o reprehensor das suas acções); *de outra sorte dar-se-ha logar ás heresias e aos scismas.* » Neque aliunde hæ-» reses obortæ sunt aut nata sunt schismata, quam dum » *Sacerdoti Dei* non obtemperatur, nec unus in ecclesiâ » ad tempus judex *vice Christi* cogitatur. » Diz o grande Cypriano. (1) Com aquella pestífera e anti-catholica doutrina teriamos o povo juiz do Papa: maxima anarchica e horrivel do furioso Mazzini.

11.ª PASSAGEM.

Parece-me que ao homem catholico é licito imaginar, sem que por isso vacille a sua fé ácerca da perpetuidade do catholicismo, que a igreja se entristece, ou deve entristecer, aterrada pelo porvir; é licito suppôr que as lagrimas dos seus futuros martyres vem já de ante-mão cair-lhe ardentes sobre o seio materno. Se attribuir ao gremio dos Fieis composto de homens, os affectos de dôr, e amargura, desdiz de alguma cousa, não é de certo das tradições evangelicas, nem das tradições dos antigos padres. (2)

O cathegorico escriptor depois de empunhar e manejar a inflexivel vara ou bastão de — *Censor castigatorque Paparum* —; e dar licença e amplo poder a todo o bicho careta para com ella, á sua *louvavel* imitação *dar para baixo* em todo e qualquer Pontifice, que lhe ficasse, ou não a geito; vem em final conclusão do seu Opusculo — *Considerações Pacificas* — dar a sua argolada na futura Igreja. — No preambulo, ou aranzel que precede a passagem transcripta, apparece como pendão, que vem á frente do seu sentimentalismo pelo futuro da Igreja, a incerteza que inquieta o seu animo sobre — *se a idéa revolucionaria da Italia apodreceu ou não para sempre encharcada no sangue que as balas e bayone-*

(1) Epist. 55.
(2) Considerações Pacificas, pag. 16.

tas francezas e austriacas derramaram á voz da curia romana! (1) — E' bem de ver que offerecendo-se-lhe occasião de fazer apparecer em scena como sanguinaria a Curia Romana, embora lhe dessem uma solemne roda de mentiroso, ou cousa que com isso se parecesse, não havia de perder pitada! — Não fica aqui. Atraz do pendão segue logo, mas sem deixar de manejar o tal bastão, o philantropo mavioso, continuando a cantilena com o problema: — *Se a politica das masmorras, dos desterros, da compressão inexoravel, preferida á politica evangelica da tolerancia, do perdão das injurias, da caridade sem limites, poderá varrer para sempre dos animos italianos o odio do dominio estrangeiro (quer directo, quer indirecto) e o amor da liberdade politica?* (2) E termina por ultimo: *Quem saberá dizer até onde chegarão os excessos da colera e da vingança, azedadas pelo padecer, e até certo ponto legitimadas por elle, se legitimidade se póde dar em taes sentimentos?* (3) Tudo isto, segundo o arvorado theologo com fumos de profeta, vem para fazer mostrar a quem lhe quizer dar ouvidos, a incerteza que ha, *se esperam a igreja dias serenos, se dias de tribulação.* Vamos a dar em terra com tão balofas trincheiras. — A quem se dirige aquella tirada da *politica das masmorras* com o mais que a aduba, e recheia? Dirige-se ao governo do actual Pontifice. Não ha quem o duvide. Segundo o que se deduz do vosso dizer quereis que o governo pontificio não use dos meios da coacção, como authoridade temporal, para reprimir os revolucionarios incorrigiveis e audazes, que attentam contra a posse pacifica dos seus dominios! Vindes com as doutrinas evangelicas!.... Pois vós tendes mais capacidade, mais sciencia, mais virtude que o Summo Pontifice para interpretardes melhor do que elle o Evangelho? Envergonhai-vos de um tal excesso de deslumbramento intellectual! Humilhai-vos, e pedi perdão do attentado ao Chefe da Igreja!

(1) Considerações Pacificas, pag. 16.
(2) Considerações Pacificas, pag. 16.
(3) Considerações Pacificas, pag. 16.

Mas em que logar do Evangelho se acha prohibido que os principes temporaes não possam usar de castigos congruentes para reprimir aquelles que contra elles se rebellam? Vós não sabendo entender o Evangelho, indirectamente propalaes idéas anti-governativas. Todo o mundo sabe que o Pontifice Romano, é o pai commum dos Fieis, o arbitro da paz, e não o facho da guerra; *mas é quando a cousa é possivel*, diz um judicioso escriptor. *Se elle é atacado, de que lhe serve a qualidade de Pai commum? Deve pôr ventura limitar-se a abençoar as peças de artilharia que contra elle se apontam?* (1) Não ha maxima alguma no Evangelho, que prohiba ao Pontifice usar d'aquelles meios de defeza, que são licitos aos Principes seculares. Jesus Christo não veio estabelecer um Evangelho, que houvesse de servir de baluarte, de velhacouto aos máos, para a seu salvo ludibriarem o seu Vigario sobre a terra. Se a Providencia, para maior independencia do Poder Espiritual, permittiu que o Chefe da Igreja tivesse Estados, que governasse como Principe temporal, não foi para que os seus inimigos impunemente os atacassem, proclamando-o indefenso pelo Evangelho — Não se póde bem governar qualquer Estado sem ter o direito de o poder defender dos seus aggressores; e a politica do Evangelho não ensina a governar mal. — A mansidão evangelica não é um elemento de pusillanimidade para alimentar o furor dos perversos contra o Pontifice. E se elles pensam que o sceptro que elle empunha é o sceptro de vilipendio, que os Judeos pozeram nas mãos do Filho de Deos; lembrem-se que elles não ficaram sem castigo.

Tocaes (nem era para vos esquecer) no *dominio estrangeiro, quer directo, quer indirecto*, que os Italianos odeiam. (2) Acaso entendeis por aquelle dominio estrangeiro indirecto o dominio temporal do Papa? Desde já vos emprazamos para que expliqueis o enigma. A expressão é pois suspeita. Talvez ande na boca d'aquelles que não tem duvida de ser inimigos declarados do poder temporal do Papa! — Vamos agora ao ponto principal.

(1) Du Pape, Vol. 1.º, L. 2.º, Cap. 6.º, pag. 261.
(2) Considerações Pacificas, pag. 16.

Na passagem transcripta avança o Author que a Igreja se *entristece, ou deve entristecer aterrada pelo porvir* ou futuro, que é a mesma cousa. — E' pelas mesmas provas que eu torno insubsistente a referida asserção. Quaes são ellas? 1.º Chama em seu auxilio o escriptor a authoridade de Santo Hilario por estes termos: *Já no seculo VI Santo Hilario de Poitiers observava quão frequente era pintar-nos o evangelho como triste e afflicto o Filho de Deus.* (1) Começarei primeiro que tudo por declarar que Santo Hilario de Poitiers não foi do 6.º seculo, como se acha impresso no Opusculo do Author, porém sim do 4.º seculo. Feita esta emenda entremos na questão.

Que tem a observação de Santo Hilario com o que quer provar o Author? Nada em todo o rigor da palavra. O Santo explicando o logar do Psalmo 53: *Non proposuerunt Deum ante conspectum suum*, em o N.º 8.º do Tractado, disse incidentemente, que o Evangelho nos mostrava frequentemente a alma do Filho de Deos de um modo triste e afflicto: *Quae frequenter in Evangeliis tristis et moesta est.* (2) — Que tem porém esta tristeza e afflicção do Filho de Deos (por se ver no meio dos homens todo cercado de inimigos, como entende Santo Hilario), que nos retrata o Evangelho, com a pintura da *Igreja aterrada pelo futuro*; que o bom do escriptor depois de passar dezoito seculos e meio, nos quer por força embutir? Ninguem ainda disse, que aquella tristeza de Jesus Christo era, em sentido algum, accommodada á tristeza da Igreja. A intelligencia pois torcida e violenta, que se lhe dá, está inteiramente fóra do sentido accommodaticio. Ha na citação produzida uma total disparidade; e, para dizer tudo, um dos mais qualificados disparates.

Porém, o que é mais de admirar, é que o escriptor foi buscar armas contra elle proprio! Sim, o Santo Bispo longe de em algum logar patrocinar as suas estram-

(1) Considerações Pacificas, pag. 17.
(2) Note-se que — *frequenter* — não quer dizer — *quão frequente* — como traduzira o Escriptor, que impugnamos. E' mais uma *exaggeraçãosinha*, pelo menos, que deve ir para o registro!

boticas idéas, é um dos luminares da religião, que mais energica e elegantemente nos pinta a Santa Igreja, no tempo da borrasca, leda, e revestida de animo e vigor, sem algum minimo signal de entrestecimento ou consternação pelo seu futuro destino. » O caracter proprio » da Igreja é vencer quando é offendida; fazer-se en- » tender quando é arguida; vencer quando é desampa- » rada: *Hoc enim Ecclesiae proprium est, ut tunc vin-* » *cat cùm laeditur, tunc intelligatur cùm arguitur, tunc* » *obtineat cùm deseritur.* » (1) Quem assim se exprime está mui distante de imaginar um futuro aterrador para a Igreja. Pelo contrario, das palavras do Santo deve-se tirar uma conclusão opposta.

2.º E' a authoridade de S Gregorio Magno. — S. Gregorio Magno, diz elle, não duvidava de dizer: *A santa Igreja em quanto vive esta vida de corrupção, não cessa de chorar os damnos das vicissitudes por que passa:* e n'outra parte: *A dôr esmaga a igreja quando vê os perversos prosperarem na propria maldade.* » E' d'essas vi- » cissitudes a que allude o santo pontifice, que eu fal- » lo; é a essas vicissitudes, demaziado provaveis, que » os erros dos homens, as paixões anti-christãs do sa- » cerdocio triunfante ajuntam, nas minhas previsões, » um caracter de terribilidade. » (2)

Quem reflectir nas authoridades transcriptas, sem estar dominado da influencia do proloquio: *Quod volumus facile credimus*; ha de sem questão convencer-se, que ellas não podem ter a applicação, que lhes dá o Escriptor que analyzamos. A primeira é tirada do Liv. 8.º sobre o Cap. 7.º do Santo Job, Cap. X, segundo a edição Maurana; que diz: *Sancta verò Ecclesia quousque vitam corruptionis ducit, flere mutabilitatis suae damna non desinit.* — Tudo o que aqui se diz é evidente, para todo aquelle que entender devidamente a lingua latina, que se refere só ao presente, e nada ao futuro. Como quer pois o Author, que tenha applicação ao que intenta? — Porém não é ainda por este lado, que eu pretendo inutilizar a allegada authoridade. E'

(1) De Trinitate, L. 7. §. 4.
(2) Considerações Pacificas, pag. 17.

pelo seu proprio sentido. O Antagonista do Clero attribuiu na traducção, que fez da passagem de S. Gregorio, a tal *vida de corrupção*, á Santa Igreja; o que é falsissimo que o Santo attribuisse. Esta attribuição parece-se com as da theologia protestante, que a cada passo procura falsificar os textos dos Santos Padres, para fazer acreditar que a Santa Igreja é a corrupta Babylonia! — Note-se que o traductor dissera — *esta vida de corrupção* — quando o texto diz só em geral, e sem aquella restricção — *vitam corruptionis.* — A tal *vida de corrupção* pois de que falla o Santo não tem referencia alguma á Santa Igreja (insistamos ainda), e só sim á corrupção do homem decahido do estado da graça; os damnos de cuja inconstancia ella não cessa de lamentar. Lêa-se o mencionado Capitulo, e plenamente qualquer que o analyzar conhecerá a verdade do que affirmamos. — Logo em seguida ás palavras copiadas, e traduzidas do Santo vem, como para explicar claramente o sentido, as seguintes expressões: » O fim por quanto para que » o homem tinha sido creado, foi para que existindo » no mesmo estado de innocencia o seu espirito se ele- » vasse ao alcaçar da contemplação, e nenhuma corrup- » ção o podesse affastar do amor do seu Creador. » *Ad hoc namque homo conditus fuerat; ut stante mente, in arcem se contemplationis erigeret, et nulla hunc corruptio à conditoris sui amore declinaret.* Por aqui se póde bem ver a falsidade, a inepcia, e não sei se mais alguma cousa, com que se applicou o logar do Santo Doutor.

A segunda passagem, que se produz, é a traducção do texto do dito Santo, que se lê em o Capitulo 7.º da edição Maurana, Livro 13 da mesma Obra; e diz assim: *Dolore suo Sancta Ecclesia premitur, quando in malitia sua crescere perversos intuetur.* — Tudo o que denotam estas palavras significa a olhos vistos, e sem admittir alguma outra hermeneutica, só o que é presente; e nenhuma allusão por ellas se póde fazer ao futuro ideal, triste e carrancudo, com que a luxuriante imaginação do escriptor portuguez ensambenita a Santa Igreja. Ao contrario logo, quasi proximo ao logar citado, se vê que o futuro que o Santo espera, depois do tempo da dôr, é um futuro de prazer para a mesma Igreja: *Videlicet tempus*

doloris Ecclesiae modo est, et tempus gaudii postmodum sequitur. E não será digna da mais alti-sonante çurriada a leviandade, a ignorancia ou a dobreza com que se apenam e angariam os textos dos Padres da Igreja para os fazer comprovar á força e a esmo aquillo que nem a sua lettra, nem o seu sentido nunca contiveram? De um apupo com mais cheios, sustenidos, e volatas, do que aquelles, com que certo abjectissimo Folhetim, em obsequio, ou por ordem do polidissimo Escriptor do *Eu e o Clero*, mimoseou o Author da *Justa Desaffronta?* E' sem duvida.

Se não fôra por ventura uma pura questão de apparato; proporia agora ao Escriptor das *Considerações Pacificas*, para resolver quando tivesse vagar e sangue frio (o que mui bem poderia servir de Appendix a uma cousa escripta, que por imitação, ou *emulação*, como talvez haja quem pense, ás Bullas dos Papas, se intitulou *Solemnia verba*, (1)) o especioso *Quodlibeto*: Se é ou não, *sancho-pançada* romantica e risivel, o metter-se qualquer, sem sciencia propria e adequada, sem officio, nem missão, que o authorize, a fabricar em sua livre, e despotica fantasia, a sorte futura da Igreja; designando-lhe por sua alta recreação, em tom de oraculo, no panorama das suas profeticas *previsões um caracter de terribilidade?* — Porém se já passou esse tempo de problemas de apparato; eu não julgo estar já fóra d'aquelle, em que fiado na bondade do Author (que espero por isso não me ha de mandar pôr no Burlesco) o propôr-lhe os seguintes quesitos: 1.º Se não é ridiculissimo e até anti-theologico *suppôr que as lagrimas dos futuros martyres da Igreja vem já de ante-mão cair-lhe ardentes sobre o seio materno?* (2) — Quando é que a Igreja Catholica teve, ou ha de jámais ter martyres, que venham derramar *lagrimas ardentes* sobre o seio della? Nunca. Esta pintura é injuriosissima aos Martyres. Nega-lhes a sua constancia, e intrepidez em encarar o martyrio; e em logar da sobrenatural alegria, que bem testificava o seu

(1) Logo que podermos, daremos a publico uns *Commentarios* sobre este Opusculo do Author do — *Eu e o Clero.*
(2) Considerações Pacificas, pag. 16.

heroico valor e esforço, os affigura cobardes e tristes, chorando a sua sorte com *lagrimas ardentes.* Não está coherente com as promessas que Jesus Christo fizera aos combatentes intrepidos da sua fé, nem com o que elles praticaram: *Ibant gaudentes à conspectu concilii.* (1)

2.º Porque empregou a expressão *tradições evangelicas?* Acaso o Evangelho encerra algumas tradições? Nenhumas. O que elle contém não é obra havida da tradição. Encerra factos, encerra doutrinas contadas, e recolhidas pelos proprios que as presenciaram. E' monumento da palavra de Deos escripta, e não tradita! — Temo que se tal expressão se admittir a respeito do Evangelho, brevemente, se não houver cautela, o vejamos a par das mais tradições, condemnadas a soffrer garrote! *Tradições Apostolicas* todo o mundo sabe o que sejam. *Tradições Evangelicas* é cousa nova na Theologia Orthodoxa. — *Tradições Evangelicas* com referencia ao que se acha escripto no Evangelho, tem todo o cheiro de Protestantismo. Talvez sejam as suas Tradições *inhesivas* com outro carimbo!...

3.º Que paixões são essas *anti-christãs do Sacerdocio triumfante* que especialmente podem influir nas *vicissitudes* da Igreja? (2) — E' toleravel uma tal generalidade infamante a respeito do Clero Romano? Nunca.

E que me dizem á expressão, que não sei porque ía escapando das talas da analyse — *A dôr esmaga a Igreja?* — E' ou não é romantica? E': e dos quatro costados!... Que digo?... E' metaphora muito impropria para se applicar á Santa Igreja.... Não ha dôr que possa *esmagar* aquella que triunfa do erro, da perseguição, do exterminio, e da morte; a Filha Immortal do Redemptor do mundo, o Monumento do seu Poder Augusto, da sua Sabedoria, e da sua Santidade. — Pelo contrario uma das suas propriedades, conforme diz o eloquente Hilario, é florecer quando é perseguida, crescer quando é opprimida. *Dum persequitur floret; dum opprimitur crescit.* — Mas se a dôr póde esmagar a Igreja; como é que póde verificar-se a seu respeito o Oraculo do

(1) Act Apost. Cap. 5, v. 41.
(2) Considerações Pacificas, pag. 17.

seu Fundador: *Portae inferi non praevalebunt adversus eam?* Uma dôr por certo de calibre tão infernal prevaleceria contra o Divino Oraculo; o que é um absurdo heterodoxo.

Porém será verdade que S. Gregorio Magno, a quem se attribue, pronunciasse aquella expressão? E' falsissimo. Foi o Author que manifestamente não soube traduzir as palavras originaes do Santo — *Dolore suo Sancta ecclesia premitur.* — *Esmagar* quer dizer em nossa lingua — *comprimir* até *fazer rebentar*, ou *reduzir a pedaços*. O que os Latinos ordinariamente exprimem pelo verbo — *illidere*, e outros compostos do verbo *laedo*; e nem sequer achamos que *premo* fosse seu synonymo. O mesmo dizemos na lingua portugueza a respeito de *opprimir* e *esmagar*. Aquella traducção pois seria fiel se se dissesse: *A Santa Igreja é opprimida, ou consterna-se de dôr.* E note-se ainda mais que o Santo accrescentou o possessivo — *suo* — para denotar que não era qualquer dôr; porém tão sómente aquella que é propria, e compativel com o seu excelso caracter.

Fecharia já o circulo da longa tarefa se uma questão de fórma; me não devesse ainda chamar ao campo da discussão. Esta questão de fórma, como é bem de ver, é a questão do estillo. — Que estillo se deve empregar para responder a um escriptor audaz, que desembésta contra o Clero da sua nação com uma diatribe virulenta; na qual entre outros epithetos e frases ultrajantes apparecem as expressões — *ignorancia perversa e hypocrisia insensata*, com que o apoda? A um escriptor, que sem o devido respeito ao Ex.mo Cardeal Patriarcha, e mais Prelados do reino, a quem se dirige; vem ameaçar o Clero com tanta, ou mais soberania que um *Bachá* a seus escravos, um Sultão a seus eunuchos? (1) O

(1) Tal é o caracter que denotam as palavras: Sei e posso eu fazel-o (o desaggravar-se), se cumprir, de um modo que sirva de escarmento á ignorancia perversa, e á hypocrisia insensata. — (*Eu e o Clero*, pag, 3.)

escriptor que assim se comporta levanta um brado, um grito de guerra; lança uma luva, que qualquer póde levantar para o bater com as mesmas armas. Foi elle que gizou a fórma, a etiqueta do combate; não deve pois estranhar que o seu antagonista appareça no campo da contenda com a mesma armadura. Estabeleceu pelo seu procedimento o direito das represalias; não tem por tanto motivo para estranhar, se o seu adversario lhas fizer. Se se queixar é um injusto, é um indigno, que desconhece com escandalo o principio da igualdade reciproca, que o direito natural tem estabelecido entre os homens. E' um despota cobarde e insensato que quer ter o direito de offender, sem que os offendidos possam usar das mesmas armas para vingar a affronta. E' um escarnecedor completo do principio immutavel do direito da natureza: *Não faças aos outros o que não queres te façam a ti.* Eis-aqui o problema resolvido em these, vamos agora a contemplal-o em hypothese. — E' um do Clero que apparece em campo para tomar a desaffronta da sua Classe. Acaso porque é membro do Clero devem logo cessar para com elle todos os principios de direito natural que favorecem os outros homens? Acaso deve emmudecer em favor delle a lei universal do mundo social, e reduzil-o para logo ao estado de mero escravo, e menos ainda? A ser obrigado a beijar o azurrague, com que o atrevido, o insolente zurzira a sua corporação, sem poder lançar mão de outro azurrague igual para poder fustigar exemplarmente o aggressor? Renunciou elle por ventura aos direitos naturaes de uma igual defeza? Para se admittir um similhante absurdo é preciso que se mostre que o Clerigo não é homem, não é cidadão. Debaixo destes dois respeitos tem pois elle illeso o direito de uma igual defeza.

Obsta-lhe, dizeis, o seu caracter, as maximas do Evangelho. — Mas porque o seu caracter deve ser doce e suave, segundo os dictames do Evangelho, segue-se logo que não poderá usar de vehemencia, e decidida energia para confutar, e reprehender em seus escriptos o furioso que o vem insultar e á sua Classe? Se assim fosse então o Filho de Deos tivera deixado de ser exemplar daquellas tão sublimes virtudes; porque cha-

mara aos Scribas e Phariseos *generatio mala et adultera* (1) geração má e adultera; e n'outra parte — geração de viboras, *progenies viperarum.* (2) — Não teria lançado para fóra a golpes de azurrague os que traficavam no templo. — Se assim fosse o mesmo Redemptor do mundo, segundo refere o suavissimo Evangelista S. João, não daria aos mesmos Scribas e Phariseos o nome de *filhos do diabo.* — Vos ex patre diabulo estis. (3) — » *Lembrai-vos* (dizia em identicas circumstancia Mr. de La» harpe) vós que nos taxaes de *azedume* e *amargura*; » lembrai-vos sim com que tom o Legislador do Evan» gelho falla aos phariseos, aos scribas, aos doutores da » lei, que apparentemente valiam bem os nossos philo» sophos. E de que violentas expressões se não serve el» le, elle sim que dizia ao mesmo tempo: *Aprendei de » mim que sou manso e humilde de coração*, e que tal » com' effeito se mostrou, por confissão dos mesmos phi» losophos? Lembrai-vos, como S. Jeronymo, Santo » Agostinho tratavam a heresia; e que heresia fez tan» to mal, como a vossa *philosophia?* (4)

Alardeaes com o Evangelho (livro que talvez muitos que nelle fallam não tenham lido, nem saibam o que isso seja); mas não é pelo mesmo Evangelho que vós sois obrigados, por preceito divino, a respeitar o Sacerdocio, e a não insultal-o? — Pensaes que o Evangelho é só para os Clerigos? Estaes muito enganados. Porém se estaes persuadidos que não offendeis o Evangelho, insultando aleivosa e impudentemente o Clero; muito menos deveis julgar que o Clero o offende; quando servindo-se de uma argumentação forte, irresistivel e compacta, e esta reforçada por uma linguagem vehemente, fulminante, triumfantemente se defende.— Prégarão ainda com o logar do Evangelho, que abolindo a pena de talião, diz: *Se alguem te ferir na face direita, offerece-lhe tambem a esquerda.* (5) Esta prégação porém deve

(1) Matth. Cap. 12. v. 39.
(2) Joan. Evang. Cap. 8. v. 44.
(3) Matth. Cap. 12, v. 34.
(4) Lettre de M. de La Harpe à La Revelliere. — Lepeaux etc. A' Londres 1797.
(5) Matth, Cap. 5. v. 39.

primeiro ser feita áquelle que, sob o pretexto de vingar *offensas immerecidas*, que não provara, contra todas as conveniencias religiosas, e ainda sociaes, vem atacar tyrannicamente o Clero; e não exclusivamente ao seu defensor, que armando-se de um estillo forte e cheio de vehemencia, o vem desaffrontar. — A respeito do texto allegado saibam que ninguem entendeu, nem era possivel entender que elle excluía ou antes prohibia ao Christão uma justa defeza contra o aggressor. O Evangelho não veio abalar, e menos destruir os principios eternos do direito natural. Veio confirmal-os. O preceito pois do Evangelho não se entende tanto do acto externo; como denota a disposição interna, em que qualquer deve estar de antes soffrer qualquer injuria, que romper o vinculo da caridade fraterna, como ensinam Santo Agostinho e Santo Thomaz. — Isto não obstante podem dar-se certos casos em que mui bem se póde conciliar aquella disposição interna com o acto externo de uma justa pessoal defeza, e muito mais de uma Corporação. E quaes são esses casos? Não são por ventura quando a injuria é publica, quando se ataca uma Classe respeitavel; quando em fim é em prejuizo de terceiro? Sem duvida. Prevalece então o direito de repellir a calumnia para que não fique triumfante contra a innocencia. Proclamam-o assim os principios de justiça primordial, contra os quaes não póde prevalecer a caridade fraterna; nem esta póde dar-se, sem existirem aquelles. — A mesma caridade fraterna exige que se dê a conveniente e adequada correcção ao aggressor para que se emende, e não continue a prevaricar.

Se por aquélla doutrina não fosse licito rebater a audacia do aggressor, então teriamos a lei evangelica mais favoravel aos máos que aos bons, aos culpados que aos innocentes: o que não se póde admittir sem absurdo. E' porém o proprio Evangelho, que authoriza tanto a correcção como o castigo dos delinquentes, e é a este fim que se dirige o direito de defeza.

Em presença destas theorias intergiversaveis que ha que dizer ao estillo que empregou o Author da — *Justa Desaffronta em defeza do Clero* — para desmoronar o baluarte que contra elle tinha vomitado execrando fogo?

Empreguei contra elle um estillo energico e fulminante; e de que outro estillo me deveria servir para rebater a sem igual audacia? Qualifiquei-a com os epithetos meramente deduzidos da insolencia da doutrina, e maneira ultrajante, com que o aggressor tratára o Clero; que excesso ha pois neste procedimento do Author da *Justa Desaffronta?* Acaso quereriam que eu não caracterisasse as cousas com o seu verdadeiro nome? A lingoagem porém leal e franca; é aquella que nos recommenda o Evangelho: *Sit sermo vester, est, est, non, non.* (1) Queriam que eu não dissesse a verdade com toda a sua nudez e crueza? Que eu não despojasse o erro, o absurdo de todos aquelles atavios com que se enfeitava? Que eu não fizesse vêr em toda a sua extensão a grandeza do seu ridiculo? Não reconheço lei alguma no universo que a isso me obrigue. — Não ataquei a vida privada do individuo; não apontei, nem alludi a facto algum da sua biografia moral. Isto é que seria indigno do homem e do Sacerdote. Aonde está pois essa virulencia ou fel do estillo que os agentes da algazarra verdadeiramente virulenta, lhe pertendem achar? Empregar toda a valentia, toda a vehemencia de estillo para anniquilar as calumnias e aleivosias, que se achavam no escripto impudentissimo — *Eu e o Clero*; não poderá jámais ter devidamente o nome de virulencia. Essa supposta virulencia neutralisa-se, perde-se logo; quando se reflecte na natureza atroz das passagens do escripto contra as quaes ella se emprega. — Não ataco o homem, como tal devo ama-lo. E' meu proximo. — Ataco o escripto, e como tal posso aborrecer, posso ridicularisar até ao excesso, até á saciedade as suas falsas, e perversas doutrinas: que lei religiosa ha que o possa prohibir? Ha por ventura alguma lei no Evangelho que prohiba apresentar as falsas asserções contra a sã doutrina em toda a sua hediondez para que se não sigam e abominem? Ah! Se não póde haver excesso em louvar a virtude, e fazel-a apparecer entre os homens com todos os attractivos para que a amem e prezem; muito menos o póde haver em fazer apparecer o vicio com todos os trages

(1) Math. Cap. 5. v. 37.

torpissimos, e ridiculos da sua fealdade? Será por ventura irreligioso e improprio do escriptor da Classe do Clero o fazer apresentar as doutrinas protestantes, ou as que com ellas se parecem, no campo do ridiculo, para que a par da demonstração da sua falsidade mais sejam detestadas e abominadas? Irreligioso seria não dizer o contrario. Mostrai-me aonde está na Escriptura, no Evangelho o preceito: » Não voteis ao ridiculo as loucas e » funestas doutrinas, que bravatear toda e qualquer an- » cha e presumida sapiencia! » Quando mo mostrardes mudarei de estillo. — No Evangelho acha-se authorizada a brandura, e a severidade. E quem póde duvidar que esta, em materia de estillo, é muitas vezes mais proficua?

» Diz-se, e eu reconheço, que as obras de Vol- » taire fazem mais mal em um dia de leitura, do que » de bem em um anno as dos Apologistas da Religião; » mas porque acontece assim? Porque jovialidades, chis- » tes, e ironias são as armas de que elle se serve, quan- » do os seus adversarios empregam um estillo arido e » secco. *Seja defendida a Religião com as mesmas armas* » *com que é atacada, e as Apologias serão lidas com a-* » *videz.* » Assim opinava um dos illustres ornamentos do Parlamento Portuguez, ha 30 annos. (1) Eis-aqui proclamado o principio da igualdade; e o Evangelho não o destroe. Ensina-nos devidamente a entendel-o.

Porém a questão do estillo se se transporta ao campo do parallelo; quanto não sáe triumfante o Author da *Justa Desaffronta!* — Sim, ó antagonista do Clero, como podereis vós fallar de estillo, á vista dessa algazarra, desse *charivari* tão infame, como indecente, com que vós e os vossos *Encomiastas* tem insultado, tem atroz e viperinamente apupado o Escriptor da — *Justa Desaffronta em defeza do Clero?* Como vos podereis vós ainda queixar do estillo, e mais a vossa achincalhadora comitiva, á vista dessas caricaturas de insulsa e grutes-

(1) O Deputado e Jurisconsulto insigne *José Antonio Guerreiro*, que depois foi Ministro e Conselheiro d'Estado etc., fallando sobre a liberdade de imprensa em materias religiosas nas Cortes de 1821.

ca fantasia, com que no chamado — Burlesco — o tendes pretendido expôr á irrisão publica? Que dirieis vós se elle tivesse usado da mesma arma!... Facil lhe seria tambem usar della.... Tal nunca porém fará. Elle a reputa como a arma vil do ignorante, e do cobarde, degradante para o homem litterato, e indignissima do caracter Christão. E fallaes em Evangelho praticando taes ultrajes, pasquinadas tão grosseiras, e selvagens? Que contradicção! Ou antes, que ultraje debaixo de zelo tão pharisaico lhe fazeis! Não ganhaes todavia proselytos. Ninguem ha pois que não conheça a futilidade da estrategia, e sorrindo-se a não despreze. — Se respeitasseis o Evangelho, vós respeitarieis igualmente o Clero, e não farieis delle alvo dos mais affrontosos, e iniquos tiros.

Mas que vergonha não é que um homem, que inculca, e quer que todos se persuadam que tem já ganhado um nome immortal na republica das lettras, tenha apresentado este painel tão triste no mundo litterario? Que miseria não é que esse homem que pretendia ter a corôa e o sceptro da litteratura em Portugal (que por signal elle chrismou em *canto obscuro da Europa*, aonde tambem achou *pulpitos obscuros* (1)) se transformasse no escriptor da chocarreira e gaiatal Carta dirigida ao Author da *Justa Desaffronta em defeza do Clero*, em que elle, tomando a liberdade de palhaço, ou caturra sem graça, se figura de *moribundo?* (2) Que apontoado de sandices! Nunca se viu sahir em tempo algum da boca de um litterato uma estrumeira, uma postêma mais nojenta!... Levantaste contra ti proprio, *ó moribundo*, um padrão de opprobrio!... E á vista deste procedimento tão burlesco, e satyrico; pretendereis ainda que não vos ridiculizem? — Sois vós que pelas vossas expressões mordazes e ferinas contra o Clero, sim, chamastes desde logo a

(1) Eu e o Clero, pag. 20.

(2) E' o titulo da tal producção chula: Cartas ao Muito Reverendo em Christo Padre Francisco Recreio, Socio Effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Bibliothecario da mesma Academia, Author do Elogio Necrologico, da Justa Desaffronta em Defeza, e de varias Obras ineditas. Por um Moribundo. No fim vem assignado: *A. Herculano.* — Foi pena que ficasse só na primeira Carta este monumento de litteratura!...

questão ao campo da satyra Porque estranhaes pois de nelle mesmo ser batido? Querieis acaso á sombra do Evangelho satyrizar os Ministros do mesmo Evangelho? O Evangelho não é contra si mesmo. — E' porém com chufas, vaias e apupos tão insulsos, como insolentes, que se responde aos argumentos, com que vos mancatou o Author da *Refutação Analytica* do — Eu e o Clero? — Pensastes que com arreeiradas, e chocarrices da relé poderieis atenuar a força do escripto adverso? Enganastes-vos. São ellas justamente a prova positiva, que não podeis, que não sabeis responder á sciencia. — Todos os imparciaes assim o julgam.... A doutrina do Folheto está ainda illesa, e triumfante, e este atravessando fulgoroso atravez da celeuma da turba *algazarreira*, como a centelha por entre os agoaceiros do granizo, póde dizer com o poeta: *Volito vivus per ora virûm.* — Quanto mais gritavam, tanto mais o Folheto se vendia!... Graças á assuada *epistolo-folhetineira!*...

Mas porque razão, deixadas essas algazarras, e apupos da nova praça de touros, directa e scientificamente não respondestes ao Folheto? Porque não abysmastes o Orbe litterario com um milagre de nunca vista sabedoria? Não era por ventura isto que só vos convinha praticar? Não o fizestes. Chamastes-me ao campo do ridiculo; não tendes de que vos queixar. — Querem ouvir agora a escusa já de ante-mão preparada; ella ahi vai: *A' ignorancia presumida, ou á insolencia estupida.... não costumo fazer a honra de responder. — Que os hypocritas façam visagens beatas contra a minha impiedade; que me proclamem herege ou o que elles quizerem, cousas são estas com que nenhum homem de juizo se afflige, porque assaduras inquisitoriaes, mercê de Deos, acabaram para sempre. A raça dos escribas e phariseus, o peior flagello que Christo encontrou na terra, e que elle mais cordealmente amaldiçoou* (1) *é immortal e immutavel; mas*

(1) Quem disse ao Escriptor que o *peior flagello que Christo encontrou na terra foi a raça dos Scribas e Phariseos?* Ninguem por certo; e só a sua imaginação. — Parece incrivel que o Author escrevesse um absurdo de tal magnitude. O *peior flagello que Christo encontrou na terra* foi o peccado. Até aqui chega a Theologia de qualquer idiota.

deixal-a viver. Quem diz ao sapo: » não sejas asqueroso? » *Quem diz á vibora:* » não sejas peçonhenta? » *Babem e mordam; é o seu destino, coitados!* — *O que eu não tolerarei é que me chamem de novo a mim ou aos meus escriptos a figurarmos no meio das parvoices sacrilegas com que deshonram os pulpitos. Que os prelados façam ou não o seu dever a este respeito, pouco me importa. Estejam certos que não será a SS. EE. que pedirei desaggravo.* (1)

Quem com similhantes allusões fustiga o Clero, *raça* para elle de *scribas e phariseus*, a quem parece por burla caracteriza com os epithetos de *immortal e immutavel* (o ultimo dos quaes epithetos só compete á Divindade; e não sei porque os dois sejam applicaveis a tal raça); era bem de ver que quando se dignasse responder a qualquer *ignorancia presumida* ou *insolencia estupida*, que tomasse deveras sobre si a defeza do Clero, havia de ser pelo methodo *sublime* da escola bacchanal! E' aquella que justamente todo o mundo tem visto praticar pelo Author do *Eu e o Clero* contra o Escriptor da — *Justa Desaffronta em defeza do Clero.* — Este plano de desforra é o mais prompto, e commodo, e para certos litteratos o mais valente! *Non equidem invideo miror magis.*

Temos dado fim á Apologia do estillo. Julgámo-nos devedor desta etiqueta a esses *escrupulosos* declamadores, que não vem a tranca no seu olho, e enxergam o argueiro no alheio. *Ejice trabem de oculo tuo*, lhes poderia eu tão sómente dizer!... A sciencia porém não deve ser despotica; dei por isso a razão do meu feito. A' vista della dou-me por desobrigado de responder a qualquer invectiva que contra aquelle mais se faça. — Estou no meu direito; façam lá os *berreiros* e *escarcéos* que quizerem! Se tenho detractores; sei que tenho muitos mais Apolo-

Quem lhe disse que fôra aquella raça o flagello que Jesus Christo *mais cordealmente amaldiçoou?* — Aponte esse logar do Evangelho? Ha de ser bem tarde!... Indique um só logar em que Jesus Christo amaldiçoasse sequer alguma creatura humana? Ha de folhear debalde!... E é este o escriptor que pretende dar ao Clero lições de Theologia?... *Ubinam gentium sumus!*

(1) Considerações Pacificas, pag. 17 e 18.

gistas. Entre elles não posso deixar de contar a habil penna do Author da Traducção das *Cartas sobre o estado actual da Religião Catholica* em Inglaterra, o dignissimo Bacharel e Professor publico *José de Sousa Amado*, a quem tributamos os devidos agradecimentos pela tarefa, que espontaneamente tomara, de rebater, na parte que nos dizia respeito, o amphibio e excentrico folheto, a que deram o titulo, bem mal cabido, de *Conselhos Amigaveis*. Abundamos inteiramente nas idéas do nosso illustrado Apologista, e por isso julgamos desnecessario accrescentar mais alguma cousa contra o *tão sentimentalmente* parcialissimo escripto!... Cahiu em muito boas mãos.

FIM